

N.º 04 / 2020 | ISSN 2526-5814

REVISTA
*Formação
e Prática
Docente*



A Revista Formação e Prática Docente é uma publicação acadêmica com periodicidade anual, cujo objetivo é a divulgação de pesquisas e de experiências teórico-práticas no âmbito dos Cursos de Licenciatura do Centro Universitário Serra dos Órgãos e de outras Instituições de Ensino Superior.

Consiste em periódico na área da educação aberto a contribuições de docentes, pesquisadores e discentes, selecionadas segundo critérios de qualidade e colaboração, por meio de avaliações e revisões dos consultores ad hoc, para o aprofundamento no campo da formação docente inicial e continuada.

Editor-chefe

Luiz Antônio de Souza Pereira, UNIFESO, Brasil

Conselho Editorial

Ricardo Francisco Waizbort, FIOCRUZ, Brasil

Alessandra Santos de Assis, UFBA, Brasil

Angelo Adriano Faria de Assis, UFV, Brasil

Cristiana Callai de Souza, UFF, Brasil

Livia Baptista Nicolini, IFRJ, Brasil

Katiuscia C. Vargas Antunes, UFJF, Brasil

Adriana Hoffmann Fernandes, UNIRIO, Brasil

Maria Beatriz Villas Boas de Moraes, UNIFESO, Brasil

Editores de Seção

Relatos de Experiência - Gicele Faissal Carvalho, UNIFESO, Brasil

Artigos - Luiz Antônio de Souza Pereira, UNIFESO, Brasil

Resenhas - Gicele Faissal Carvalho, UNIFESO, Brasil

Endereço postal

Av. Alberto Torres 111,

Alto, Teresópolis/RJ

Brasil.

Formatação

Jessica Motta da Graça - Editora UNIFESO

Revisão

Anderson Marques Duarte

Capa

Marketing Unifeso

Contato para Suporte Técnico

E-mail: supsistemas@unifeso.edu.br

SUMÁRIO

EDITORIAL.....	3
A EDUCAÇÃO BRASILEIRA E SUA ESCALA DE VALORES NOS PRIMÓDIOS E NA ATUALIDADE	4
<i>Sueli Rolão Frederico</i>	
PROJETO DE DESIGN INSTRUCIONAL DO CURSO LEITURA E TIPOS DE PERSONALIDADE COMO FATORES DE APRIMORAMENTO HUMANO E PROFISSIONAL	24
<i>Carmem Lúcia Quintana</i>	
ANÁLISE DO PERFIL DOS ALUNOS INGRESSOS NO CURSO LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA NA UFRRJ-IM EM 2017.2 E 2018.1	42
<i>Bruna de Fátima Santos de Lima, Viviana da Silva Gmach Souza</i>	
PROJETO CÉLULAS NA PERSPECTIVA DE SALA DE AULA INVERTIDA	53
<i>Felina Kelly Marques Bulhões, Solange Dourado da Silva</i>	
DIVERSIDADE CULTURAL NA ESCOLA	62
<i>Rafaela da Conceição Rodrigues</i>	
A UTILIZAÇÃO DO GRAFITE COMO INSTRUMENTO DIDÁTICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA REALIZADA NO MUNICÍPIO DE IRATI/PR.....	76
<i>Pablo Jonathan Prado, Daniel Luiz Stefenon</i>	
BACICH, Lilian; MORAN, José. Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.....	89
<i>Lucas Baffi Ferreira Pinto</i>	

EDITORIAL

O presente número aborda temas que suscitam ao leitor uma reflexão acerca do fazer e saber docentes nos tempos atuais.

A proposta de Sueli Rolão Frederico é fazer-nos pensar sobre a importância da escala de valores na educação brasileira ao longo da história e como se configuram na atualidade.

Carmem Lúcia Quintana instiga-nos a tomar conhecimento do design instrucional do curso *Leitura e tipos de personalidade como fatores de aprimoramento humano e profissional*. Sua proposta, que visa ao aprimoramento da competência leitora, permite possibilidades de aplicação em diferentes espaços educacionais.

Conhecer o perfil dos ingressantes em um curso de licenciatura é importante como diagnóstico ao desenvolvimento das atividades acadêmicas a serem desenvolvidas durante a formação. Eis a que se propõem Bruna de Fátima Santos de Lima e Viviana da Silva Gmach Souza. Sua análise referente aos ingressos em Pedagogia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro não só possibilita ao leitor conhecer aquele público como pode suscitar à reflexão sobre as características de ingressantes em cursos semelhantes em outras instituições de ensino superior.

Os relatos de experiência trazem à cena temas instigantes ao momento atual. Muito se tem falado sobre sala de aula invertida. Felina Kelly Marques Bulhões e Solange Dourado da Silva falam do enfoque inovador dado à Citologia em uma escola de ensino médio com o uso dessa metodologia ativa de ensino e de aprendizagem.

Rafaela da Conceição Rodrigues aborda a diversidade cultural na escola a partir de um projeto de intervenção desenvolvido pela estudante do curso de Pedagogia do Unifeso durante o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID.

Por fim, Pablo Jonathan Prado e Daniel Luiz Stefenon contam ao leitor como se deu a utilização do grafite como instrumento didático no ensino de Geografia no âmbito das ações do Programa Residência Pedagógica em Irati, no Paraná.

Finalizando este número, Lucas Baffi Ferreira Pinto aguça-nos à leitura do livro *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*, de Lilian Bacich e José Moran, ao nos apresentar em sua resenha como os conhecidos estudiosos contribuem à reflexão sobre como ensinar e aprender com a utilização de estratégias que inserem o estudante como agente também responsável pelo seu processo de aprendizagem.

Animado à leitura? Não perca tempo: comece logo.

Abraço!

A EDUCAÇÃO BRASILEIRA E SUA ESCALA DE VALORES NOS PRIMÓRDIOS E NA ATUALIDADE

BRAZILIAN EDUCATION AND ITS SCALE OF VALUES IN PRIMORIALS AND CURRENTLY

Sueli Rolão Frederico¹

¹ Pedagoga pelo Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO). Mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis (UCP).

RESUMO

A educação brasileira, desde seu início tem como foco central a formação do indivíduo para a vida futura, pela forma de transmissão de conhecimentos, desenvolvimento de habilidades e, também, a construção de valores. Entretanto, os valores encontrados na pós-modernidade, parecem não se demonstrar estruturados na mesma maneira que os encontrados nos primórdios, o período colonial. Assim, motivado pelo assunto, foi apresentado um estudo com a finalidade de identificar, por meio da ótica da teoria dos valores, em que ordem estes se encontravam dispostos no início da educação brasileira e, em que medida, pode-se perceber hierarquizado na atualidade, aprofundando, portanto, na história da educação brasileira. Leva-se em consideração as influências e ideias educacionais ocorridas desde o início, com a chegada dos jesuítas até sua expulsão no século XVIII, sua organização pedagógica e metodológica de ensino, bem como, as ideias que influenciaram a educação nos dias atuais, séculos XX e XXI, pós-modernidade, no mesmo contexto sócio cultural. Acredita-se que a escala de valores tem uma fundamental importância na educação brasileira, e que estes estão presentes nos dias atuais, porém, a maneira a qual estão dispostos, pode vir a revelar significativas mudanças no processo educativo que ora é vivenciado.

Palavras-chave: Educação colonial. Valores. Pós-modernidade.

ABSTRACT

Since its inception, Brazilian education has focused on the formation of the individual for future life, the transmission of knowledge, the development of skills and the construction of values. However, the values found in postmodernity seem not to be structured in the same way as those found in the early colonial period. Thus, the motivation for this article arose with the purpose of identifying, through the scope of the theory of values, in what order these were arranged at the beginning of Brazilian education and, to what extent they can be perceived as hierarchical in the present, including, to do so, the history of Brazilian education. It takes into account the influences and educational ideas from the beginning, with the arrival of the Jesuits until their expulsion in the eighteenth century, their pedagogical and methodological teaching organization, as well as the ideas that influenced education in the twentieth and twentieth-first centuries, postmodernity, in the same socio-cultural context. It is believed that the scale of values has a fundamental importance in Brazilian education, and that these are present in the present day, however, the way in which they are organized may reveal significant changes in the educational process that is now experienced.

Keywords: Colonial education. Values. Postmodernity.

Introdução

Os valores, conforme Max Scheler, se apresentam como um tema relevante, no que dizem respeito ao aprendizado de sua hierarquia, momento o qual é possível instaurá-los conforme a necessidade do preenchimento de uma carência ao ser humano. Portanto, a educação é fundamental, no que tange a identificação dos valores e sua hierarquização, a fim de situar o indivíduo naquilo que é primordial ou não ao seu bem estar.

A escolha do tema se dá na contribuição dos valores encontrados nas regras educacionais dos primórdios e sua utilização no Brasil, analisando, portanto, o método educacional dos jesuítas, o Ratio Studiorum.

Os valores existentes nos primórdios da educação no Brasil necessitam de um conhecimento e entendimento, já que se encontram distantes quando comparados aos valores encontrados na pós-modernidade. Com o passar dos anos, durante a minha formação educacional, fui percebendo que a escala de valores desenvolvida na atualidade se encontrava em hierarquia diferente daquela que havia assimilado desde a minha mais tenra idade, fato que me impulsionou a aprofundar ainda mais meus estudos voltados à educação, buscando, para tanto, os possíveis motivos da dissonância destes ao meu entorno.

Após muita reflexão pessoal, me senti impelida a estudar como se iniciou a educação no Brasil trazida pelos jesuítas que aqui aportaram no século XVI e de como se deu essa escala de valores, num contexto histórico divergente dos atuais. Entender, ainda, como as ideias educacionais se manifestam na atualidade, levando em consideração as influências sofridas pela educação no momento colonial, bem como, nos séculos XX, XXI, a pós-modernidade. Com base nos pontos descritos, foi imprescindível um estudo mais atento do ensino nos primórdios, a coletânea de prescrições práticas e regras seguidas pelos padres jesuítas nas salas de aula, o Ratio Studiorum. Foi, ainda, abordado o sistema ético-filosófico dos valores, relacionando o exercício destes com os primórdios educacionais e à pós-modernidade, na visão de autores contemporâneos.

Portanto, como se encontram os valores na pós-modernidade quando comparados aos dos primórdios? Com a finalidade de obtenção de respostas, a metodologia se define na pesquisa bibliográfica focada no tema educação e teoria dos valores, de abordagem mista, bibliográfica e documental se fundamentando no método histórico-comparativo.

Aspectos históricos dos primórdios no Brasil

O descobrimento do Brasil deve ser compreendido no contexto das grandes navegações e descobrimentos de caminhos marítimos, nos séculos XV e XVI. As nações que dominavam essas navegações eram Portugal e Espanha, que se lançaram ao mar à procura de novas terras a serem exploradas. Além da busca de terras, utilizavam a rota marítima até as Índias, grande centro comercial naquele momento com a finalidade de comprar especiarias, tecidos, etc., e com isso, revendê-los na Europa, obtendo grandes lucros.

A América Latina, rica em metais preciosos e gêneros tropicais de alto valor no mercado europeu, tornou-se região de exploração pelos países ibéricos, contribuindo enormemente para o enriquecimento das metrópoles, mas, por sua função de economia complementar, revelava total dependência em relação à Europa. (VICENTINO e DORIGO, 2000, pág. 99).

O Brasil foi descoberto no dia 22 de abril de 1500 pelas caravelas da esquadra portuguesa, sob o comando de Pedro Álvares de Cabral ao aportarem no litoral sul do atual estado da Bahia e avistarem uma montanha, local batizado de Monte Pascoal. Dois dias após a chegada dos portugueses, ocorreram os primeiros contatos com os indígenas, que de acordo com a carta de Pero Vaz de Caminha, foi um encontro pacífico e de estranheza devido a grande diferença cultural existente. Assim, Portugal definiu para o Brasil “[...] algumas diretrizes e linha operacionais. Com a constatação da riqueza e da grandeza da nova descoberta portuguesa – o Brasil -, iniciou-se um processo lento, mas gradativo, de povoamento de nossa terra.” (SHIGUNOV NETO, 2015, pág. 14).

É o período de conquista e tomada da posse de terras, capitânicas hereditárias¹ e, posteriormente, com Governadores Gerais. Um modelo ordenado com a finalidade de povoar a colônia brasileira aconteceu com a expedição de Martim Afonso de Sousa, em 1531, e também, com a fundação das primeiras vilas, que iniciou em 1532 com a Vila de São Vicente e se prolongou até 1580. Portanto, “[...] iniciou a distribuição de sesmarias – lotes de terras – aos novos habitantes que se dispusessem a cultivá-las, além de dar início à plantação de cana-de-açúcar” (VICENTINO e DORIGO, 2000, pág. 70), produto de alto valor no comércio europeu da época.

Assim, o Brasil se manteve como colônia de Portugal e dependência da metrópole até a vinda da família real, no ano de 1808, século XIX. A frota que trouxe a família real de Portugal aportou em 22 de janeiro de 1808, em Salvador, que mais tarde seguiu para o Rio de Janeiro e transformou o Brasil na sede político-administrativa do Império português. Ainda no mesmo ano, D. João revogou a proibição imposta em 1785, de instalação de indústrias no Brasil.

Aspectos educacionais dos primórdios no Brasil

A educação no período colonial teve a contribuição de outras ordens religiosas como os franciscanos, beneditinos, além de ordens religiosas, como os carmelitas, mercedários e capuchinhos, porém, de forma espargida e com interrupções. Para Saviani,

[...] essas diferentes congregações religiosas operaram de forma dispersa e intermitente, sem apoio e proteção oficial, dispo de poucos recursos humanos e materiais e contando apenas com o apoio das comunidades e, eventualmente, das autoridades locais. (2013, pág. 41).

¹ [...] era uma província e que, apesar de hereditária, tinha no donatário um administrador, um mandatário do rei e não um senhor feudal, já que a propriedade da terra cabia ao Estado. Assim, a capitania não possuía um caráter autárquico e muito menos apresentou uma estrutura interior servil, mas sim fundada nos ideais lucrativos de donatários, camponeses e de exploração escravista. (VICENTINO e DORIGO, 2000, pág. 74).

O primeiro grupo de Jesuítas chegou ao Brasil em 1549, com o primeiro Governador Geral Tomé de Sousa, que trouxe consigo o primeiro grupo de seis jesuítas, comandados por Manuel da Nóbrega. Ao contrário das demais ordens religiosas que aqui chegaram, os jesuítas contaram com o apoio da Coroa Portuguesa, com ideias e princípios que se expandiram por quase todo o território da América Meridional, conquistado pelos portugueses. Nos anos de 1551 e 1553, chegaram respectivamente o segundo e terceiro grupo de jesuítas e encaminhados aos colégios jesuítas² que já havia no território brasileiro. Conhecido como o grande defensor dos índios no Brasil, padre Manuel da Nóbrega, teve importante papel no processo de catequização e colonização dos índios. Incumbiu-se de “[...] colaborar ativamente na fundação da aldeia de Piratininga (1553), que tornar-se-á posteriormente a cidade de São Paulo, no Colégio de São Paulo (1554), na cidade do Rio de Janeiro (1565).” (SHIGUNOV NETO, 2015, pág. 31).

Para Anchieta³, a ideia pedagógica era esboçada de acordo com “[...] os métodos e procedimentos considerados adequados para se atingirem aquelas mesmas finalidades inerentes à filosofia educacional consubstanciada na doutrina da Contrarreforma⁴ e expressas no plano educacional que estava sendo posto em prática.” (SAVIANI, 2013, pág. 44). Tinha o domínio do espanhol, que era sua língua nativa, bom conhecedor de outras línguas, e aprendeu o português ao se radicar em Coimbra e estudar no Colégio dos Jesuítas e dedicado ao aprendizado do latim. Anchieta logo dominou a língua falada pelos índios brasileiros, organizando a gramática e dela se utilizando para servir como trabalho pedagógico na terra nova. Para a realização de seu trabalho educacional, Anchieta fez amplo uso do idioma tupi, tanto para se comunicar com os índios como aos colonos que já conheciam a língua falada ao longo da costa brasileira.

Conhecido como o grande defensor dos índios no Brasil, padre Manuel da Nóbrega⁵ teve importante papel no processo de catequização e colonização dos índios. Incumbiu-se de “[...] colaborar ativamente na fundação da aldeia de Piratininga (1553), que tornar-se-á posteriormente a cidade de São Paulo, no Colégio de São Paulo (1554), na cidade do Rio de Janeiro (1565).” (SHIGUNOV NETO, 2015, pág. 31).

A Companhia de Jesus logrou em sua história um êxito irrefutável na utilização de seu plano de estudos, chamado *Ratio Studiorum*. Com experiência de várias décadas, o conjunto educacional dos colégios jesuítas desenvolveu um trabalho pedagógico de alto quilate, que fez com que parte de grandes nomes da humanidade tenham emanado de seus numerosos colégios. O código pedagógico desses religiosos, que guiaria a educação da Companhia de Jesus, foi sancionado em fins do século XVI.

² Colégio dos Meninos de Jesus da Bahia, Colégios de Olinda e Recife em Pernambuco, Colégios dos Meninos de Jesus em São Vicente. Os colégios de São Vicente e da Bahia foram os mais prósperos da Companhia de Jesus.

³ Padre jesuíta espanhol, santo da Igreja Católica e um dos fundadores das cidades brasileiras de São Paulo e Rio de Janeiro.

⁴ Movimento de reação da Igreja Católica a partir de 1545, ao surgir doutrinas Cristãs novas na Europa, como a liderada por Martinho Lutero, conhecido como Reforma Protestante.

⁵ Padre jesuíta português participou da primeira missão de catequização brasileira no século XVI.

Foi neste mesmo momento próspero da missão dos jesuítas no Brasil que foi dado início na Companhia de Jesus à organização de um plano de estudo abrangente que deveria ser executado nos colégios da Ordem por todo o mundo, conhecido como *Ratio atque Instituto Studiorum Societatis Iesu* ou *Ratio Studiorum*⁶, que, em sua versão definitiva, constava de 467 regras em 208 páginas. Suas origens remetem às Constituições da Companhia de Jesus feitas pelo fundador da Companhia, Inácio de Loyola, tendo entrado em vigor em 1552. Utilizado de forma padronizada e baseada em preceitos cristãos, desenvolveu um processo pedagógico que permitiu a orientação de Teologia prática, Letras e Artes.

Os jesuítas tinham uma hierarquia de valores bem definida no contexto de sua jornada até a finalização completa de suas regras, culminadas neste código pedagógico, o *Ratio Studiorum*. Essa ordem hierárquica provém claramente do Sagrado, já que a Companhia de Jesus baseou toda sua estrutura de regras para os estudantes, professores e demais componentes do corpo pedagógico de seus colégios ao afirmar que deveriam “[...] ensinar ao próximo todas as disciplinas convenientes ao nosso Instituto, de modo a levá-lo ao conhecimento e amor do Criador e Redentor nosso [...]” (FRANCA, 1952, p. 46). Isso se dá em função do cunho religioso pertinente à época⁷, com a finalidade de conservação e propagação da formação da fé católica, com o principal objetivo de limitar o avanço da reforma protestante.

São hábitos cristãos exercidos diariamente, como a caridade, renúncia e paciência, entre outros, que configuram todas as regras do *Ratio Studiorum*, perpassando aos jovens no decurso dos estudos, se transformando em costumes praticados todos os dias na educação.

Um breve olhar sobre a teoria dos valores

Os valores pertencem a um tema recente no que diz respeito ao campo filosófico, apesar de serem parte de estudos que remetem à antiguidade. Não raramente se vê o equívoco causado em relação aos conceitos das palavras, o que acontece também com a definição do termo “valor”, resultando numa interpretação pouco clara, em que o significado não demonstra uma compreensão plausível. Assim, não é uma ideia, pois “Valor, para o homem, é o que vale para ele, o que pode preencher suas necessidades, suas carências. Só se pode saber o que vale para cada um conhecendo-se o que lhe falta.” (WERNECK, 2013, pág. 19). Outro ponto a se esclarecer, é que “[...] desde a fase mitológica, até o início da contemporânea, o termo valor surge, quase que exclusivamente, com uma conotação ética, moral e de justiça. Mais tarde sim, aparecem outras referências, ou tipos de valor.” (BERESFORD, 2000, pág. 40).

⁶ “Em 1551, o padre Jerônimo Nadal formulou a primeira versão do método educacional dos jesuítas, o *Studio Societatis*, que passou por reformulações, iniciadas pelo próprio Jerônimo Nadal, retomadas, posteriormente, por Ledesma culminando com a publicação da obra *Ordo Studiorum*, em 1575, ainda de forma incompleta, devido à morte de seu mentor intelectual[...]coube ao padre Cláudio Aquaviva a tarefa de elaborar o definitivo método pedagógico da Companhia de Jesus, tendo como base a proposta de Ledesma. A primeira versão do método foi apresentada em 1585 e aprovada em 1586[...]. Somente em 1599 foi apresentada a versão definitiva do método, bastante enxuta, contendo 467 regras em 208 páginas.” (SHIGUNOV NETO, 2015, pág. 38).

⁷ Século XVI, a partir de 1545.

Para Scheler⁸ os objetos têm qualidades determinantes do que são e carregam consigo os valores. A diferença consiste na atribuição concedida a determinado bem de acordo com a necessidade desejada pelos indivíduos. Os indivíduos notam, percebem esses valores e, com isso, a sensação de agrado ou desagrado. No entanto, para o filósofo, esses valores não se iniciam no indivíduo, mas são experimentados de acordo com a natureza das coisas, universais e imprescindíveis.

De acordo com Scheler, as conexões materiais são os valores superiores e inferiores, que possuem uma disposição peculiar, incluindo todos os valores. A essa ordem, Scheler chama de hierarquia, que pode ser superior ou inferior a outro valor. Assim como os valores positivos e negativos, os superiores ou inferiores estão contidos na essência dos valores, e por isso não podem ser empregados apenas aos valores que conhecemos. A matéria e a essência do valor demonstram a possibilidade de que ele seja superior ou inferior a um outro valor como, por exemplo, o bem é superior ao mal.

A possibilidade de diferença de altura entre um e outro valor, não se encontra, porém, na quantidade, mas sim no ato de preferir. O valor se torna preferido pela sua qualidade de valor superior.

Noções de valor, não valor e contravalor

Em nossa cultura, de certa forma é comum trabalhar as ideias, definindo-as por meio de conceitos, o que pode dificultar entender o significado de valor, já que este decorre da necessidade do ser humano e corresponde a desejos e anseios. Assim, para Vera Werneck⁹, para o homem, valor é aquilo que vale para ele, a supressão de suas necessidades, o que lhe falta. Assim, só saberá o que vale, quando souber o que lhe é ausente. Portanto, valor não é uma ideia, mas aquilo que pode satisfazer algo de que um ser humano necessita, ou seja, uma carência a suprimir. Desse modo, para se entender a hierarquia de valores, é necessário compreender o que falta ao ser humano e o modo como se encontra hierarquizado.

O termo valor aparece nos dias de hoje com significados semelhantes, porém, não se demonstram iguais, tudo o que puder satisfazer a necessidade humana, constitui valor para o homem. Porém, podem ser objetivos ou subjetivos, e

Sendo os valores objetivos, serão iguais para todos desde que nas mesmas condições. Caso sejam subjetivos, vão decorrer das necessidades específicas de cada um e vão, portanto, variar de acordo com o lugar, o tempo e as diferentes situações. (WERNECK, 2013, pág. 20).

Por ser o valor advindo de um estado psicológico, consequência de um interesse ou desejo, pode este ser considerado de uma forma para alguns e diferente para outros.

⁸ Max Scheler 1874 – 1928. Filósofo alemão conhecido por seu trabalho sobre fenomenologia, ética e antropologia filosófica, bem como por sua contribuição à filosofia dos valores.

⁹ Vera Rudge Werneck, doutora em Filosofia, atualmente professora no programa de pós-graduação stricto sensu na Universidade Católica de Petrópolis, Rio de Janeiro.

O não valor se configura como o que não importa, não agrega utilidade às necessidades do indivíduo. Surge inicialmente para o homem na forma do ente¹⁰ enquanto ente, pois, que se a satisfação de suas necessidades vitais, ou seja, não possuindo base de valores para o homem, são não valores. O não valor pode ocorrer ainda pelo próprio homem, ao retirar o valor, desvalorizar, causando assim, o não valor ou mesmo ocorrer sem nenhuma interferência quando deixa de existir, quando, por exemplo, uma árvore morre é uma desvalorização espontânea, ou quando é arrancada, uma desvalorização provocada. A desvalorização, de forma diferente, continua possuindo valor, pois, ainda que o indivíduo desconheça ou negue determinado objeto de valor, este não deixa de carregar consigo o valor existente.

Além do não valor, outro ponto importante a se esclarecer, é o contravalor, que é a oposição ao valor. Pela recusa ou por falta de experiência o indivíduo pode buscar o contravalor, portanto, prejudicando-se. O contravalor pode trazer prejuízo para a parte vital, porém, não se deve confundir o que é danoso com o feio. O penoso por vezes pode ser desagradável causando incômodo, mas não pernicioso, como é o caso de alguns tratamentos de saúde, que muito embora causem desconforto, propiciam melhora à parte depois de concluídos.

O contravalor traz sofrimento ainda que nem sempre de maneira imediata, mas se caracteriza pela vivência do mal que o atordoa, o aflige e o faz padecer diante de algo. Pode ocorrer de maneira espontânea ou mesmo por meio do consentimento do indivíduo e própria deliberação, sendo que este último dependerá de sua responsabilidade e competência na refutação. Dependerá da resposta à experiência, que, se inadequada, prevalecerá o contravalor e seu conseqüente desagrado, entrando, assim, na vida do indivíduo de forma natural, alheia à sua vontade e, quando instaurado, devido ao seu consentimento e escolha.

Pode-se mesmo pensar que a capacidade humana para o sentimento é inata, porém, esta deve ser desenvolvida pela educação, para que se dê a apreensão dos valores. É importante esclarecer que somente o desenvolvimento do intelecto não conduz ao comportamento afetivo adequado para essa finalidade, necessitando, porém, de aprendizado específico.

O Brasil na pós-modernidade e a influência das ideias educacionais

Os séculos XX e XXI no Brasil, a pós-modernidade, receberam influências de algumas doutrinas, deixando marcas na educação, as quais podem ser vistas e sentidas até hoje. As mais importantes influências se encontram no positivismo, cientificismo, marxismo e psicologismo.

O positivismo, cujo fundador, foi Augusto Comte, surgiu na França e chegou ao Brasil por volta de 1870, logrando grande impacto e encontrou como amplo local o Rio de Janeiro, pois ali estavam à

¹⁰ “O conceito de ente (sistência prefixável) é fruto de uma total abstração. É um conceito universal e, para os escolásticos, o mais universal dos conceitos. Tomás de Aquino define: “Ente é o que tem essência real”. Sua essência é o ser (a sistência aqui). Se afirmarmos que ente (opinião dos escolásticos) é o que é apto a existir realmente, nesse caso é o quem *res* (em latim, coisa). Seria então, o que tem existência efetiva (*perseitas*). Ele pode ser *atual* ou *possível*.” (SANTOS, 1963, pág. 626).

disposição os melhores salões culturais, museus, institutos de ensino, clubes, faculdades e, principalmente, por ser o centro político nacional. Comte acreditava que era necessária a organização da humanidade de maneira científica, a fim de realizá-la plenamente, tanto de forma política quanto social, assim, acreditava na evolução da natureza humana sob três aspectos: teológico, metafísico e positivo, conferindo a cada um destes a passagem para o outro, sendo assim, um processo por meio da ordem e do progresso, refletindo, inclusive, nos dizeres da Bandeira Nacional. Um ponto importante dessa ascensão demonstra-se nas reformas do ensino primário e secundário, e ainda, no ensino superior, a fim de mantê-lo relacionado apenas a nível profissional, não exercendo a estrutura de Universidade.

O essencial da nova filosofia educacional consiste na crença de que real se esgota nas ciências e que a própria organização social, por seus elementos básicos, a política e a moral, pode ser estruturada em bases científicas. (PAIM, 1984, pág. 447).

Outra influência se dá pelo movimento cientificista, que surge na Europa criando Academias com a finalidade de libertar-se da representação das universidades medievais, tendo florescido com “[...] base da suposição de que a ciência tinha amplas consequências sociais e tecnológicas.” (PAIM, 1984, pág. 430). A ciência experimental tinha como importância sua precisão e especificidade. Assim, o movimento cientificista aconteceu na metade do século XVIII em Portugal, ocasião que logrou êxito com a ascensão de Pombal ao poder.

O Brasil no século XIX, entretanto, o cientificismo foi difundido pelo Seminário de Olinda¹¹ e a Real Academia Militar, tendo esta desenvolvido, sem dúvida, tradição na pesquisa matemática, o que possibilitou o surgimento de Otto de Alencar¹² e outros matemáticos notórios deste período. Foi esta também que possibilitou à intelectualidade, o contato com a obra de Augusto Comte, limitando-se apenas à obra matemática do filósofo.

O Marxismo tem como teoria o Materialismo Histórico e seu objeto é o Modo de Produção. Apesar de Marx ser defensor do materialismo filosófico, contestava o materialismo positivista, visto que, julgava antidialético, mecanicista e anti-histórico, assim, ressaltava a importância dos seres concretos como elementos que constituem a realidade do mundo. Marx tentou fazer acreditar na objetividade de um processo autêntico que acarretaria à total realização empírica do humanismo no ocidente. Com o passar do tempo essa crença tornou-se um ato de fé contra a qual a razão é de todo impotente. “Ainda assim, a par do movimento místico, estruturado politicamente em escala mundial, suas ideias deram nova vitalidade à meditação filosófica [...]” (PAIM, 1984, pág. 503).

No Brasil, porém, o marxismo em momento algum progrediu de forma a caracterizar-se um movimento relevante. Sua popularidade existe certamente, mas não é possível dar exatidão às ideias por inexistência do processo teórico, não existe a representação do ocorrido, pelo menos em alguns períodos.

¹¹ Organizado por Azeredo Coutinho em 1800.

¹² Oto de Alencar e Silva 1874 – 1912. Considerado um dos maiores matemáticos da América do Sul. 1874 -1912.

A psicologia enquanto ciência deu à pedagogia um *status* científico no fim do século XIX, momento esse que se independeu da filosofia, devido às atividades iniciadas na Alemanha, no laboratório de Leipzig, passando, então, a utilizar o método experimental das ciências naturais. Como neste mesmo contexto a educação procurava se distanciar do caráter especulativo da filosofia, a psicologia contribuiu para este fim, o que lhe conferiu caráter científico por meio de teorias e pesquisas experimentais.

Porém, antes mesmo de adquirir *status* científico, já se manifestava nas ideias educacionais do Brasil, desde o período colonial, o que pode ser notado nas obras jesuítas, demonstrada no desenvolvimento cognitivo, motor e sensorial e emocional, por meio da utilização de prêmios e castigos. Com o surgimento dos cursos superiores no Brasil, a psicologia passou a permear questões educacionais, aparecendo, ainda, nas escolas normais, principalmente, no que se refere ao desenvolvimento infantil e processos de aprendizagem.

Pode-se perceber, portanto, fortes influências nas ideias educacionais pós-modernas, vindas de algumas correntes de pensamento que outrora permearam a educação que hoje podem ser experimentadas e vivenciadas em todo o processo educacional brasileiro.

Os valores e suas transformações: primórdios e pós-modernidade

Para o sociólogo e filósofo Zygmunt Bauman¹³, não há uma quebra ou superação da modernidade para a pós-modernidade, contudo, uma continuidade, mantendo, ainda, um centro capitalista com uma lógica distinta da experienciada anteriormente. Assim, o que se encontrava fixo na época anterior, é substituído pelo volátil, dominado pelo imediato consumismo e individualismo.

Os valores observados nos primórdios da educação de nosso país demonstram determinada hierarquia, deixando claras as preferências e interesses da sociedade, ou mesmo a funcionalidade desses, para a vida cotidiana, naquele contexto em que estava inserida. Seus anseios, desejos e ainda ausências, formam uma escala de valores¹⁴, que com o decorrer do tempo sofreu alterações, dando demonstrações das necessidades humanas quanto ao bem estar físico, equilíbrio junto à natureza e bens materiais para o conforto.

Esses valores podem, ainda, ser encontrados na pós-modernidade, já que “[...] uma crise de valores seria a ausência destes, uma espécie de anomia, em que o sujeito age somente de acordo com seus interesses e necessidades, não havendo o sentimento de obrigação para com as regras, leis da sociedade ou normas de conduta.” (LA TAILLE e MENIN, 2009, pág. 36). Porém, a hierarquia pode se revelar diferente da encontrada no passado. Alterada, demonstra novas necessidades, novos anseios em relação às desejadas anteriores pelo ser humano. Quando comparadas, a hierarquia do passado com a da pós-modernidade, pode-se notar alterações em diversos segmentos da sociedade.

¹³ Zygmunt Bauman 1925 – 2017. Foi um sociólogo e filósofo polonês, professor emérito de sociologia das universidades de Leeds e Varsóvia.

¹⁴ Como visto anteriormente, valor é a satisfação de algo desejado pelo homem a fim de suprir uma necessidade, um bem estar físico, ou a exemplo um bem material, portador de valor.

Porém, ao se observar os valores dos primórdios e os atuais, conforme alguns filósofos é preciso uma maior reflexão destes, diante da instantaneidade da pós-modernidade, que atualmente “[...] significa buscar a gratificação evitando as consequências, e particularmente as responsabilidades que essas consequências pode implicar.” (BAUMAN, 2001, pág. 162). Diante desse cenário, não é possível desconsiderar a influência da pós-modernidade e a consequente hierarquização de valores que ocorre no momento atual.

O que ocorre com a fé e a crença religiosa?

A educação brasileira, em seu início, teve como base uma hierarquia de valores pautada, sobretudo, na religiosidade, principalmente ao se observar o início com a chegada dos jesuítas. A educação estava firmada na doutrina católica e direcionada para que “[...] no ingresso na Companhia sejam admitidos com a condição de consagrar espontaneamente as suas vidas ao serviço de Deus no ensino das letras; e o Provincial note este fato no seu livro de registro [...]” (FRANCA, 1952, pág. 50). Tamanha importância destacava-se nos princípios religiosos, já que os ritos cristãos e católicos eram celebrados em todos os momentos, o que pode ser observado no código pedagógico dos religiosos.

A pós-modernidade, no entanto, se mostra como a época de muitas oportunidades, de muitas experiências, centra o homem como capaz de conhecer a si mesmo e, com isso, a necessidade de conhecer tudo o quanto for possível, “[...] um contêiner cheio até a boca com uma quantidade incontável de oportunidades a serem explorados ou já perdidas.” (BAUMAN, 2000, pág. 76). Não se conforma, porém, com aquilo que representa dificuldade de realização, o indivíduo se encontra sempre ávido por experimentar tudo o quanto estiver ao seu alcance, além da satisfação de sua necessidade, como um estímulo sempre contínuo. Não se contenta somente com o que possa comprovar a ciência, assim, o indivíduo se sente compelido a experienciar, sem a preocupação da positividade ou negatividade do resultado de suas experiências. Porém, esclarece Bauman que

A amarga experiência em questão é a experiência da *liberdade*: da miséria da vida composta de escolhas arriscadas, que sempre significa aproveitar algumas oportunidades e perder outras, ou da incurável incerteza criada em toda escolha, da insuportável, porque não-partilhada, responsabilidade pelas desconhecidas consequências de toda escolha [...] imprevisíveis possibilidades, do pavor da inadequação pessoal, de experimentar menos e não tão intensamente como os outros talvez o consigam, do pesadelo de não estar à altura das novas e aperfeiçoadas fórmulas da vida que o futuro notoriamente caprichoso pode trazer. (1998, pág. 227).

Pode-se perceber, ainda, que a religiosidade não está entre os valores que recebem mais atenção entre jovens brasileiros, ocasião que demonstram maior confiança em virtudes de outras áreas. Conforme nos revela o autor Yves de La Taille “[...] os jovens julgam que os religiosos são menos importantes para o progresso social do que médicos, cientistas, professores, políticos, juizes e economistas.” (2009, pág. 50). Segundo o autor, apesar de não poder se negar a influência cristã, em particular a católica, não se crê que a religião possa ser considerada um renascimento, encontrando-se, inclusive, ultrapassada.

Fidelidade e lealdade

As relações pessoais consistiam nas virtudes cristãs, sempre se valendo de modelo para os demais, no comportamento, aplicação aos estudos, na lide diária com benevolência com todos os componentes do corpo educacional e “[...] em todas as suas relações com os alunos [...] com distinção e louvor.” (FRANCA, 1952, pág. 66). Essas relações se formavam a partir do cotidiano sólido e organizado, em que a estabilidade fazia-se presente em todo o contexto apresentado, permeava a educação demonstrando a lealdade quanto à veracidade do assunto, no ensino aos alunos, transmitindo com fidelidade a educação proposta. Da mesma forma, a convivência também estava estabelecida na durabilidade, onde Pe. Leonel Franca explicita ao dizer que deve “[...] com maior facilidade e segurança, encaminhar os homens ao seu último destino.” (1952, pág. 37), que significava a realização plena do ser humano por meio da educação, habilitando-o às mais diversas profissões, como também, à constituição da família e aos desafios da vida como um todo.

A pós-modernidade demonstra diferença no que diz respeito às relações humanas, que conforme Bauman, o indivíduo na “modernidade líquida” se encontra sempre inadequado, em processo de se tornar algo e, mesmo ao se finalizar, ao se constituir alguém, a estabilidade encerra sua liberdade, que necessita estar viva no atual mundo fluido, ou seja, a imperfeição estabelece essa “identidade líquida”, porém, esclarece que

O tipo de incerteza, de obscuros medos e premonições em relação ao futuro que assombram os homens e mulheres no ambiente fluído e em perpétua transformação em que as regras do jogo mudam no meio da partida sem qualquer aviso ou padrão legível, não une os sofredores: antes os divide e os separa. (BAUMAN, 2003, p. 48).

O autor Yves de La Taille, de acordo com pesquisa realizada, entre meninos e meninas em escolas públicas e privadas, percebeu variações no que se refere à fidelidade, que se mostrou bem colocada numa lista das virtudes mais consideradas e que conforme os sujeitos pesquisados “[...] é vista [...] como rara nas pessoas atualmente.” (LA TAILLE e MENIN, 2009, pág. 52).

Essa liquidez encontrada atualmente no cotidiano dos indivíduos, se traduz em velocidade, mobilidade, na instabilidade e na falta de definição da forma de relacionamentos concretos. A falta de solidez da atual sociedade se encontra obcecada por todas as novidades, o que a tornou sedenta de um presente inacabado, de modo que as expectativas se eternizam em novos laços, promoções de emprego, notícias.

Estabilidade x instabilidade/certeza x incerteza

A educação no Brasil em seu início, de acordo com a Companhia de Jesus, demonstra a estabilidade advinda da educação jesuíta, ancorada no ensino das artes liberais em que a responsabilidade pelos centros educativos e compartilhados em papéis distintos – Reitor, diretor, etc. -, exerciam a responsabilidade pelas linhas educacionais pedagógicas. A prática se realizava por um conselho educacional, assegurando uma estabilidade ao desenvolver as linhas de ação que estavam presentes na

orientação básica dos colégios em que de acordo com os religiosos, “só o desenvolvimento harmoniosamente humano das qualidades de espírito e de caráter [...] uma preparação sólida para as responsabilidades da vida.” (FRANCA, 1952, pág. 36), para um presente que os garantissem na futura vida adulta.

A educação se matinha estável no sentido de uma formação abrangente, tanto em seus conteúdos, quanto na manutenção da ordem de toda a hierarquia, prezando acima de tudo o pilar religioso, bem estabelecido a fim de preservar a qualidade de “[...] uma sólida formação filosófica [...] preparação indispensável ao exercício fecundo do ensino. A filosofia dava aos futuros mestres uma visão orgânica da vida, amadurecia-lhes o espírito e [...] também a experiência da vida” (FRANCA, 1952, pág. 42). Demonstra, portanto, que a educação brasileira em seu início, estava fundamentada numa formação voltada à estabilidade presente e num propósito voltado

[...] não só a solidez da verdade, mas a um princípio unificador, uma hierarquia de valores, uma convergência de esforços, uma riqueza de estímulos, uma eficiência de ação sobre as profundezas da consciência, que, indispensáveis e insubstituíveis, lhe asseguram um resultado definitivo. (FRANCA, 1952, pág. 38).

Todas as regras estavam, ainda, pautadas na obediência, que também, sofreu influência da pós-modernidade, momento em que as relações estão mais dissolvidas e mostram dificuldades no que se refere à ordem, disciplina.

De acordo com Bauman, a obediência, na pós-modernidade, um momento maleável, flexível e espantosamente ajustável, não mais ocorre por coerção, mas sim pela sedução e tentação, estampada na forma de livre-arbítrio, no entanto, não demonstrando sua real origem externa.

A pós-modernidade demonstra uma instabilidade bastante contrastante do passado, momento que as redes sociais e um fluxo acelerado de informações e consumo dominam o cenário, no que Bauman chama de capitalismo leve. Momento em que não se têm fábricas ou propriedades e não existem tampouco posições de gerência, o capital gerado advém de recursos portáteis, criando o jogo, o movimento “[...] numa sociedade de valores voláteis, despreocupada com o futuro, egoísta e hedonista. Tomam a novidade como boas novas, a precariedade como valor, a instabilidade como imperativo, e a hibridez como riqueza.” (BAUMAN, 2001, pág. 192), tal qual pode ser observado na educação brasileira com a criação de cursos à distância, ocasião em que é possível assistir aulas de onde quer que se esteja e a qualquer momento.

Relativismo

A pós-modernidade traz a contrastante hierarquização dos valores exercidos quando comparada àquela exercida nos primórdios da educação no Brasil. No momento colonial brasileiro, a educação era exercida de forma que a prioridade era proporcionar a educação conforme os valores cristãos, voltada à tarefa social daquele momento. É possível perceber que a educação trazida pelos religiosos se encontrava voltada para a inserção e ação do indivíduo naquela realidade, portanto, numa visão de mundo e de

disputas de poder que os influenciaram. Não obstante, pode-se destacar que os primeiros educadores brasileiros, os jesuítas, tinham uma capacidade de adaptação e mobilização bastante desenvolvida para seu tempo, momento em que se colocam nas práticas sociais. Era um tempo diferente em relação à mobilidade, à comunicação e, com isso, à integração entre culturas.

De acordo com Bauman, a comunicação em costumes diferentes se transformaria na diversidade dos dias atuais, que vê no pluralismo uma universalização da humanidade, o alcance de um entendimento mútuo, no que deve ser a escolha de outros por caminhos diferentes, de modo que essa escolha não se refletiria no relativismo cultural. O autor explicita que as distintas tradições culturais nem sempre refletem os mesmos valores e que, da mesma forma, essas tradições podem ser consideradas política e eticamente superiores a outras, no momento em que reconhecem suas tradições históricas e conseqüentemente as comparam entre culturas diferentes.

Ainda de acordo com o autor, a perda do estabelecimento de normas institucionais e, assim, a dificuldade de se perpetuar os valores institucionais em que se baseiam a cooperação e a solidariedade, por exemplo, estimulam o predomínio do relativismo. O aspecto plural das novas ordens que sobressaem na pós-modernidade, não consegue oferecer estabilidade ao homem “líquido” na contemporaneidade.

Explicita Darymple, que a relativização de alguns valores, resultará numa edificação de valores degradados que, no momento que forem considerados aceitáveis, determinará num grau de sofrimento considerável sobre as pessoas, onde até mortes poderão ser justificadas em razão dessa preferência de valores.

A discordância entre os valores morais como bem comum, amizade e amor e, os não morais como aventura e beleza, podem causar mudanças morais significativas, principalmente se os fundamentos da moralidade se deparam constantemente com ataques metódicos e caminham para o processo de desintegração. O erro mais comum é enfrentar essa questão admitindo que exista apenas um sistema plausível de valores morais/não morais e que este funcionaria para todas as pessoas, devendo todos estar submetidos.

Rigidez x flexibilidade/intolerância x tolerância

O tema que se refere à rigidez ou mesmo flexibilidade, deixa muita dúvida acerca da atuação da educação em seus primórdios no Brasil. Os jesuítas, primeiros educadores brasileiros, parecem se demonstrar inflexíveis, no que diz respeito à sua atuação e aplicação dos conteúdos, disciplina e hierarquia, quando observado o *Ratio Studiorum*, bem como, uma rigidez inerente à ordem religiosa a que pertenciam. No entanto, como observado pelo próprio Pe. Leonel Franca (1952), “na prática, os colégios dos jesuítas não se mobilizaram numa rigidez sem vida, mas com espírito sabiamente conservador e prudentemente progressista souberam sempre acompanhar o passo de uma cultura que marcha.” (pág. 27), o que mostra sua flexibilidade em relação às mudanças que se faziam necessárias, apesar das regras previamente estabelecidas.

Com efeito, a educação jesuíta, não permaneceu imóvel e rígida no tempo, no que diz respeito à adaptação das exigências que despontavam, dos tempos que mudavam. O próprio código de normas, o *Ratio*, previa a adequação e adaptação, de forma legal perante a regra de número 39 do Provincial, que constava:

Como, porém, na variedade de lugares, tempos e pessoas, pode ser necessária alguma diversidade na ordem e no tempo consagrado aos estudos, nas repetições, disputas e outros exercícios e ainda nas férias, (o Provincial), se julgar conveniente na sua Província alguma modificação para maior progresso das letras, informe o Geral para que se tomem as determinações acomodadas a todas as necessidades, de modo, porém, que se aproximem o mais possível da organização geral dos nossos estudos. (FRANCA, 1952, pág. 11).

Diante dessa disposição, os colégios se adaptaram de forma prática às condições novas que o tempo impunha aos religiosos. Abriram uma margem maior e mais organizada dos currículos e adaptaram seus programas, junto à fidelidade dos métodos pedagógicos e ideais. Fizeram com que os estabelecimentos não só se mantivessem à dianteira de seu tempo, quanto à instrução de jovens em ritmo constante, e

[...] não se infira que os colégios dos jesuítas permaneceram petrificados na imobilidade durante este largo período sem se adaptar às novas exigências de tempos que mudavam. O próprio *Ratio*, na sua prudência, previa esta flexibilidade de adaptação e abria-lhe a porta legal. (FRANCA, 1952, pág. 11).

No que diz respeito à atualidade, Bauman relata uma modernidade “sólida”, sem flexibilidade mediante a adaptação de novas formas e circunstâncias, o que na modernidade “líquida”, se deslocaria de um estado passivo a um ativo, um momento de acolhimento à crítica. Conforme o autor, não há fim para um caminho, senão desejos, ocasiões e realizações a serem perseguidas de maneira ininterrupta, uma estrada sem regulamentações e pertencimentos de qualquer atividade. O que outrora pertenceram ao coletivo passa agora ao individual, se antes se buscava uma sociedade chamada “justa”, neste momento se procura os direitos humanos, numa tentativa dos próprios indivíduos optarem de que forma farão a escolha pela felicidade, em que “A rigidez da ordem é o artefato e o sedimento da liberdade dos agentes humanos. Essa rigidez é o resultado de “soltar o freio”: da desregulamentação, da liberalização, da “flexibilização” da “fluidez” crescente.” (BAUMAN, 2001, pág. 12).

Contudo, a visão de Dalrymple mostra que o ser humano é passível de erros e que, a tolerância pode mesmo ser exercida, porém, com cautela a fim de não tornar qualquer situação permitida e, com isso, os excessos ocorram desmedidamente causando danos posteriores tanto individualmente, quanto em uma esfera maior, atingindo grupos, sociedade. Para o autor “[...] a imperfectibilidade humana não pode ser desculpa para uma permissividade total, da mesma forma que as imperfeições humanas não justificam uma intolerância inflexível.” (DALRYMPLE, 2015, pág. 68).

De acordo com Stuart Hall, a sociedade moderna está em constante mudança, distinguindo-a da sociedade tradicional, ocasião em que era reverenciada, perpetuando gerações e símbolos reconhecidos,

já que a tradição é uma forma de gerenciar o espaço e tempo, fixando experiências e atividades, perpetuando o passado, presente e futuro, dispostos em práticas sociais comuns. No entanto,

A modernidade, em contraste, não é definida apenas como a experiência de convivência com a mudança rápida, abrangente e contínua, mas é uma forma altamente reflexiva da vida, na qual “as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando, assim, constitutivamente, seu caráter.” (GIDDENS, 1990, pág. 37 e 38 *apud* HALL, 2019, pág. 13).

Bauman esclarece que a flexibilidade na pós-modernidade se demonstra acelerada, representada pelo individualismo e fluidez, como também, nos relacionamentos momentâneos, transitórios. A busca pela felicidade e a ânsia de encontrá-la, parece depender somente de esforço pessoal. Nessa busca incessante de encontro do prazer, o desejo impulsiona uma constante busca de novas realizações, valores e experiências. Sem perceber que este é temporário e necessita de continuidade de estímulo, a tendência é viver o presente de maneira intensa e exclusiva, nascendo, portanto, uma tribulação em relação ao futuro que se torna incerto e instável.

Pode mesmo ser observada essa flexibilidade no que diz respeito ao avanço tecnológico, como a comunicação de massa, informação e produção, ocasião em que o foco educacional tem se encontrado na tecnologia. O aprendizado precisou se adequar às novas formas, às ferramentas modernas, o que permite maior flexibilidade dos espaços e das “exigências” sociais. Passou a se pensar numa cultura de “acessibilidade” às informações, devido a essa fluidez em que se encontra, atualmente, a sociedade. Assim, as barreiras espaçotemporais são transpostas pelo ensino virtual, com vistas à democratização do conhecimento.

Cultura nacional/globalização/multiculturalismo

O método elaborado pelos jesuítas e aplicado nos primórdios da educação brasileira deixa claro que a educação não estava ligada a uma nação especificamente, embora, oriunda da Europa, os métodos educacionais eram aplicados de forma abrangente em diversos países, contudo, a ligação se demonstrava na religião católica, ao cristianismo, de forma que

Os nacionalismos ainda não se haviam ouriçado uns contra os outros nem os estados se esforçavam por converter a educação das massas em instrumento político. O alvo então visado era universal, a formação do homem perfeito, do bom cristão. Não se mirava, com a ação das escolas, dar consciência de cidadão de tal ou tal império ou de representante desta ou daquela raça predestinadas. Os professores do Renascimento percorriam a Europa sem se sentir estrangeiro em nenhuma parte. (FRANCA, 1952, pág. 20).

O nacionalismo se assinala por uma corrente de ideias que valoriza a nação e suas características, como expressadas pelo patriotismo e engloba símbolos nacionais como o hino da nação, a bandeira, entre outros. Isso se deve a sensação de pertencimento cultural de um país, de identificação com a pátria, sendo seus ideais a preservação da nação, defesa territorial e de fronteiras, a manutenção do

idioma, bem como a quaisquer que sejam os processos que possam vir a por em risco essa identidade ou transformá-la.

De acordo com Stuart Hall a definição de identidade cultural ocorre com o sentimento de pertencimento do indivíduo a certa conjuntura, com referências em aspectos culturais, religiosos e nacionais. Porém, para o autor essas identidades sofreram desgaste em nossa tardia modernidade, que designa de crise de identidade, por consequência de transformações condicionadas pela atual sociedade na globalização.

Outro efeito desse processo foi o de ter provocado um alargamento do campo das identidades e uma proliferação de novas posições de identidades, juntamente com um aumento de polarização entre elas[...]O fortalecimento de identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros dos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçadas pela presença de outras culturas. (HALL, 2019, pág. 50).

As opiniões do indivíduo na pós-modernidade e Stuart Hall caminham paralelamente às concepções de Zygmunt Bauman quanto à situação do homem líquido e sua condição no mundo social. Para Hall, nas sociedades do final do século passado, ocorreram mudanças em suas estruturas que aumentaram para mudanças das paisagens culturais, com pontos históricos construídos diferentemente e apontados pelo sociólogo como três identidades distintas. A primeira é a identidade do indivíduo iluminista, nascido com caráter predefinido, com visão individualista, prevalecendo a razão. A segunda é a identidade do indivíduo sociológico, constituído da interação junto à sociedade. A terceira é a pós-moderna e não é definitiva, porém, fragmentada, que sofre influências e se transforma, assumindo diversas formas de identidade e não uma somente.

Mas, embora a globalização possa não ser mais uma novidade, é fato que não ocorre simultaneamente e igual em todas as partes essa “homogeneização”. Zygmunt Bauman afirma que todos os indivíduos estão destinados ao avanço da globalização, ainda que possa ser a contragosto, em desacordo. Deixa explícito que o mundo globalizado sinaliza a liberdade para alguns, bem como, se demonstra como localização para outros e que, pode ser sentido como um destino cruel e indesejado. Assim,

Ser local num mundo globalizado é sinal de privação e degradação social. Os desconfortos da existência localizada compõem-se do fato de que, com os espaços públicos removidos para além do alcance da vida localizada, as localidades estão perdendo a capacidade de gerar e negociar sentidos e se tornam cada vez mais dependentes de ações que dão e interpretam sentidos, ações que elas não controlam [...] (BAUMAN, 1999, pág. 08).

Ocorre que as repercussões do processo de globalização, tanto sociais, quanto econômicas, podem ser observadas, ainda, no campo educacional, no que diz respeito às políticas públicas nacionais da educação, ocasião que estratégias envolvem organismos internacionais nas decisões que tratam de educação, sendo que,

Efetivamente, as duas últimas décadas foram testemunhas da enorme influência de alguns movimentos patrocinados pelos organismos de cooperação e financiamento internacional para direcionar ou redirecionar as políticas públicas no campo específico da educação latino-americana, incluindo o Brasil. (SANDER, 2008, pág. 160).

Porém, a globalização poderia, ainda, criar condições precárias e efêmeras, tal qual o movimento na pós-modernidade, momento em que há um constante movimento, mesmo quando não se está viajando, ação assinalada pelo consumo. Dentro desse contexto, a liberdade significaria ir onde quiser e comprar o desejado.

Para Dalrymple, os benefícios da globalização, trazem pontos positivos com o livre trânsito de indivíduos pelas fronteiras, como também, um nacionalismo menos exacerbado auxilia num momento em que a xenofobia tem aumentado. Mas ressalta que as análises midiáticas não estão demonstrando muitos aspectos do assunto e, alguns inconvenientes não são apresentados.

Não sei ao certo se acolho ou aplaudo de todo o coração essa globalização que faz com que [...] ninguém se sinta isolado em lugar nenhum. Em nome da diversidade, todos os lugares – ao menos todos os lugares dos países desenvolvidos – correm hoje o risco de se tornar iguais, e a pior gafe social que se pode cometer atualmente é declarar-se desconhecedor [...] (DALRYMPLE, 2016, pág. 48).

Pode se notar, portanto, certa preocupação do autor em relação à globalização no que diz respeito à cultura e sua homogeneização. Este fato poderia levar, assim, à perda de suas características locais, o que sempre foi motivo de interesse por parte das pessoas, de modo geral, fato que sempre gerou viagens ao redor do mundo, bem como, estudo para muitos intelectuais. Isso acarretaria numa destruição das diferenças, no desinteresse para ambos – viajantes curiosos e estudiosos – e na tão debatida diversidade cultural. Um dos maiores desafios se dá na preservação da identidade cultural nacional, de como preservá-la e compartilhá-la com outras nações e culturas. Ao avançar da globalização das atividades econômicas e humanas, de forma geral, aumenta a dificuldade da preservação da identidade cultural do país pelo empenho da reforma educacional e,

Uma das indicações desse desafio é a tentativa de regulamentação, pela Organização Internacional do Comércio (OMC), do ensino como produto globalizado. Esse movimento internacional se observa, especialmente, no ensino superior. Temos diante de nós o desafio de desenvolver uma instituição universitária aberta ao universal, mas subordinada aos interesses e aspirações nacionais. (SANDER, 2008, pág. 163).

Dessa forma, podem ser observados os valores exercidos nos primórdios e na atualidade e acordo com alguns aspectos, as alterações existentes e, ainda, valores que mudaram de ordem, demonstrando maior ou menor interesse conforme o decorrer do tempo, as mudanças e influências sociais e históricas.

Considerações Finais

Conforme pode ser observado durante o estudo, o Brasil, sofreu forte influência de uma hierarquia pautada na formação de valores cristãos católicos, cujo objetivo principal, se dava na civilização dos índios e conversão à fé cristã. Essa educação, que perdurou por aproximadamente duzentos anos, deixou marcas na educação brasileira, encontradas até os dias de hoje.

Atualmente, o ensino fundamental é obrigatório e gratuito, de progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio, conforme Art.4º da Lei nº 9.394/96, tendo, ainda, o ensino religioso¹⁵ caráter facultativo nas escolas. Percebe-se, contudo, que a religião continua presente no processo da educação. A religião no início era o valor principal, seguindo-se a ela demais virtudes.

Alguns valores exercidos nos primórdios, como, por exemplo, a fé e a crença religiosa, continuam relevantes às necessidades dos indivíduos também na atualidade, demonstrando a importância do preenchimento dessas carências, apesar do perpassar dos anos. Da mesma maneira, nota-se a mudança na escala de valores referente ao preenchimento de outros quesitos, evidenciando que parte destes encontra-se mais vivenciada nos dias atuais, como é o caso da tolerância e da flexibilidade, já que o momento atual apresenta maior necessidade desses valores à vida dos indivíduos.

A fidelidade, por exemplo, no passado se encontrava presente na ideia da durabilidade, porém, hoje se encontra de certa forma bastante efêmera. A flexibilidade encontrada hoje em dia mostra-se numa posição bem alta na hierarquia de valores, haja vista as constantes mudanças de plano ocorridas, seja no que diz respeito ao trabalho ou mesmo nos relacionamentos de amizade, como ainda, nos amorosos, que ora se encontram inconstantes, fluidos e momentâneos.

Num contexto sólido/estável, a globalização é uma característica marcante da pós-modernidade, ocasião de informações rápidas, possíveis com o advento e grande avanço da tecnologia da informação. Esse progresso tecnológico surtiu um forte impacto cultural, visto que, resultou no surgimento de informações acessíveis de culturas e ideias distintas, o que ao mesmo tempo acabou gerando um amplo debate.

Nota-se que alguns valores exercidos nos primórdios continuam relevantes às necessidades dos indivíduos também na atualidade, demonstrando a importância do preenchimento dessas carências, apesar do perpassar dos anos, como por exemplo, a fé e a crença religiosa. Da mesma maneira, nota-se a mudança na escala de valores referente ao preenchimento de outros quesitos, evidenciando que parte destes

¹⁵ Conforme *LDBE - Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996*:

Art. 33. O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo. (Redação dada pela Lei nº 9.475, de 22.7.1997).

§ 1º Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores. (Incluído pela Lei nº 9.475, de 22.7.1997).

§ 2º Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso. (Incluído pela Lei nº 9.475, de 22.7.1997).

encontra-se mais vivenciado nos dias atuais, como é o caso da tolerância e da flexibilidade, já que o momento atual apresenta maior necessidade desses valores à vida dos indivíduos.

Assim, foi possível perceber em que sentido ocorreram determinadas mudanças no escalonamento dos valores na pós-modernidade, bem como, quais se mantiveram estáveis apesar da “liquidez” do mundo atual, assim designada por Bauman.

Referências

- ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas. *Psicol. Esc. Educ. (Impr.)*, Campinas, v. 12, n. 2, p. 469-475, Dez. 2008. Acessado em 11 de agosto de 2019. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-8557200800002000020&Ing=in&nrm=iso>. Acessado em 14 de outubro de 2019.
- ARANHA, Maria Lúcia Arruda. *História da Educação e da Pedagogia*. São Paulo, SP: Editora Moderna, Ltda, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2003.
- _____. *Comunidade – A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2003.
- _____. *Globalização: As consequências humanas*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar: 1999.
- _____. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1999.
- _____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2000.
- _____. *O mal-estar da Pós-modernidade*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1998.
- _____. *Vida líquida*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2009.
- BERESFORD, Heron. *Valor Saiba o que é*: Rio de Janeiro, RJ: Shape, 2000.
- BRASIL. LDB – Leis de Diretrizes e Bases. Lei nº 9.394. 1996. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/alunos/leis/lei_diretrizes_bases.htm> Acessado em 14 de outubro de 2019.
- DALRYMPLE, Theodore. *Nossa cultura...ou o que restou dela*. São Paulo, SP: É realizações editora, 2015.
- DUARTE, Cleia Zanatta Clavery Guarnido. *Adolescência e sentido de vida*. Curitiba, PR: Editora CRV, 2015.
- FRANCA S.J., Leonel. *O método pedagógico dos jesuítas: o "Ratio Studiorum": Introdução e Tradução*. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Agir Editora, 1952.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, RJ: Lamparina, 2019.
- HOLLER, Marcos. *Os jesuítas e a música no Brasil colonial*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2010.
- LA TAILLE, Yves.; MENIN, Maria Suzana De Stefano Menin. *Crise dos valores ou valores em crise?* Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.
- LISBOA, Maria da Graça Cavalcanti; PEREIRA, Rosane Maria Batista. *Ideias educacionais e filosóficas no Brasil*. Porto Alegre, RS: Edições Est, 1995.
- PAIM, Antonio. *História das ideias filosóficas no Brasil*. São Paulo, SP: Editora Convívio, 1984.
- PEREIRA, Rosane Maria Batista. *O sistema ético-filosófico dos valores de Max Scheler*. Porto Alegre, RS: Est edições, 2000.
- RIBEIRO, Maria Luísa S. *História da Educação Brasileira*. Editora Moraes Ltda. São Paulo, SP: 1984.
- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1978.
- SANDER, Benno. *Educação na América Latina – Identidade e Globalização*. Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 157-165, maio/ago. 2008.
- SAVIANI, Dermeval. *História das Aldeias Pedagógicas no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SHIGUNOV NETO, Alexandre. História da Educação Brasileira. São Paulo, SP: Salta, 2015.

TOBIAS, José Antonio. História da Educação Brasileira. São Paulo, SP: Editora Juriscredi Ltda, 1972.

_____. História das Ideias no Brasil. São Paulo, SP. Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1987.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. História do Braisl. São Paulo, SP: Editora Scipione, 2000.

WERNECK, Vera Rudge. Educação e Sensibilidade. Rio de Janeiro, RJ: Editora Rovellet, 2013.

PROJETO DE DESIGN INSTRUCIONAL DO CURSO LEITURA E TIPOS DE PERSONALIDADE COMO FATORES DE APRIMORAMENTO HUMANO E PROFISSIONAL

*INSTRUCIONAL DESIGN PROJECT FOR THE COURSE READING AND PERSONALITY TYPES AS
FACTORS OF HUMAN AND PROFESSIONAL IMPROVEMENT*

Carmem Lúcia Quintana¹

¹Doutora e mestre em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora do Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO).

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma síntese do Design Instrucional do curso *Leitura e Tipos de Personalidade como fatores de Aprimoramento Humano e Profissional*. Tal curso se constrói a partir de um Design Aberto, propício à vivência do sociointeracionismo. Contempla os estudos dos perfis de leitores de Lúcia Santaella alicerçados na Semiótica de Peirce, e os estudos de Naranjo sobre o Eneagrama das Personalidades. Objetiva oferecer condições para aprimorar a competência leitora em um sentido lato, abarcando o autoconhecimento e as mudanças do perfil cognitivo do leitor através das eras. Sua implementação pode ter o formato de curso livre, componente interdisciplinar ou nicho de aprendizagem em cursos de graduação.

Palavras-chave: Design Instrucional; Semiótica; *Eneagrama*.

ABSTRACT

This academic work aims to present a synthesis of the Instructional Design of the course *Reading and Personality Types as factors of Human and Professional Improvement*, which is configured from an Open Design, conducive to the experience of sociointeractionism. It contemplates the studies of the profiles of readers of Lúcia Santaella based on the Semiotics of Peirce, and the studies of Naranjo on the Enneagram of the Personalities. It aims to provide conditions for improving reader competence in a broad sense, encompassing self-knowledge and the changing cognitive profile of the reader across the ages. Its implementation may have a free course format, interdisciplinary component or learning niche.

Keywords: Instructional Design; Semiotics; *Enneagram*.

Introdução

Daqui a alguns séculos, quando a história da nossa época for escrita da perspectiva do futuro, acho bastante provável que, aos olhos desses historiadores, o evento mais importante não terá sido a tecnologia, nem a Internet, nem o comércio eletrônico, e sim a mudança sem precedentes na condição humana. Pela primeira vez - e digo isso literalmente - um número substancial e cada vez maior de pessoas têm escolhas. Pela primeira vez, elas precisam gerenciar a si mesmas. E nós estamos totalmente despreparados para isso. (PETER DRUCKER)

Este trabalho, ao apresentar a síntese do projeto de um curso livre – que também pode ser inserido em uma proposta acadêmica, dada a perspectiva da usabilidade – vai ao encontro não somente de uma questão elaborada por Lúcia Santaella (2004, p. 32)

Tanto quanto posso ver, o cerne da questão da aprendizagem e da aquisição de conhecimento localiza-se, antes de tudo, na figura do leitor, no perfil cognitivo do leitor. Que leitor prosumidor (produtor e consumidor de textos multimídia) é esse que hoje transita pelas redes? Creio que essa questão é fundamental para se pensar quaisquer projetos que visam introduzir a utilização das redes informacionais para incrementar processos educativos em quaisquer de seus níveis.

Mas também de outra pertencente aos estudos de Naranjo (1996, p.48) sobre o Eneagrama das Personalidades

O processo de passarmos realmente a conhecer alguma coisa – o que significa conhecê-la a maior parte do tempo e de uma maneira coerente com o resto do nosso conhecimento. [...] A asserção geral de que o reconhecimento de uma paixão dominante possui um grande poder terapêutico se repete na minha experiência, que me diz que, embora as interpretações alternativas possam ser igualmente verdadeiras, é particularmente importante aceitar e considerar as interpretações orientadas de acordo com uma percepção da paixão dominante e da fixação dominante.

Em suma, pretende apresentar a síntese de um projeto que, em sua essência, busca sensibilizar, provocar reflexões e auxiliar na compreensão de que a leitura possibilita conhecer o mundo sobre o qual se deve agir. Acrescentando-se a isso o conhecimento da própria personalidade que amplia ou limita tal possibilidade de ação, sem desprezar pequenas práticas de leitura e de autoconhecimento pautadas no cotidiano dos cursistas.

Importante destacar que tais propósitos estão alicerçados em conhecimentos provenientes do antiquíssimo Eneagrama das Personalidades (conforme Gurdjieff, Ichazo e Naranjo) e dos Tipos de Leitores (de acordo com a Semiótica Peirceana de Santaella).

Na versão Curso Livre, será oferecido na modalidade Educação a Distância (EaD) por meio de Sessões de Aprendizagem que compreendem: microtexto, desafios 1 e 2, prática.

Como atividade interdisciplinar ou nicho¹ de aprendizagem, também será oferecido na modalidade EaD, obedecendo às especificidades do Projeto Político Pedagógico da instituição de ensino superior (IES) à qual se vinculará, auxiliando na construção da interdisciplinaridade ou do nivelamento.

Tema do curso

O curso tem como tema a Leitura e os Tipos de Personalidade como fatores de Aprimoramento Humano e Profissional. Tal tema será tratado de maneira acadêmica, não dispensando o tom dialógico-conversacional. Essa foi considerada a melhor abordagem, porque visa a uma aproximação com o público-alvo – tanto acadêmico quanto diversificado (em cursos livres).

Deve o curso (ou componente curricular) evocar sensações de desconforto que culminem na necessidade de reflexão e no desejo de encontrar novos caminhos para o aprimoramento pessoal e profissional.

Deve, ainda, mostrar a necessidade de abrir espaços para leituras diversas, o que culminará no reconhecimento dos tipos cognitivos de leitores e, um passo à frente, no auxílio que prestam à construção de sentidos e ao autoconhecimento, quando em estreita relação com os eneatis tipos de personalidade.

É um curso composto por dez Sessões de Aprendizagem, totalmente *on-line*, com duração de 90 horas, tanto na oferta de curso livre, quanto na de componente de curso acadêmico.

As Sessões de Aprendizagem abordarão os seguintes temas: Conhecendo o Ambiente Virtual de Aprendizagem, Carta de Propósito de Ensino e Netiqueta. Conhecimentos Prévios: Tipos de Leitores e Tipos de Personalidade (Eneagrama). Leitores Contemplativos. Leitores Moventes. Leitores Imersivos. Leitores Ubíquos.

Além de: Prática. Desafios de Alta Tensão/Provocação/ Aprofundamento. Webinário.

❖ *Tipos de Leitores*

Lúcia Santaella² (2004; 2013) dedicou-se a mapear algumas características dos leitores através dos séculos. Ao buscar a caracterização do perfil cognitivo dos leitores, acompanhou-os da idade pré-industrial aos tempos atuais. Tal estudo resultou na caracterização de quatro tipos de leitores que, embora tenham predominado em determinadas épocas, não se excluem nem desaparecem, já que oferecem inúmeras possibilidades de “ser leitor” frente a leituras e a objetivos diversos.

Os quatro perfis cognitivos de leitores estão assim mapeados:

¹ É um espaço dentro dos AVAs, para os quais são direcionados os estudantes que necessitam de recuperação paralela.

² Márcia Lúcia Santaella Braga é doutora em Teoria Literária pela PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica), onde é professora titular. Ocupa papel de uma das maiores e pioneiras divulgadoras da semiótica e da metodologia da ciência. As pesquisas realizadas envolvem semiótica cognitiva e computacional. Trabalha também com estéticas tecnológicas com ênfase na área de jogos eletrônicos. Discute as relações entre o verbal, o visual e o sonoro na multimídia, redação e leitura na universidade, novas tecnologias e novas gramáticas da sonoridade. É especialista no pensamento do filósofo Charles Peirce. Fonte: < <http://nomespesquisacomunicacao.com.br/verbetes/maria-lucia-santaella-braga/> >

- a) **Leitor contemplativo:** é o leitor meditativo típico da idade pré-industrial, época em que o livro era impresso e a imagem se apresentava de forma expositiva, fixa. Essa forma de leitura implicava (e ainda implica) uma relação íntima entre leitor e livro, leitura de tato, de manuseio, de intimidade, que requer um retiro voluntário.
- b) **Leitor movente:** é o leitor da aceleração capitalista e do surgimento das metrópoles. Sua leitura se volta para as coisas que se fragmentam sob o efeito da velocidade, dos objetos transitórios, excessivos. Sua percepção não está mais no fixo, mas no instável produzido por linguagens efêmeras, híbridas, misturadas.
- c) **Leitor imersivo:** é o leitor que navega em telas e programas de leituras, percorrendo um universo de signos evanescentes e disponíveis. Sua leitura se faz por nós e conexões, em saltos, enquanto ele visita (por livre escolha) músicas, textos, imagens, na busca de uma ordem informacional.
- d) **Leitor ubíquo:** é o leitor que, embora esteja corporalmente presente, transita por ambientes físicos – casa, trabalho, ruas, estradas, outros países – lendo os sinais e signos que esses ambientes emitem sem interrupção. É movente sem mudar o corpo de lugar e é imersivo, podendo circular – com grande rapidez - pelo ciberespaço. É o leitor que mantém a atenção em focos distintos, sem se demorar reflexivamente em nenhum deles.

❖ *Tipos de Personalidades*

Claudio Naranjo³ elaborou uma "Psicologia dos Eneatipos", visão integrativa que une traços de personalidade, motivações e estilos cognitivos em uma dimensão existencial.

Segundo seus estudos, há nove tipos de personalidade: I perfeccionista; II prestativa; III bem-sucedida; IV individualista; V observadora; VI questionadora; VII sonhadora; VIII confrontadora; IX. pacifista. Esses nove tipos tiveram suas características mapeadas, como se observa na Figura 01.

³ Claudio Naranjo é um psiquiatra chileno Escritor, professor e conferencista de renome internacional. Pioneiro na psicologia transpessoal, psicoterapia integrativa e nas integrações desses conhecimentos com os das tradições espirituais. É professor em Berkeley. Pós-graduado no Departamento de Relações Sociais da Universidade de Harvard. Investigador associado da Universidade da Califórnia. Membro do instituto de Estudos Culturais de Londres e do conselho editorial do Journal of Humanistic Psychology. Membro do Clube de Roma, possui três títulos de Doutor Honoris Causa: um pela Universidade de Udine na Itália. Outro em psicologia humanista pela Universidade Concordia no México. E o terceiro pelo empenho no campo da educação na Universidade Gestalt da Cidade do México..Fonte:< <https://intimidadeconsciente.com/quem-e-claudio-naranjo/>>.

Figura 01: Eneagrama das personalidades



Fonte: <http://www.medaacademy.com.br>

Justificativa

O projeto justifica-se pela necessidade de aprimorar a competência leitora na atualidade, quer nos meios acadêmicos, quer nos treinamentos corporativos, nas demandas no ambiente de trabalho, quer ainda na necessidade de orientação em ambientes físicos ou digitais.

Justifica-se também pela oportunidade de o leitor atual se autoconhecer e identificar potencialidades e vícios na comunicação intra e interpessoal (o que também inclui sua relação com aquilo que lê).

Como integrante curricular, justifica-se pela necessidade de criação de um componente interdisciplinar que possa se adaptar a mais de um curso, oportunizando um aprimoramento na construção do estudante inserido em uma comunidade discursiva acadêmica, ou seja, um leitor produtor de conhecimento.

Justifica-se também pela construção do perfil profissional desse aprendiz, que deve se adaptar às necessidades da época atual, sabendo ser autêntico, ético, proativo, além de capaz de gerenciar a própria trajetória humana e profissional.

Objetivos gerais do projeto

Oferecer condições para aprimorar a competência leitora em um sentido lato, abrangendo o conhecimento de si e as mudanças de perfil cognitivo do leitor através das eras. Chegando, enfim, à percepção que todos os tipos cognitivos de leitores interagem na época atual, dependendo do propósito de leitura a ser realizado.

Sensibilizar, provocar reflexões e auxiliar na compreensão de que a leitura possibilita conhecer o mundo sobre o qual se deve agir, sem desprezar o conhecimento da própria personalidade que amplia

ou limita as possibilidades de ação. Tal constatação deve culminar na construção de um planejamento de vida profissional alicerçada na ética e na relação harmônica com a própria personalidade.

Visão Geral do Curso

O curso, construído em uma Plataforma de Ensino, será composto por pequenas narrativas de casos que culminam com uma pergunta e avançam para um espaço de novos questionamentos. Em vista disso, terá a configuração apresentada no Quadros 01 e 02.

Quadro 01 – Visão Geral do Curso

Título do curso: LEITURA E TIPOS DE PERSONALIDADE COMO FATORES DE APRIMORAMENTO HUMANO E PROFISSIONAL Carga horária total: 90 horas Objetivo geral de aprendizagem: Aprimorar a competência leitora em um sentido lato, abarcando o conhecimento de si e das mudanças do perfil cognitivo do leitor através das eras.					
Temas/ Módulos	Objetivos específicos de aprendizagem	C.hor.	Materiais	Avaliação	Bibliografia* (continua)
Sessão de Aprendizagem 1	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar e navegar pelo Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). - Conhecer a proposta de ensino e a expectativa de aprendizagem. - Manter uma boa conduta no AVA. 	5 horas	Arquivo PDF	Formativa, através da <i>performance</i> no AVA.	*
Sessão de Aprendizagem 2	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer os Tipos de Leitores. - Conhecer o Eneagrama das Personalidades. 	10 horas	<i>Storytelling</i> scormi-zado. ⁴ Conteúdo scormi-zado. Link para a biblioteca de links. Fórum de discussão	Formativa e Somativa, a partir dos seguintes critérios: participação efetiva, contínua e comprometida com o próprio aprendizado e com demonstração de atitude colaborativa em relação ao grupo de que participa.	*
Sessão de Aprendizagem 3	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar o leitor contemplativo e os eneatispos que formam o primeiro cenário de leitura. - Refletir sobre o cenário e participar do primeiro desafio. - Sentir-se desafiado a propor e mediar um desafio sobre o cenário. - Participar de um cenário de prática, onde assumirá o papel de um leitor contemplativo. 	10 horas	Os mesmos da Sessão 2	As mesmas da Sessão 2	*

⁴ O SCORM é um conjunto unificado de padrões e especificações para conteúdo, tecnologias e serviços para e-learning. Define um modelo de agregação de conteúdo (content aggregation model) e um ambiente de execução (run-time environment) para objetos educacionais baseados na web. Fonte: < <http://www.cinted.ufrgs.br/files/tutoriais/scorm/scorm.htm>>.

Sessão de Aprendizagem 4	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar o leitor movente e os eneatisos que formam o segundo cenário de leitura. -Refletir sobre o cenário e participar do primeiro desafio. - Sentir-se desafiado a propor e mediar um desafio sobre o cenário. - Participar de um cenário de prática, onde assumirá o papel de um leitor movente. 	10 horas	Os mesmos da Sessão 2	As mesmas da Sessão 2	*
Sessão de Aprendizagem 5	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar o leitor imersivo e os eneatisos que formam o segundo cenário de leitura. -Refletir sobre o cenário e participar do primeiro desafio. - Sentir-se desafiado a propor e mediar um desafio sobre o cenário. - Participar de um cenário de prática, onde assumirá o papel de um leitor imersivo. 	10 horas	Os mesmos da Sessão 2	As mesmas da Sessão 2	*
Sessão de Aprendizagem 6	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar o leitor ubíquo e os eneatisos que formam o segundo cenário de leitura. - Refletir sobre o cenário e participar do primeiro desafio. - Sentir-se desafiado a propor e mediar um desafio sobre o cenário. - Participar de um cenário de prática, onde assumirá o papel de um leitor ubíquo. 	10 horas	Os mesmos da Sessão 2	As mesmas da Sessão 2	*
Sessão de Aprendizagem 7	<ul style="list-style-type: none"> - Participar do Desafio de alta tensão 1, em que indicará seu tipo predo-minante de leitor. - Conhecer mais sobre os Tipos de Leitores. 	10 horas	Os mesmos da Sessão 2	As mesmas da Sessão 2	*
Sessão de Aprendizagem 8	<ul style="list-style-type: none"> - Participar do Desafio de alta tensão 2, em que indicará seu tipo de personalidade predominante. - Conhecer mais sobre os Eneagrama das Personalidades. 	10 horas	Os mesmos da Sessão 2	As mesmas da Sessão 2	*
Sessão de Aprendizagem 9	<ul style="list-style-type: none"> - Construir um texto colaborativo que responda a uma provocação retirada de um excerto de Peter Drucker. 	5 horas	Excerto scormiza-do Wiki. Link para a biblioteca de links.	Formativa/ Somativa, a partir dos seguintes critérios: participação com dados relevantes que demonstrem ter o estudante lido, compreendido e formado um juízo crítico sobre os conteúdos em questão.	*

Sessão de Aprendizagem 10	- Participar de um webinar sobre as vantagens do autoconhecimento na identificação de mudanças necessárias à evolução profissional. - Assumir o papel de autor na construção de uma biblioteca de <i>links</i> .	10 horas	Tela Scormizada Big Blue Button(ou similar). <i>Link</i> para a biblioteca de <i>links</i>	Formativa/ Somativa, a partir dos seguintes critérios: participação ativa e significativa no webinar, demonstrando conhecimento sobre o tema em discussão.	*
----------------------------------	---	----------	---	--	---

Fonte: Autoria própria.

Quadro 02 – Bibliografia das Sessões de Aprendizagem do Curso

	Sessão 1	Sessão 2	Sessões 3 a 8	Sessão 9	Sessão 10
B I B L I O G R A F I A	PALLOFF, R.M. e PRATT, K. O Aluno Virtual – Um guia para trabalhar com estudantes on-line. Porto Alegre: Artmed, 2004. Netiqueta. Disponível em: < https://www.infoescola.com/comportamento/netiqueta/ >. Acesso em 28/11/17.	SANTAELLA, L. Navegar no Ciberespaço - O perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004. NARANJO, C. Os Nove Tipos de Personalidade. Rio de Janeiro, Objetiva, 1997.	NARANJO, C. Os Nove Tipos de Personalidade. Rio de Janeiro, Objetiva, 1997. _____. O Eneagrama da Sociedade. São Paulo, Esfera, 2004. SANTAELLA, L. Navegar no Ciberespaço - O perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004. _____. A Ecologia Pluralista da Comunicação- Conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus, 2010.	DRUCKER, P. F. Administrando para o Futuro: os anos 90 e a virada do século. São Paulo: Pioneira, 2002.	Como fazer um webinar. Disponível em: < WWW.resultadosdigitais.com.br >. Acesso em 28/11/17.

Fonte: Autoria própria.

Desenvolvimento

Modelo de Design Instrucional de Curso

O conteúdo e a estrutura do curso devem ser desenvolvidos a partir de um design aberto. Tal design, também conhecido como modelo bricolagem, privilegia os processos de aprendizagem, sem desmerecer os de ensino. Considerado um processo mais artesanal e orgânico é, segundo alguns pesquisadores, o que mais se aproxima da natureza flexível e dinâmica da aprendizagem (FILATRO, 2008).

Tal modelo se mostrou mais adequado ao curso, pois este pretende oferecer oportunidades para que o estudante avalie uma situação-problema, reflita e discuta sobre ela, adquirindo conhecimento para mediar seu próprio desafio e propor outros.

Ao adotar esse Design Instrucional, o curso terá mediação constata da tutoria e uma avaliação processual que acompanhará o cotidiano do estudante. Dessa forma,

[...] o designer instrucional inicia seu trabalho no AVA com opções pré-configuradas, tendo a liberdade de reconfigurá-las a partir do feedback dos alunos. Neste modelo, as fases de design e desenvolvimento são mais rápidas e menos detalhadas, já que a produção dos alunos é considerada conteúdo do curso. O design instrucional aberto também privilegia a personalização e requer a participação de um educador, por meio de interações constantes com tutores e alunos, seja de forma individual ou coletiva. (RODRIGUES, DIAS e RODRIGUES, 2004, p.6)

O curso está fundamentado no Sociointeracionismo, em que a aprendizagem se realiza por meio do desenvolvimento do sujeito através da sua maturação em contato com outras pessoas, ou seja, na participação ativa da interação social – mesmo mediada por computador– construindo relações em que os todos os sujeitos trocam ideias, leituras e experiências que culminam na produção de conhecimentos. (KOHL, 2012)

Para que tal aprendizagem ocorra, fazem-se necessárias práticas de tutoria capazes de estabelecer questões instigantes que promovam a participação efetiva e afetiva dos educandos.

Nesse sentido, a utilização de ferramentas interativas como fóruns, webinars e wikis auxiliam positivamente no desenvolvimento da aprendizagem. Moran, Masseto e Behrens (2000) ajudam a compreender como se dá a construção do conhecimento a partir do processamento multimídia capaz de envolver o sensorial e o emocional, ao destacar a utilização dessas ferramentas para provocar uma aprendizagem com liberdade, autonomia e significado.

O curso é composto por 10 Sessões de Aprendizagem, com modo de navegação sequencial, em que a primeira sessão ambienta e orienta o estudante, e a última oferece a ele o papel de construtor de uma biblioteca de *links*.

Linguagem

Embasada na teoria do signo de Charles Sanders Peirce - para quem todo pensamento, linguagem ou raciocínio se dá em signos e se desenvolve por meio de símbolos – o que leva a concluir que há três elementos formais universais: qualidade, relação e representação.

Tal constatação leva Santaella a correlacionar cada matriz da linguagem e pensamento a esses três elementos. Assim: a matriz sonora corresponde à primeiridade(ou qualidade), a visual à secundidade(ou relação) e a verbal à terceiridade(ou representação). Em face disso, ela conclui que toda linguagem manifesta é híbrida e que as matrizes e as linguagens não são puras, misturando-se e construindo combinações. Assim sendo, “A hipermídia converge as diferentes linguagens e torna-se um lugar com características inéditas no ambiente da informação.” (SANTAELLA, 2013, p.43).

Partindo, pois, da heterogeneidade do público-alvo e buscando uma linguagem mais próxima do aprendiz, este curso escolheu o estilo da linguagem híbrida, valendo-se da utilização das três formas

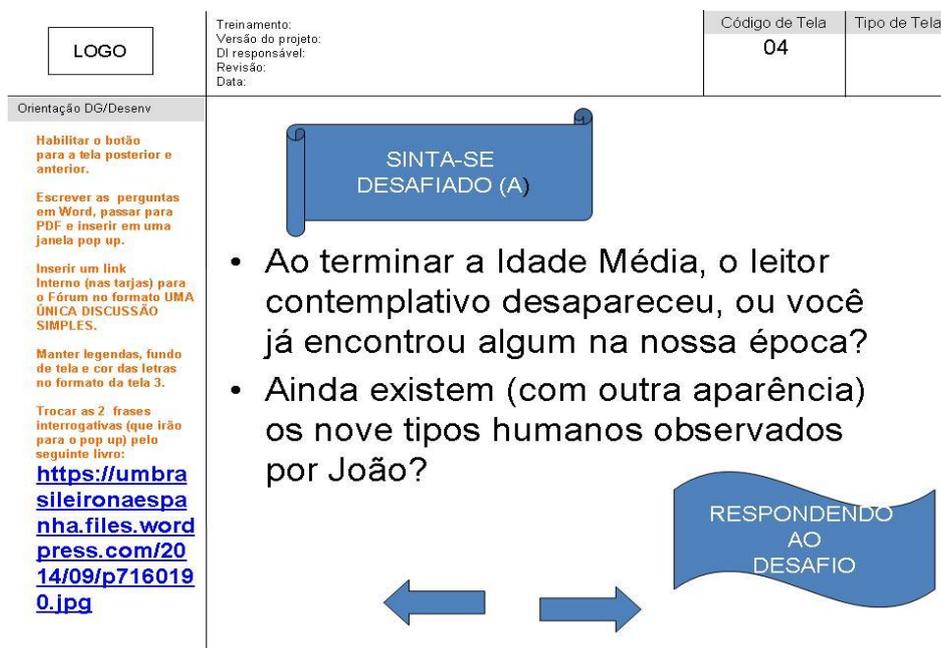
de linguagem: visual, sonora e verbal; acolhendo-se a comunicação dialógica com o objetivo de estimular a participação e a autonomia do estudante.

Optou-se também pela construção de textos narrativos – microtextos- com o objetivo de estimular o sentimento de presença transacional e envolver mais o aluno.

Interface gráfica

As legendas que situarão o estudante e o levarão a transitar pelas telas são azuis com letras brancas, destacando-se sobre um fundo de tela que amplia a imagem inicial da Sessão de Aprendizagem que, em geral, apresenta tons de cinza ou rosado. Conforme se observa nas Figuras 02 e 03.

Figura 02: Legendas orientadoras.



Fonte: Autoria própria

Figura 03: Início da Sessão de Aprendizagem 1.

LOGO	Treinamento: Versão do projeto: DI responsável: Revisão: Data:	Código de Tela 03	Tipo de Tela
------	--	-----------------------------	--------------

Orientação DG/Desenv

Habilitar o botão para a tela posterior e anterior.

Scormizar a Tela. Colocar um fundo azul acinzentado, dando continuidade ao tom da Biblioteca.

Mudar a cor das letras para marrom.

Manter as legendas em azul com letras brancas. Usar um azul que se destaque.

Inserir um link para música medieval.
<https://www.youtube.com/watch?v=DEeAN471boQ>

MINITEXTO 1



Leitores Contemplativos

Acostumado a praticar alpinismo, João encontra uma passagem em uma rocha. Ao forçar o corpo para entrar, vê-se em uma biblioteca, em plena Idade Média.

Curioso, pega um livro e começa a imitar o jeito de ler dos presentes: silenciosos, concentrados, quase em meditação.

Ali João encontra nove pessoas: um nobre PERFECCIONISTA, um clérigo PRESTATIVO, um cavaleiro BEM-SUCEDIDO, um cavaleiro ROMÂNTICO, um mercador OBSERVADOR, um arauto QUESTIONADOR, um alfaiate SONHADOR, um ferreiro CONFRONTADOR e um menestrel PACIFISTA.

João não pode conversar com eles, mas analisa suas *performances* ao ler, ao se movimentar e ao olhar para os que estão ao redor.

Música Medieval

Fonte: Autoria própria.

Os botões de navegação também são em tons de azul e ficam no rodapé da página, bastando apenas passar o *mouse* para Voltar ou Avançar nas páginas do curso.

A fonte padrão é Arial e, dependendo da localização, apresenta variação de tamanho.

As imagens que compõem as telas das aulas são de bancos com a autorização para utilização pública e gratuita de fotos de alta qualidade < <http://www.publicdomainpictures.net/?jazyk=PT>>.

A personagem que conduz o trajeto de ensino-aprendizagem nos microtextos aparece animada nas páginas que iniciam e finalizam o curso, conforme as Figuras 04 e 05. Mais uma vez, objetiva-se à construção de uma presença transacional auxiliada pelas três matrizes do pensamento e da linguagem.

Figura 04: Tela de Boas-vindas

LOGO	Treinamento: Curso Livre Versão do projeto: DI responsável: Carmem Quintana Revisão: Data:	Código de Tela 01	Tipo de Tela Inicial
------	--	-----------------------------	--------------------------------

Orientação DG/Desenv

TÍTULO DA TELA OU CURSO

-Nesta tela, habilitar o botão PROXIMO, que aparecerá no meio inferior da página.

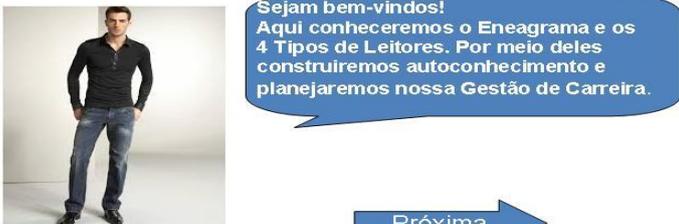
-Construir a personagem João: um jovem com jeito de desportista, bem humorado, de gestos largos e fortes. É alto, magro e tem cabelos e olhos negros. Sua pele bronzeada e seu cabelo longo - preso em um rabo de cavalo - mostram claramente que é descendente de índios.

-Inserir animação da personagem para que ela se movimente e fale a mensagem de boas-vindas.

-Construir uma faixa para a mensagem de boas-vindas.

Leitura e Tipos de Personalidade como fatores de Aprimoramento Humano e Profissional

- Personagem João na parte superior da tela, à esquerda.
- Boas-vindas do meio da tela até o lado direito.
- Botão PRÓXIMO na metade inferior da tela.



Sejam bem-vindos! Aqui conheceremos o Eneagrama e os 4 Tipos de Leitores. Por meio deles construiremos autoconhecimento e planejaremos nossa Gestão de Carreira.

Próxima

Fonte: Autoria própria.

Figura 05: Tela de Término do Curso

LOGO	Treinamento: Versão do projeto: DI responsável: Revisão: Data:	Código de Tela 25	Tipo de Tela Final
------	--	-----------------------------	------------------------------

Orientação DG/Desenv

- Orientações para a produção.
- Criação de duas Biblioteca de Links, Uma construída por docentes e outra aberta para a construção dos discentes.
- Animar o boneco (movimento) primeiro, depois o balão(voz) .

Leitura e Tipos de Personalidade como fatores de Autoconhecimento

Fonte: Autoria própria

Formas de interação e feedback

As interações previstas para esse curso são a distância, com a utilização das ferramentas do AVA, como: fóruns, arquivos em PDF, wiki e webconferência. Serão proporcionados também textos de apoio, *links* para Internet; interação aluno-aluno e aluno-tutor. Não se descartando a possibilidade de uso do *e-mail* e do *whatsapp*.

O processo avaliativo deve ser formativo, tanto dos estudantes quanto do curso; entretanto pode haver adequação a normas institucionais que levem a incluir o caráter somativo presencial na oferta do curso como Componente Curricular.

Quanto ao *feedback* das avaliações, os estudantes a terão logo após sua conclusão, tendo a possibilidade de refazê-las (como avaliação devolutiva) dentro de um processo que valoriza a interação.

Destacam-se ainda:

A) Os modos de avaliação: A avaliação será, predominantemente formativa,mas poderá se adequar ao formato da IES em que for inserida. Durante o curso, cada cursista será avaliado ao responder ao desafio e ao propor/mediar outro.

Ao final do curso, será examina a produção de grupos - de até 4 cursistas – que (em um wiki) responderão à questão-problema proposta por Peter Drucker, utilizando-se do Eneagrama e dos Tipos de Leitores.

B) As particularidades do curso:

a) Tutoria com horário previsto de 5 horas por semana para leitura dos Fóruns e auxílio ao cursista.

b) Suporte técnico sempre presente, por meio de área específica dentro do curso.

Área de Tutorial dividida em minitutoriais que explicarão o funcionamento do curso, seu objetivo e seus ícones para navegabilidade. Haverá uma área inicial com esses tutoriais, todos em arquivo PDF.

Importante que fiquem bem claras: * a utilização do *pop up*, como facilitador da leitura e do fazer; * a posição de cada minitutorial para que sua utilidade seja percebida em um relance; * a escrita objetiva e sucinta de cada um deles; e * a constante atitude colaborativa.

Design do Curso

Sendo o *Storyboard* uma matriz de Design Instrucional que auxilia não somente a comunicação entre os membros da equipe multidisciplinar, mas também a relação com o cliente, de forma que todos compreendam a estrutura, a organização e a aparência de um curso desde a sua concepção; pode ele ser entendido como “ um roteiro instrucional, ou seja, uma visão geral de como será o desenvolvimento do Objeto de Aprendizagem [...] momento indicado para se estabelecer o padrão pedagógico e instrucional da aplicação educacional” (COSTA, 1998, p.05).

Apresenta-se, a seguir, o *Storyboard* das últimas Sessões de Aprendizagem do Curso (Figuras 05 a 09). A escolha dessas sessões tem o objetivo de propiciar uma visão mais aproximada do projeto, já que oferece o trajeto a ser percorrido pelo estudante, da apresentação do microtexto à participação explícita. Destacando-se também a linguagem e os recursos utilizados.

Ressalta-se, por fim, que o presente trabalho é uma síntese do projeto do curso, tendo-se omitido partes como: materiais e custos em geral, composição da equipe multidisciplinar, mapa e *Storyboard* dos conteúdos, *Storyboard* de cada Sessão de Aprendizagem, requisitos necessários para implantação como Curso Livre ou do Componente Curricular, *Storyboard* do marketing de aprendizagem, protocolos de avaliação e de tutoria, mapa de construção das matrizes visuais, sonoras e linguísticas, entre outras partes que, via de regra, compõem um projeto desta natureza.

Figura 06: Sessão de Aprendizagem sobre Leitores Ubíquos - Parte A-

LOGO	Treinamento: Versão do projeto: DI responsável: Revisão: Data:	Código de Tela 15-A	Tipo de Tela
Orientação DG/Desenv	Leitores Ubíquos		
<p>Habilitar o botão para a tela posterior e anterior.</p> <p>Scormizar a Tela.Colocar um fundo cinzento claro, dando continuidade ao tom da imagem.</p> <p>Manter a cor das letras em preto.</p> <p>Manter as legendas em azul com letras brancas. Usar um azul que se destaque.</p> <p>Inserir um link para música do século XXI https://www.youtube.com/watch?v=wnJ6LuUFpMo&list=PL4QNNzJr8sRNvut2XIhbj20YAoiECLbps</p>	<div style="display: flex; align-items: center; justify-content: center;"> <div style="border: 2px solid blue; padding: 5px; margin-right: 20px;">MINITEXTO 4</div>  </div> <p>Cada vez mais fascinado pelo jeito de agir das pessoas, João resolve ir a um shopping e observar os leitores do século XXI.</p> <p>Viu pessoas que liam e enviavam informações, transitavam entre elas, conectavam-se com pessoas, coordenavam ações grupais e sociais em tempo real. Transitavam pelo ciberespaço digital que se fundia com o espaço físico.</p> <p>O cenário era a praça de alimentação de um <i>shopping</i>, em pleno século XXI. O <i>wifi</i> estava liberado e os pedidos, assim com as compras de ingressos para <i>shows</i>, filmes e eventos eram feitos pelos celulares.</p> <p>João reconheceu sua época. Sentou-se em uma das mesas e anotou - em seu <i>tablet</i> - o que ouvia, via e percebia. À medida que ia lembrando de cada eneatipo, recordava também que não havia melhores nem piores, pois cada um tinha qualidades e vícios. Passou, assim, a observá-los por essas duas perspectivas.</p> <div style="display: flex; justify-content: center; align-items: center; margin-top: 20px;"> <div style="margin-right: 20px;">←</div> <div style="border: 2px solid blue; padding: 10px; border-radius: 50%; text-align: center; color: white; font-weight: bold;">Música do século XXI</div> <div style="margin-left: 20px;">→</div> </div> <p style="text-align: center;">Fonte: Autoria própria</p>		

Figura 07: Sessão de Aprendizagem sobre Leitores Ubíquos - Parte B-

LOGO	Treinamento: Versão do projeto: DI responsável: Revisão: Data:	Código de Tela 15-B	Tipo de Tela
------	--	----------------------------	--------------

Orientação DG/Desenv

Habilitar o botão para a tela posterior e anterior.

Scormizar a Tela. Colocar um fundo cinzento claro, dando continuidade ao tom da imagem. Manter a cor das letras em preto.

Manter as legendas em azul com letras brancas. Usar um azul que se destaque.

Inserir um link para música do século XXI
<https://www.youtube.com/watch?v=wnJ6LuJFpMo&list=PL4QnNzJr8sRNvut2Xlhb20YAoiEclbps>

OBS.
 A página 12 foi repetida para que o MINITEXTO fosse finalizado. Elabore tudo em uma só página 12,

MINITEXTO 4



Três estudantes conversam enquanto digitam (um é PERFECCIONISTA, mostra-se organizado, mas tem acessos de ira; o outro é PRESTATIVO, busca afeto, mas é orgulhoso; o último é COMPETITIVO, valoriza a autoimagem e é orgulhoso).
 Perto deles está uma pequena família que busca contato com o garçom por meio dos celulares (a mãe é ROMÂNTICA, diferenciando-se de outras mulheres pelos cabelos pintados de roxo e a roupa preta salpicada de caveirinhas multicores; no entanto seu jeito de olhar demonstra uma fina inveja; o pai é OBSERVADOR, quer saber e conhecer tudo, mas demonstra avareza; a filha pré-adolescente é QUESTIONADORA e parece estar em busca de segurança, algo mesclado a sentimentos de medo).
 Em outra mesa, encontram-se três senhorinhas (uma SONHADORA, que parece ter satisfação em falar, mas está dominada pela gula; outra CONFRONTADORA, que se mostra obcecada em angariar respeito, enquanto aparenta entregar-se à luxúria; por fim, a última que aparenta tranquilidade e esboça gestos lentos e preguiçosos), típica PACIFISTA.





Fonte: Autoria própria

Figura 08: Sessão de Aprendizagem sobre Leitores Ubíquos - Sinta-se Desafiado-

LOGO	Treinamento: Versão do projeto: DI responsável: Revisão: Data:	Código de Tela 16	Tipo de Tela
------	--	--------------------------	--------------

Orientação DG/Desenv

Habilitar o botão para a tela posterior e anterior.

Escrever a pergunta em Word, passar para PDF e inserir em uma janela pop up.

Inserir um link Interno (nas tarjetas) para o Fórum no formato UMA ÚNICA DISCUSSÃO SIMPLES.

Manter o fundo de tela e a cor das letras no formato da tela 12.

Trocar a perguntas (que irão para o pop up) pela seguinte imagem:

[https://i.amz.mshcdn.com/Z3fIH15CK6u1E-qtKnczjbbFJQ=950x534/filters:quality\(90\)/2013%2F01%2F10%2F02%2Ffamilygener_0d814.jpg](https://i.amz.mshcdn.com/Z3fIH15CK6u1E-qtKnczjbbFJQ=950x534/filters:quality(90)/2013%2F01%2F10%2F02%2Ffamilygener_0d814.jpg)

SINTA-SE DESAFIADO (A)

- Como seus parentes mais jovens se relacionam com seus celulares? Isso chama sua atenção? Você também age assim?
- Já percebeu em você a junção qualidade-defeito de algum tipo da praça de alimentação? Como isso se acontece?





Fonte: Autoria própria

Figura 09: Sessão de Aprendizagem sobre Leitores Ubíquos - Agora você Desafia-

	Treinamento: Versão do projeto: DI responsável: Revisão: Data:	Código de Tela	Tipo de Tela
		17	

Orientação DG/Desenv

Habilitar o botão para a tela posterior e anterior.

Inserir um link Interno (nas tarjas) para o Fórum no formato CADA USUÁRIO INICIA APENAS UM ÚNICO TÓPICO.

Manter legendas, fundo de tela e cor das letras no formato da tela 12.

AGORA VOCÊ DESAFIA







Fonte: Autoria própria

Figura 10: Sessão de Aprendizagem sobre Leitores Ubíquos – Uma Dose de Prática -

	Treinamento: Versão do projeto: DI responsável: Revisão: Data:	Código de Tela	Tipo de Tela
		18	

Orientação DG/Desenv

Habilitar o botão para a tela posterior e anterior.

Inserir um link Interno (nas tarjas) para o Fórum no formato CADA USUÁRIO INICIA APENAS UM ÚNICO TÓPICO.

Manter legendas, fundo de tela e cor das letras no formato da tela 3.

UMA DOSE DE PRÁTICA

Adote a postura do leitor ubíquo para a leitura do seguinte Texto....., escolhendo a postura de um tipo de personalidade.

A seguir, poste suas impressões sobre a experiência no Fórum.





Fonte: Autoria própria

Considerações finais

Construir um projeto de curso é algo bem próximo à sensação de um demiurgo ao construir novos mundos. Vê-se o curso, suas possibilidades, seus tons e texturas, sua sintaxe e ritmo, seu discurso de certezas e esperas.

Projetar o curso *Leitura e Tipos de Personalidade como fatores de Aprimoramento Humano e Profissional* não foi diferente disso.

Em cada página, em cada *slide* construído ou questão formulada, lá estavam os tipos de leitores que dominaram em determinados momentos, mas que não deixaram de existir, necessitando apenas da delimitação de um objetivo de leitura.

Assim, o leitor contemplativo/meditativo ainda emerge quando se necessita de uma leitura individual, solitária e silenciosa. O leitor movente/fragmentado está presente na leitura de imagens que povoam as ruas, no rápido folhear de um jornal ou revista. Por sua vez, o leitor imersivo, virtual se materializa na leitura dos hipertextos dos espaços *on-line* e o leitor ubíquo, o mais recente, nas leituras constantes que os aparelhos móveis propiciam.

Cada um desses tipos de leitor aciona habilidades cognitivas específicas, de modo que um não substitui o outro. Dessa forma, cada um deles contribui para a formação de um leitor pleno, provido de habilidades cognitivas cada vez mais híbridas e ricas.

Por outro lado, conhecer o eneagrama das personalidades e saber qual a predominante no momento, ajuda não somente a construir autoconhecimento, mas também a lidar com determinadas ações/reações que levam a escolhas, rejeições ou até mesmo a possibilidades conscientes de leitura e de crescimento pessoal.

Por meio do eneagrama⁵ é possível mapear a personalidade de uma pessoa, tornando conscientes os padrões de comportamento construtivos e destrutivos, oferecendo alternativas para o desenvolvimento do indivíduo por meio do autoconhecimento.

O curso se apropria das nove personalidades como forma de **entender o leitor**. Afinal, ele é o filtro, a única prisão do texto e do autor. Para ele se escreve, sem ele o texto nada é. Mas como esse leitor se apropria do texto? Por que o lê de forma diferenciada em diferentes momentos de sua vida? Como explicar que um texto sobre paisagismo, por exemplo, possa ser lido das mais variadas maneiras ao encontrar um perfeccionista, um sonhador ou por um questionador? Como definir o tipo de leitor ideal para saborear esse texto, estudá-lo, questioná-lo, cotejá-lo com mil outros?

Essas perguntas, assim como outras sobre os tipos de leitores e os de personalidade serviram para construir os casos, as questões e as tarefas que formam este projeto de curso que aqui se mostrou apenas em aspectos propiciadores de sua leitura.

⁵ O eneagrama é uma figura geométrica de nove pontas que funciona como símbolo processual. Cada uma de suas pontas representa um tipo psicológico básico correspondente a formatos de personalidade. Fonte: <https://www.vittude.com/blog/eneagrama/>

Referências

- DRUCKER, P. F. **Administrando para o Futuro: os anos 90 e a virada do século**. São Paulo: Pioneira, 2002.
- FILATRO, A. **Design instrucional na prática**. São Paulo: Pearson Education, 2008.
- KOHL, M. **Piaget – Vygotsky: Novas contribuições para o Debate**, RJ: Ática, 2012.
- MORAN, J. M.; MASSETO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 8a edição. São Paulo: Papirus, 2000.
- NARANJO, C. **Os Nove Tipos de Personalidade**. Rio de Janeiro, Objetiva, 1997.
- _____. **O Eneagrama da Sociedade**. São Paulo, Esfera, 2004..
- PALLOFF, R.M. e PRATT, K. **O Aluno Virtual - Um guia para trabalhar com estudantes on-line**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- RODRIGUES, L.M.; DIAS, L.C.M.; RODRIGUES, P.A.A. **Do design instrucional fixo ao contextualizado: análise de um curso de pós-graduação oferecido na modalidade a distância**. UFSC: SIED e ANPED, 2014.
- SANTAELLA, L. **Navegar no Ciberespaço**. O perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.
- _____. **A Ecologia Pluralista da Comunicação**. Conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus, 2010.
- _____. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na Educação**. São Paulo: Paulus, 2013.
- _____. **Matrizes da Linguagem e Pensamento: Sonora, Visual, Verbal**. 3 ed. São Paulo: Iluminuras, 2013.

ANÁLISE DO PERFIL DOS ALUNOS INGRESSOS NO CURSO LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA NA UFRRJ-IM EM 2017.2 E 2018.1

*ANALYSIS OF THE PROFILE OF ADMITTED STUDENTS IN FULL DEGREE IN PEDAGOGY AT
UFRRJ-IM IN 2017.2 AND 2018.1*

Bruna de Fátima Santos de Lima¹, Viviana da Silva Gmach Souza²

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). ² Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Professora da Prefeitura Municipal de Duque de Caxias.

RESUMO

O trabalho tem por objetivo analisar o perfil dos ingressantes no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, localizada na Baixada Fluminense. Considerando a baixa oferta de cursos do Ensino Superior em universidades públicas nesta região, propõe-se a reflexão acerca do perfil discente que busca a formação docente como alternativa profissionalizante entre os alunos ingressos nos períodos de 2017.2 e 2018.1. A Pedagogia não se apresenta neste trabalho com nenhum diferencial ou predileção em detrimento às demais carreiras acadêmicas, ocupa-se apenas em destacar algumas características e expectativas comuns ao público alvo analisado, percebendo a importância de suprir uma carência formativa e de egressos para o mercado de trabalho nesta localidade. Para tanto, selecionamos a pesquisa de campo, através de coleta de dados, quantificando e qualificando os resultados obtidos nesta pesquisa.

Palavras-chave: Licenciatura em Pedagogia. Ensino de Superior. Perfil Discente.

ABSTRACT

The main objective of this is to analyze the profile of the graduates of the Full Degree in Pedagogy course at the Federal Rural University of Rio de Janeiro, located in Baixada Fluminense. Considering the low offer of higher education courses in public universities in this region, it is proposed to reflect on the student profile that seeks teacher education as a professional alternative among students enrolled in 2017.2 and 2018.1. Pedagogy does not present itself in this work with any differential or preference to the detriment of other academic careers, it is only focused on highlighting some characteristics and expectations common to the analyzed target audience, realizing the importance of supplying a lack of training and graduates for the job market. I work in this locality. Therefore, we selected the field research through data collection, quantifying and qualifying the results obtained in this research.

Keywords: Degree in Pedagogy. Higher Education. Student Profile.

Introdução

O Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) surge em 2006, a partir de um movimento de expansão do Ensino Superior no Brasil, localizando-se na cidade de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, permitindo uma ampliação do acesso e da permanência de estudantes de graduação advindos de localidades próximas ao *campi* (BRASIL, 2007). Entre os seis cursos de ensino superior que eram ofertados na universidade em seu começo, estava o curso de Pedagogia, curso este que é analisado neste artigo, a partir de um recorte de estudantes ingressos nos períodos letivos de 2017.2 e 2018.1.

A pesquisa aqui apresentada é uma pesquisa de campo na qual foram entrevistados 31 estudantes do curso de Pedagogia da UFRRJ-IM. As respostas obtidas foram examinadas utilizando uma técnica de amostragem de estudo não-probabilístico, com métodos qualitativo e quantitativo para a análise de dados. O estudo é delimitado por alunos do curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, do Instituto Multidisciplinar, que ingressaram nos períodos de 2017.2 e 2018.1 e se disponibilizaram a responder ao questionário, instrumento para coleta de dados deste estudo, que pretendia traçar seus perfis socioeconômicos e identificar quais motivos fizeram com que escolhessem este curso. A partir das respostas obtidas nas 12 perguntas que compreendiam o questionário, foi possível dar forma aos gráficos criados utilizando a ferramenta Google Planilhas e prosseguimento à análise proposta.

A Estatística é uma ciência que se dedica à coleta, análise e interpretação de dados. Para Crespo,

Em geral, as pessoas, quando se referem ao termo estatística, o fazem no sentido da organização e descrição dos dados desconhecendo que o aspecto essencial da estatística é o de proporcionar métodos inferenciais, que permitam conclusões que transcendam os dados obtidos inicialmente. Assim, a análise e a interpretação dos dados estatísticos tornam possível o diagnóstico de uma empresa (por exemplo de uma escola), o conhecimento de seus problemas (condições de funcionamento, produtividade), a formulação de soluções apropriadas e um planejamento objetivo de ação (CRESPO, 2002, p. 13).

Ao ter como objetivo a identificação do perfil do aluno ingressante no curso de graduação em Pedagogia da UFRRJ-IM, surge também o interesse de conhecer esses estudantes e suas distintas características, que os diferem de alunos de outras universidades públicas localizadas na cidade do Rio de Janeiro, objetivando assim contribuir para futuras pesquisas que se proponham a relacionar estas análises à perspectivas de ensino-aprendizagem e à inserção no meio acadêmico e profissional dos egressos desta graduação, e a pensar a região da Baixada Fluminense como uma região de potências e possibilidades, como implica Almeida ao falar sobre o processo de expansão que dá origem à este e outros *campi*:

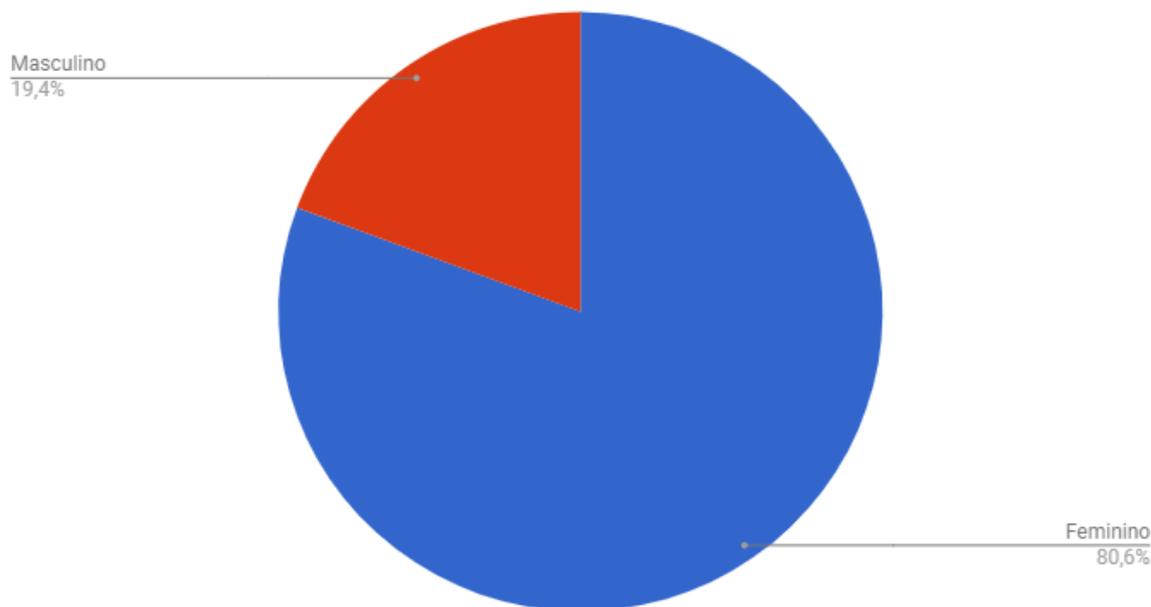
A expansão e criação de campi universitários fazem com que seja criado um processo migratório para essas regiões que sofriam o inverso desse processo, o maior benefício seria a manutenção dessas pessoas na região com intuito de contribuir para o crescimento. Uma das principais mazelas existentes na Baixada Fluminense é falta de

planejamento e políticas de desenvolvimento para introduzirem esses formandos e recém-formados no mercado de trabalho na própria região (ALMEIDA, 2015).

Resultados e Discussão

A partir das respostas obtidas através do questionário enviado aos alunos, foi possível a criação de gráficos que auxiliassem a observação e a análise destes dados, com questões quantitativas e qualitativas, acerca do perfil dos estudantes que estão ingressando na universidade.

Sexo dos alunos de Pedagogia da UFRRJ-M, ingressos em 2017.2 e 2018.1

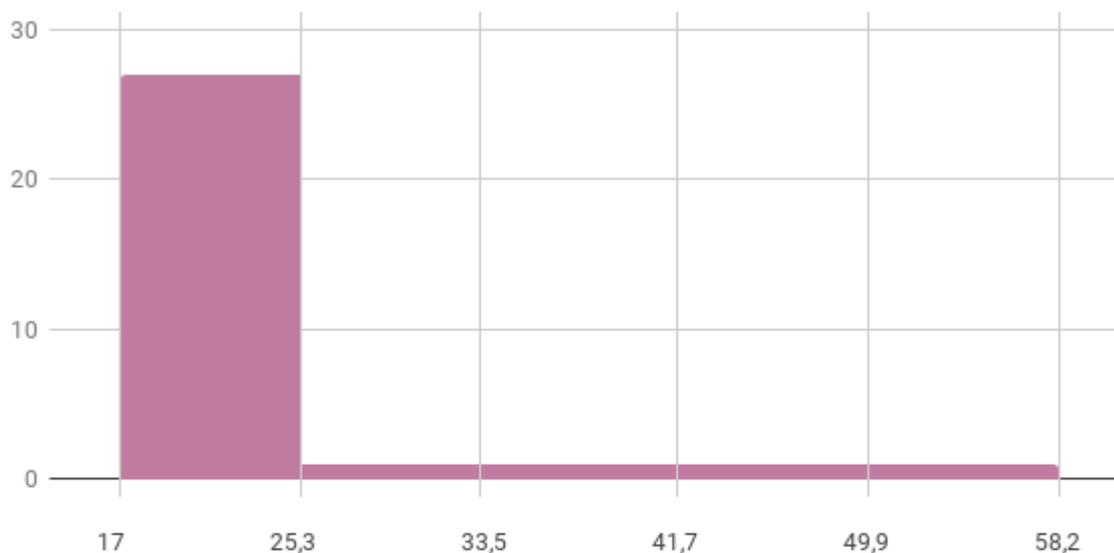


Fonte: Questionário realizado entre os dias 11/05/2018 e 16/05/2018, com alunos de Pedagogia da UFRRJ-IM, ingressos em 2017.2 e 2018.1

De acordo com o gráfico construído da variável *sexo* dos estudantes, podemos observar que aproximadamente 80,6% dos que se dispuseram a responder ao questionário são do sexo feminino e apenas 19,4%, do sexo masculino. Silva (2011, p. 27) discute em sua dissertação a articulação entre História e gênero, abordando de que forma as questões de gênero implicam na organização dos cursos de formação de professores.

Este gráfico reafirma a colocação Silva (2011) e a importância de discutir gênero e educação em uma perspectiva ampla e interdisciplinar, ao refletir o estereótipo existente em todos os cursos de Pedagogia no Brasil, que se constituem como majoritariamente femininos tanto em instituições públicas quanto privadas, salientando a ideia de que, em pleno século 21, a Educação, em seus anos iniciais, persiste sendo fortemente associada ao cuidado materno.

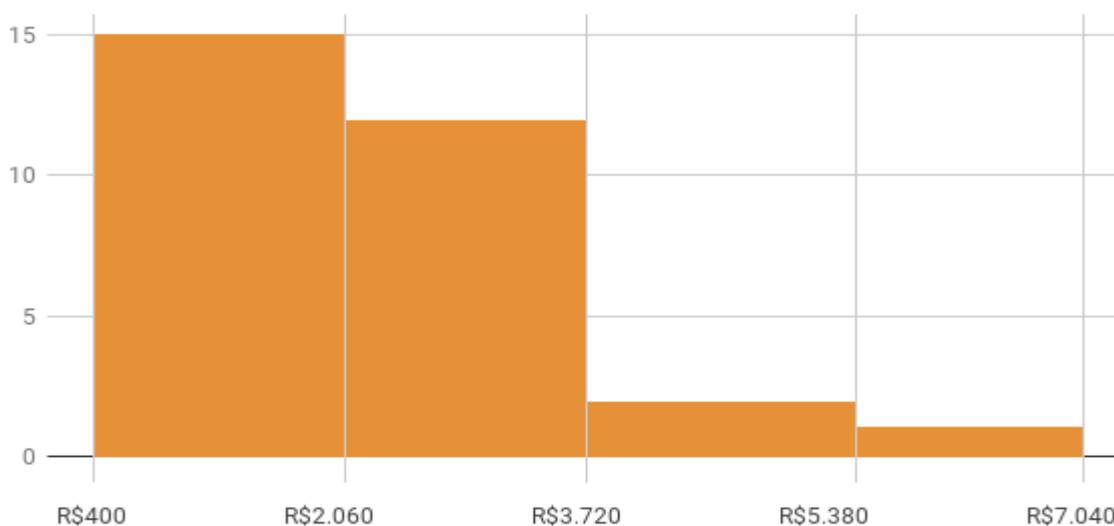
Histograma da idade dos alunos de Pedagogia da UFRRJ-IM, ingressos em 2017.2 e 2018.1



Fonte: Questionário realizado entre os dias 11/05/2018 e 16/05/2018, com alunos de Pedagogia da UFRRJ-IM, ingressos em 2017.2 e 2018.1

Os dados fornecidos nos permitiram calcular, através da análise de “Cluster” (análise por agrupamentos), que a média da idade dos alunos é de 23,8 anos, o que mostra uma população do curso bem jovem. Ao calcularmos o coeficiente de variação da variável *idade* dos estudantes, encontramos o resultado igual a 32,63%. Esse resultado nos permite afirmar, segundo Urbano (2010), que o conjunto de dados se apresenta de forma heterogênea, com alta dispersão de seus valores em torno da média da série, mostrando uma maior volatilidade. No gráfico, podemos perceber a representação desses resultados com uma grande concentração de estudantes em uma única classe modal, apesar das idades serem bastante dispersas.

Histograma da renda (em R\$) dos alunos de Pedagogia da UFRRJ-IM, ingressos em 2017.2 e 2018.1

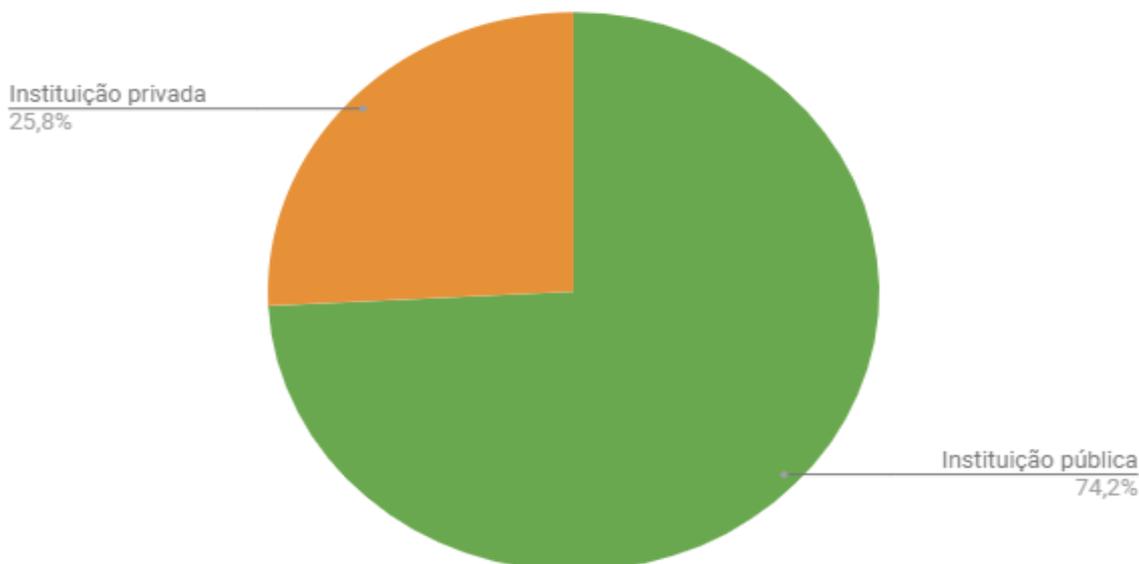


Fonte: Questionário realizado entre os dias 11/05/2018 e 16/05/2018, com alunos de Pedagogia da UFRRJ-IM, ingressos em 2017.2 e 2018.1

Os dados relacionados à renda dos estudantes de Pedagogia, ingressantes no curso, permitem que analisemos que os valores de moda, média e mediana dos dados agrupados, são respectivamente R\$2.281,33, R\$1.783,33 e R\$2.060. Ao calcularmos o coeficiente de variação da variável *renda*, equivalente a 55,6%, que de acordo com Oliveira, nos aponta uma grande dispersão dos valores em torno da média da série, com dados heterogêneos, de alta volatilidade.

A partir disso, podemos observar que a maior concentração de renda encontrada entre os estudantes de Pedagogia, ingressos em 2017.2 e 2018.1, está nas classes modais que equivalem a menos que quatro salários mínimos por família, tendo em vista o salário mínimo atual, do ano de 2018, que é de R\$954.

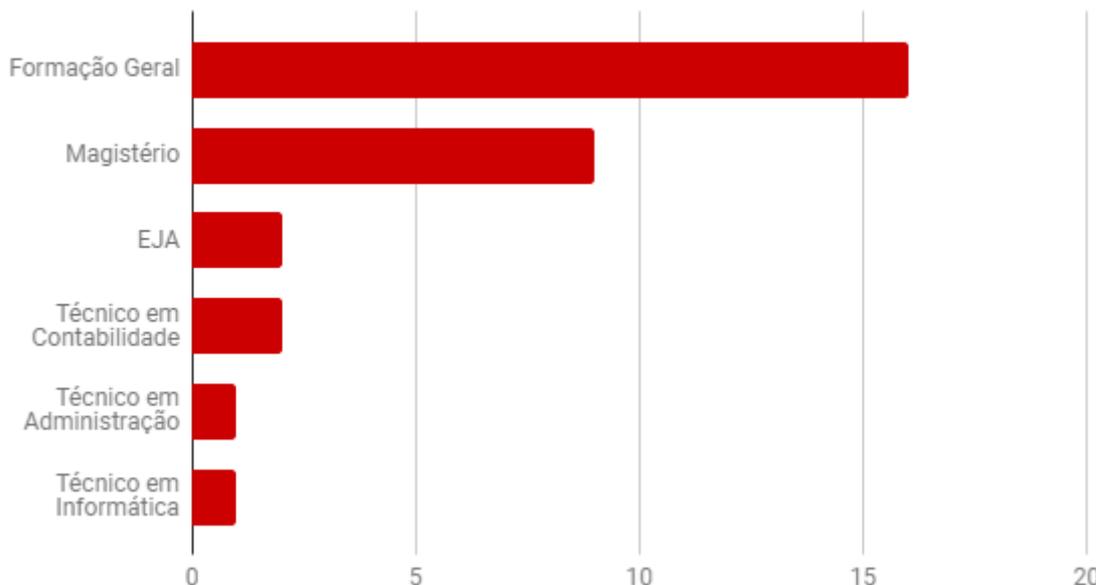
Tipo de instituição na qual os alunos de Pedagogia da UFRRJ-IM, ingressos em 2017.2 e 2018.1, concluíram o Ensino Médio



Fonte: Questionário realizado entre os dias 11/05/2018 e 16/05/2018, com alunos de Pedagogia da UFRRJ-IM, ingressos em 2017.2 e 2018.1

Entre os entrevistados 74,2% concluíram o Ensino Médio em instituições públicas e 25,8% em instituições privadas, o que nos faz perceber que o curso se constitui majoritariamente por alunos advindos dessas instituições públicas, elucidando a existência da possibilidade de, jovens que não fazem parte da elite do país, ocuparem lugar em universidades públicas de todo o país, dando continuação a seus estudos no nível superior. Existem muitas barreiras a serem transpostas no que se diz respeito ao acesso das classes baixas e médias ao ensino universitário, porém esses dados nos dão uma boa visualização de que a universidade não é mais um lugar apenas ocupado pela elite brasileira, ao menos no que se diz respeito ao curso de Pedagogia da UFRRJ, localizado em município periférico à capital do estado.

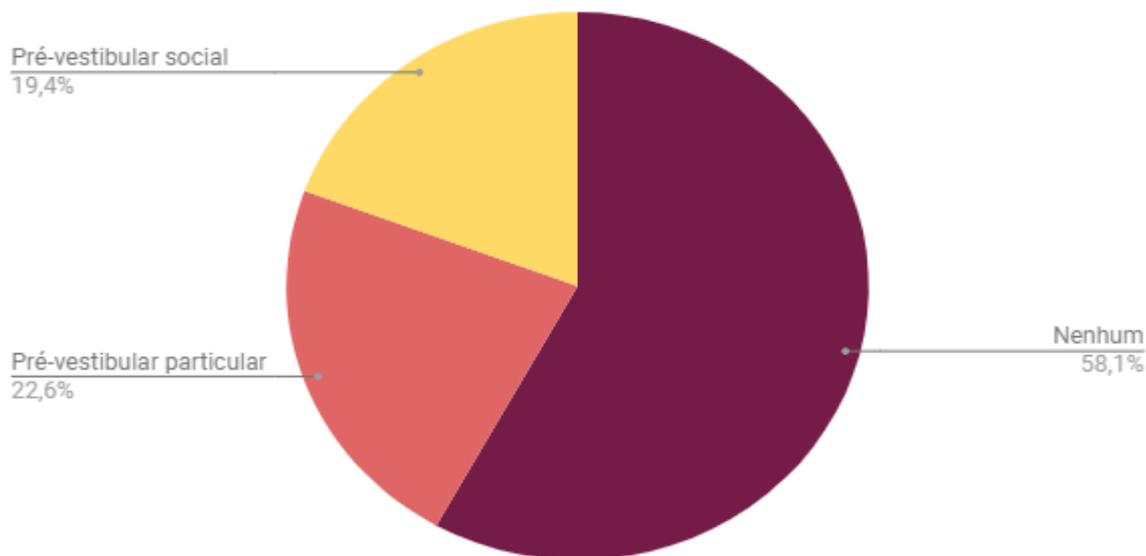
Modalidade feita no Ensino Médio pelos alunos de Pedagogia da UFRRJ-IM, ingressos em 2017.2 e 2018.1



Fonte: Questionário realizado entre os dias 11/05/2018 e 16/05/2018, com alunos de Pedagogia da UFRRJ-IM, ingressos em 2017.2 e 2018.1

Dentre os entrevistados, 51,6% afirmaram terem feito curso de formação geral no Ensino Médio, contra 48,4% que optaram por outra modalidade. Da escolha por uma outra modalidade, 29% fizeram curso de magistério, também conhecido como normal, e que em muito se assemelha à Pedagogia, permitindo que quem escolha por essa modalidade possa lecionar na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Outras modalidades também apareceram nas respostas à pesquisa, em que 6,4% afirmam terem feito curso técnico em Contabilidade, 3,2%, curso técnico em Administração e 3,2% curso técnico em Informática. Pode-se perceber que, 6,4% concluíram o Ensino Médio através do EJA, e conseguiram ingressar em uma universidade pública, a despeito de todas as críticas existentes a respeito desta modalidade de ensino, que por vezes é menosprezada entre os próprios profissionais da Educação.

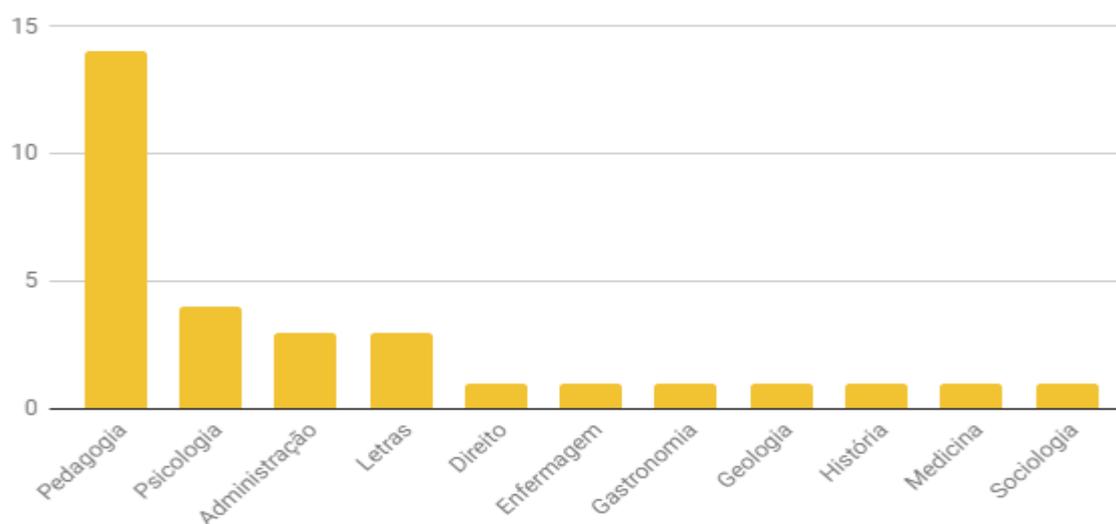
Alunos de Pedagogia da UFRRJ-IM, ingressos em 2017.2 e 2018.1, que fizeram pré-vestibular para a prova do ENEM



Fonte: Questionário realizado entre os dias 11/05/2018 e 16/05/2018, com alunos de Pedagogia da UFRRJ-IM, ingressos em 2017.2 e 2018.1

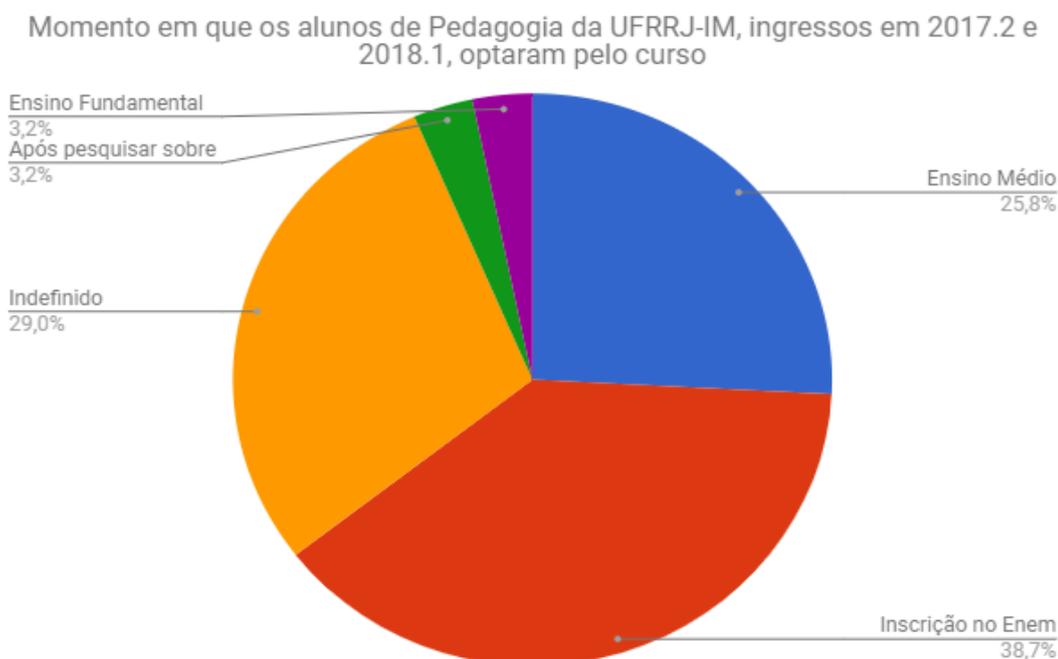
De acordo com o mapeamento dos dados obtidos com o questionário, aproximadamente 58,1% dos entrevistados não fizeram pré-vestibular para realizar a prova do ENEM. Dos 42% que fizeram algum tipo de pré-vestibular para realizar a prova, 22,6% optaram por um pré-vestibular particular, e 19,4% por um social. É possível notar que menos da metade dos estudantes que realizaram o ENEM, optaram por um pré-vestibular como um meio de se prepararem ainda mais para realização da prova, e os que optaram por essa opção, decidiram por instituições particulares para o auxílio à capacitação para o ENEM.

Primeira opção de graduação dos alunos de Pedagogia da UFRRJ-IM, ingressos em 2017.2 2018.1



Fonte: Questionário realizado entre os dias 11/05/2018 e 16/05/2018, com alunos de Pedagogia da UFRRJ-IM, ingressos em 2017.2 e 2018.1

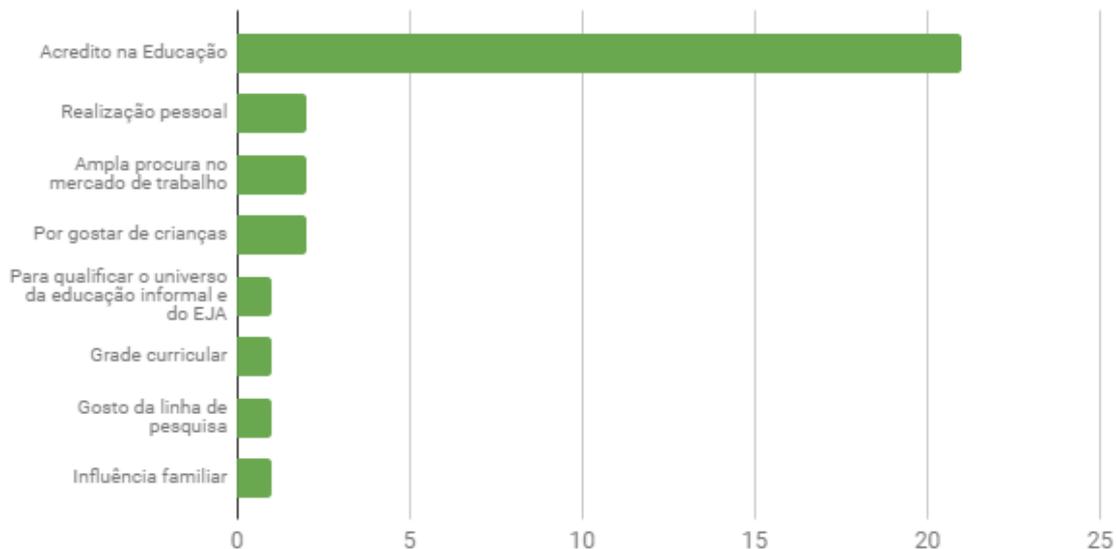
Entre as possibilidades com relação a primeira opção de graduação dos alunos de Pedagogia da UFRRJ-IM, ingressos em 2017.2 e 2018.1, 45,2% afirmam que Pedagogia foi a sua primeira opção. Outras sete possibilidades de graduação foram apontadas nas respostas, pelos 54,8% que não viam Pedagogia como a primeira. Dessas possibilidades, o curso de Psicologia seria a escolha de 12,9% dos entrevistados, seguido pelo curso de Administração e de Letras, cada um com 9,7% dos entrevistados. Os cursos de Direito, Enfermagem, Gastronomia, Geologia, História, Medicina e Sociologia aparecem como primeira opção de 3,2% dos alunos cada. Apesar de nem a metade dos entrevistados afirmar ter Pedagogia como primeira opção, o número de alunos que o faz é bastante significativo quando comparado a outros cursos, e reflete, a sua maneira, a satisfação de se ter conseguido alcançar o objetivo com a prova do ENEM, abrindo a possibilidade para a formação de profissionais da Educação que ansiavam por se tornar isso desde o princípio.



Fonte: Questionário realizado entre os dias 11/05/2018 e 16/05/2018, com alunos de Pedagogia da UFRRJ-IM, ingressos em 2017.2 e 2018.1

Em relação a variável *momento da escolha pelo curso de Pedagogia*, 29% dos alunos disseram não haver período definido para tal escolha. Pouco mais de um quarto dos estudantes, 25,8%, afirmam ter tomado essa decisão durante o Ensino Médio, e 3,2% durante o Ensino Fundamental. Um número expressivo de alunos, 38,7%, respondeu que a decisão foi tomada no momento da inscrição no ENEM e 3,2% após pesquisar sobre o curso.

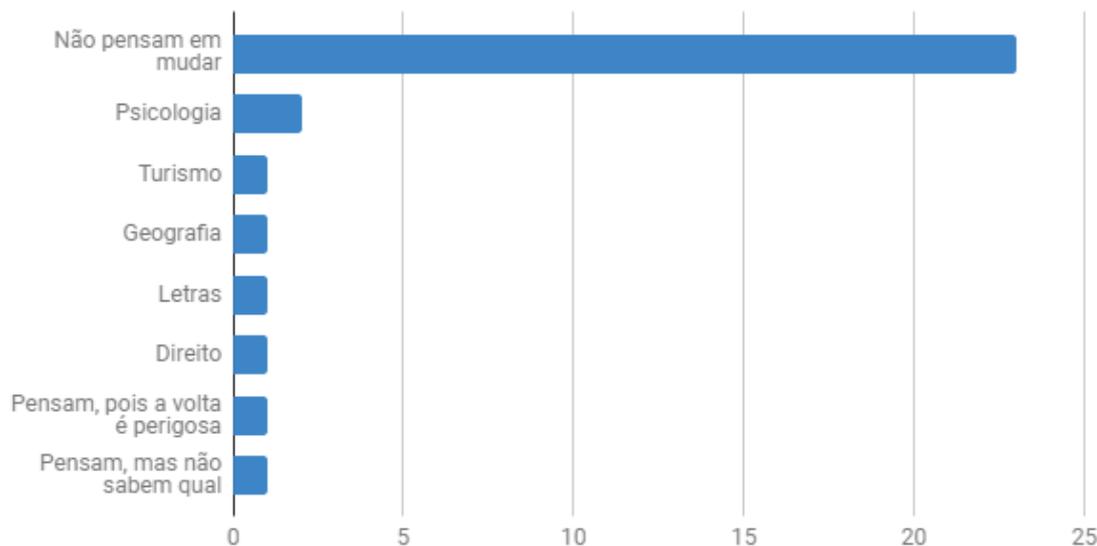
Motivos que levaram os alunos de Pedagogia da UFRRJ-IM, ingressos em 2017.2 e 2018.1, a optarem pelo curso



Fonte: Questionário realizado entre os dias 11/05/2018 e 16/05/2018, com alunos de Pedagogia da UFRRJ-IM, ingressos em 2017.2 e 2018.1

Quando questionados sobre o que os levou a optarem pelo curso de Pedagogia, 67,7% dos alunos ingressos em 2017.2 e 2018.1, no campus de Nova Iguaçu da UFRRJ, responderam que foram motivados por uma crença na Educação, 3,2% se declararam movidos por um desejo de qualificar o universo da educação informal e do EJA, e 6,5% dos entrevistados cada, pelos motivos de gostarem de crianças, ampla procura no mercado de trabalho e realização pessoal. Dos 9,6% restantes, 3,2% escolheram o curso por sua grade curricular, 3,2% por gostarem da linha de pesquisa que ele oferece e 3,2% por influência familiar. A crença na Educação, em tempos de crise como o que enfrentamos no momento atual do país, reforça que é através dela a possibilidade de uma melhora significativa. Apesar dessa ideia existir há décadas, até mesmo no Brasil, ela continua a se propagar através das gerações, e os gritos de melhorias na Educação brasileira, assim como na Saúde, são ouvidos por todos.

Cursos para os quais os alunos de Pedagogia da UFRRJ-IM, ingressos em 2017.2 e 2018.1, pensam em mudar



Fonte: Questionário realizado entre os dias 11/05/2018 e 16/05/2018, com alunos de Pedagogia da UFRRJ-IM, ingressos em 2017.2 e 2018.1

Estando no curso de Pedagogia da UFRRJ-IM, 74,2% afirmam não terem pretensão de migrar para outros cursos, 3,2% pensam em mudar, apesar de não saber para qual, 6,5% ambicionam mudar para Psicologia, 3,2% para Direito, 3,2% para Letras, e 3,2% para Turismo. Foi levantada, por 3,2% dos estudantes entrevistados, a questão de pensarem em mudar de curso, sim, mas por acharem a volta para casa perigosa. O curso de Pedagogia na UFRRJ-IM é predominantemente noturno, e os entornos da universidade oferecem riscos à segurança dos alunos. Um tema importante que pode ser abordado a partir deste questionamento é acompanhar essas turmas até se tornarem egressos, e questioná-las sobre as dificuldades da permanência na Rural. Os 31 entrevistados estão no início do curso, quantos serão os que conseguirão chegar ao fim?

Considerações finais

Neste artigo, tivemos a oportunidade de pesquisar, traçar, comparar e medir os aspectos motivacionais, através de questões qualitativas e quantitativas, que levaram os discentes a optarem pela graduação em Pedagogia, na UFRRJ-IM, nos períodos letivos de 2017.2 e 2018.1. Durante o trabalho, observamos que 80,6% dos estudantes desta área são mulheres, o que ratifica paradigmas sexistas quanto a função de educar crianças e jovens em nossa sociedade.

Além de feminino, percebemos um perfil de público jovem no curso, com aproximadamente 32% dos estudando com 23 anos de idade, advindo da rede pública de Educação. Dos ingressantes, 74,2% dos ingressantes concluíram o nível médio em Instituições públicas, nos levando a ressaltar a importância da Educação pública e laica no Brasil, apesar das dificuldades políticas que enfrentamos frente a desvalorização da docência em nosso País.

Apesar de 51,6% dos entrevistados terem concluído o Ensino médio na modalidade formação geral e apenas 29% ter feito o curso normal, 67,7% destes afirmam acreditar na Educação como ferramenta para um mundo melhor. Acreditamos que estes estudantes se sintam motivados por sua crença em exercer um ofício que signifique suas carreiras, para além do labor diário em busca da sobrevivência. Esta intenção se confirma quando 35,5% dos entrevistados afirmam não terem feito nenhuma pesquisa acerca da carreira Pedagógica como diagnóstico, se orientando por suas próprias ideologias e 74,2% dos discentes dizem não terem a intenção de migrar para outros cursos.

Todos compartilham uma trajetória repleta de particularidades, experiências, motivações, esperanças e expectativas que muitas vezes conduzem a escolhas difíceis em momentos decisivos de nossas vidas. Um dos momentos mais decisivos na vida de todo jovem é a escolha da carreira profissional que irá seguir. Muitos desencontros acontecem, por vezes, resultando inclusive na evasão da graduação tão desejada outrora. A vida acadêmica se inicia inundada de certezas e aos poucos descobrem-se dúvidas que podem ser traduzidas na insatisfação gerada pela prática sem teoria, sem fundamentação científica, sem pesquisa epistemológica.

Desejamos para todos os ingressantes que participaram desta pesquisa, uma graduação rica em experiências, desafios, aprimoramentos e estudos. Que cada oportunidade de aperfeiçoamento, competência e habilidade, seja maximizada. Que o frescor da descoberta pela docência se traduza no labor de nossa prática com esmero e qualidade, para que sejamos sempre reconhecidos, onde quer que formos, por esta universidade que nos precede e sempre nos precederá.

Recomendamos que a mesma pesquisa seja realizada com os egressos deste curso, a fim de verificar, se os desejos, intenções e expectativas respondidas, ainda se confirmam. Para tanto, sugerimos, utilizar a mesma metodologia com a finalidade de se manter fiel aos objetivos expressos anteriormente e aos métodos de análise estatística que devem sempre procurar maneiras de conversar com teorias das ciências humanas, maximizando a interdisciplinaridade e enriquecendo análises e estudos.

Referências

ALMEIDA, Douglas Monteiro. **REUNI e o processo inverso de migração**: um estudo sobre o instituto multidisciplinar em Nova Iguaçu. In: Jornada Internacional de Políticas Públicas, 2015, São Luís. VII Jornada Internacional de Políticas Públicas, 2015.

BRASIL. Decreto n. 6096, de 24 de abril de 2007. **Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6096.htm>. Acesso em: 14 de novembro de 2019 às 20:08.

CRESPO, Antônio Arnot. **Estatística fácil**. São Paulo: Saraiva. 2002.

SILVA, Kelly da. **Currículo, gênero e identidade na formação de professores**. Juiz de Fora: 2011. 195 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Juiz de Fora.

URBANO, João. **Estática, uma nova abordagem**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna Ltda, 2010.

PROJETO CÉLULAS NA PERSPECTIVA DE SALA DE AULA INVERTIDA

CELLS PROJECT IN THE REVERSED CLASSROOM PERSPECTIVE

Felina Kelly Marques Bulhões¹, Solange Dourado da Silva²

¹ Graduanda em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). ² Mestre em Ciências Ambientais e graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). Professora de Biologia do Departamento Regional do Estado da Bahia, SESI/BA.

RESUMO

O projeto teve como premissa abordagem de uma técnica educacional diante a realidade da sociedade 4.0 com base em metodologias ativas de ensino, com proposta de inserir os alunos no contexto tecnológico e inovador aplicando uma aprendizagem significativa alicerçada na fusão entre o aprender e o fazer como busca de assimilação do saber. A elaboração desse projeto teve como escopo promover aos estudantes da 1ª série do Ensino Médio condições para produção lúdica e tecnológica de protótipos celulares e vídeos-aula. O trabalho proporcionou aos alunos protagonismo e caráter estudante-pesquisador. A associação da proposta desse trabalho com a metodologia ativa promoveu integrar o ensino online e off-line, sendo a proposta base desse projeto. Por meio da ação metodológica de sala de aula invertida, os alunos foram os professores, e ao produzirem vídeos-aula puderam compartilhar aprendizagens, explorar contextos inerentes ao tema e abordar uma linguagem acessível aos demais alunos da turma. O conteúdo de enfoque dentro da disciplina de Biologia foi a Citologia (células - vegetais e animais), onde os alunos se dispuseram em grupos, para construção de um protótipo celular conjuntamente a produção do vídeo. Tal procedimento auxiliou a autonomia, criatividade, interação e engajamento dos discentes. Os protótipos e vídeos foram apresentados em um momento definido para exposição em sala de aula, para troca de informações com os demais colegas, proporcionando uma eficiente forma de aprendizagem significativa.

Palavras-chave: Metodologias ativas; Sala de aula invertida; Células, Vídeo-aula.

ABSTRACT

The project's premise was to approach an educational technique in the face of the reality of society 4.0 based on active teaching methodologies, with the proposal of inserting students in the technological and innovative context, applying meaningful learning based on the fusion between learning and doing as a search assimilation of knowledge. The elaboration of this project had as scope to promote to the students of the 1st series of High School conditions for playful and technological production of cellular prototypes and video-lessons. The work provided students with protagonism and student-researcher character. The association of the proposal of this work with the active methodology promoted the integration of online and offline teaching, being the basic proposal of this project. Through the inverted classroom methodological action, the students were the teachers, and when producing video-lessons they were able to share learning, explore contexts inherent in the theme and approach a language accessible to the other students in the class. The content of focus within the discipline of Biology was Cytology (cells - plants and animals), where students were arranged in groups, to build a cell prototype together with the video production. This procedure helped students' autonomy, creativity, interaction and engagement. The prototypes and videos were presented at a defined time for exhibition in the classroom, to exchange information with other colleagues, providing an efficient form of meaningful learning.

Keywords: Active methodologies; Flipped classroom; cells, video lesson.

Introdução

O ensino tradicional ainda é aquele pensado para atender a antigas demandas. Se o mundo exige dos alunos que sejam protagonistas de seu próprio desenvolvimento e espaços, principalmente diante de tamanha complexidade, é preciso que eles se formem de maneira integral e integrada. Isso é possível se pensarmos em incorporar estratégias de aprendizagem mais flexíveis e abrangentes.

A busca é por alternativas que integrem o aluno e a escola, com o objetivo de contribuir positivamente na sua formação como cidadão para um futuro que se mostra cada vez mais incerto. Sua formação como ser pensante e atuante na sociedade, como construtor de conhecimentos concretos e comprometido com a criação de um mundo melhor. Nesse sentido, vemos a necessidade emergente de práticas pedagógicas que se adequem a essa realidade do novo estudante.

A aplicação de metodologias ativas é algo que vem crescendo notoriamente dentro do universo da educação, dentre as diversas metodologias a sala de aula invertida consiste na inversão das ações que ocorrem em sala de aula e fora dela, onde o aluno passa a ser o protagonista do seu processo de ensino-aprendizagem e o professor passa a ser um professor orientador nesse processo (SCHNEIDERS, 2018).

Na abordagem da sala de aula invertida, o aluno estuda antes da aula e a aula se torna o lugar de aprendizagem ativa, onde há perguntas, discussões e atividades práticas. O professor trabalha as dificuldades dos alunos, ao invés de apresentações sobre o conteúdo da disciplina (EDUCAUSE, 2012).

O método da sala de aula invertida vem em de encontro ao método de ensino mecânico, onde o aluno só é capaz de reproduzir aquilo que lhes foi apresentado. A teoria da aprendizagem de Ausubel e colaboradores (Ausubel *et al.*, 1980; Ausubel, 2003) nos ajuda a compreender melhor de que forma é construído o processo de ensino-aprendizagem e criar estratégias que facilitem esse processo para uma aprendizagem significativa. Em uma aprendizagem significativa não acontece apenas a retenção da estrutura do conhecimento, mas se desenvolve a capacidade de transferir esse conhecimento para a sua possível utilização em um contexto diferente daquele em que ela se concretizou (TAVARES, 2008).

A revolução tecnologia vem provocando diversas mudanças na forma de vida das pessoas, e diante à educação básica, não seria diferente. Os modelos educacionais engessados e lineares já não são eficientes a esse jovem multimídia. O desafio está em desenvolver propostas pedagógicas que interliguem o teórico ao tecnológico, para construção do conhecimento significativo. As tecnologias de informação e de comunicação (TIC) promovem a valorização do conhecimento mediante os novos conceitos para seu desenvolvimento educacional.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que define as aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo da sua vivência na Educação Básica, de modo que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento. Conforme definido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), a Base deve nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas, como também as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino

Médio, em todo o Brasil. O uso integrado das tecnologias já é um objetivo atual apresentado na BNCC que tem como objetivo a utilização pelos alunos de maneira crítica e responsável. As competências que abordam as ferramentas para uso da tecnologia para desenvolvimento humano são:

Competência 4: Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo. Competência 5: Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2017, p.09).

Essas competências norteiam a ideia de promover experiências diferenciadas que englobem diferentes formas de expressão, explorando diferentes linguagens, promovendo novas maneiras de assimilação, por meio do protagonismo do aluno.

Diante disso, o projeto foi idealizado para promover essa integração entre as metodologias ativas com ênfase na cultura de aprender fazendo, garantindo uma aprendizagem lúdica, criativa, moderna e eficiente. A metodologia de sala de aula invertida se mostrou alternativa para promover aulas menos expositivas e mais produtivas, dinâmicas e estimulantes, que foi o foco do propósito inicial desse projeto.

O relato proposto

O projeto se baseia na realidade da sociedade 4.0, ou seja, que utiliza a internet inteligente ao seu cotidiano. Esse cenário também deve estar presente na escola, como proposto nas competências da BNCC, logo, promover metodologias ativas com ferramentas digitais aos conteúdos curriculares é uma forma de desenvolver aprendizagem integrada, criativa e de forma coletiva.

É relevante apontar que a necessidade de interação, e responsabilidade diante o uso das mídias e tecnologias não se limita ao âmbito escolar, sendo necessário que as famílias reconheçam a importância dessa associação perante o objetivo de melhoria e inovação educacional, assim como coerência na utilização e história dos mesmos em casa.

O projeto foi proposto como exigência da matéria de Biologia, onde foi delimitado o tema central da Citologia – Estudo das Células, para os alunos da 1ª série do Ensino Médio.

O estudo de Ciências é de extrema importância social, pois contribui para que os alunos compreendam melhor o mundo e suas transformações e possam agir de forma responsável em relação ao meio ambiente e aos seus semelhantes, explorando questões éticas que estão implícitas na relação entre Ciência e sociedade.

O ensino de Ciências às vezes se torna complexo diante seus termos, linguagem e conteúdos próprios, e tem como objetivo inerente à formação de um cidadão responsável com o futuro. Cabe ao professor, promover diferentes meios de ensino para atingir o aluno e incentivá-lo ao saber.

Os conteúdos que envolvem o estudo da célula no Ensino Médio tornam-se um tanto abstratos, pois as células se apresentam como utópicas e imaginárias ao aluno. Segundo Bizzo (2000), em sala de aula o estudo das Ciências é trabalhado diferentemente da realizada em laboratório, que é possíveis visualizações e resultados instantâneos, portanto faz-se necessário um planejamento diferenciado para ministrar esses conteúdos em sala.

Portanto, buscando formas de aproximar esse conteúdo ao entendimento, reconhecendo os tipos celulares a importância das células ao organismo, bem como as diversas organelas e suas funcionalidades, foi proposto esse trabalho como forma diferencial de ensino-aprendizagem.

Para o desenvolvimento do trabalho foi recomendado à produção de protótipos de células, tanto vegetais quanto células animais. Aliado à produção lúdica, adicionou-se a produção de vídeo-aula sobre a célula em questão, aonde os discentes seriam os mediadores do ensino, apresentando características celulares, importância e distinção entre os tipos de células, funções das organelas e curiosidades que envolvem o tema. Esse tema foi escolhido diante a extrema importância do estudo da Citologia na área das Ciências, além de ser um conteúdo atual e que envolve biotecnologia e saúde humana.

O uso de modelos didáticos no ensino de Biologia, principalmente no domínio da Citologia, é uma ferramenta comumente utilizada como estratégia de ensino. A proposta do presente trabalho foi inovar com a adição da metodologia ativa no modelo de sala de aula invertida, onde o aluno se torna o professor, além de inserir a manipulação da tecnologia na produção e edição dos vídeos.

Metodologia

O trabalho foi realizado com os alunos da 1º série do Ensino Médio, na Escola Sesi Ignez Pitta de Almeida, na cidade de Barreiras-BA, no ano de 2019. O projeto envolve a matéria de Biologia com ênfase no conteúdo de Citologia.

Para a coleta de dados, foi determinado para cada grupo a célula que deveriam pesquisar. Para que iniciassem seus estudos foi indicado que cada grupo fizesse a leitura do capítulo correspondente ao seu assunto no livro didático. Após adquirirem base teórica, os alunos partiram para a etapa de elaboração dos protótipos com base nas informações das estruturas celulares previamente estudadas. Foi enfatizada a preferência por utilização de materiais recicláveis ou reutilização de objetos para produção das maquetes.

Para a produção do vídeo, foi sinalizada a importância de ser produzido essencialmente pelos alunos, desde a parte de produção até edição. Os mesmos deveriam discorrer o assunto em um vídeo com duração mínima de 15min, e preferencialmente todos do grupo deveriam aparecer na filmagem. Logo, seria um vídeo-aula onde fariam o papel do professor ao passar o conteúdo em questão, explorando as temáticas que o envolve.

A entrega dos protótipos (Figura 1) e exposição dos vídeos ocorreu no ambiente de sala de aula, para discussão dos conceitos e abordagem de vertentes importantes associados ao conteúdo de enfoque.

Todo o material foi arquivado, após apresentação em forma de *workshop* (Figura 4), para posterior exposição na Mostra Científica da escola.

Registros

Os registros abaixo seguem a logística metodológica descrita. Além das imagens dos protótipos os alunos também elaboraram vídeos-aula com a explicação da célula, caracterizando a metodologia de sala de aula invertida tendo como base uma metodologia ativa.

Figura 1. Alguns exemplares dos protótipos celulares desenvolvidos pelos discentes.



Fonte: Elaborada pelos autores (2019).

É relevante acrescentar que para uma das turmas do 1º ano (Turma A) o vídeo foi preparado com mais detalhe por possuímos, nesta sala, um aluno surdo, logo, foi necessário incluir aos vídeos produzidos a intérprete de Libras (Figura 2). O aluno também participou do vídeo, onde a intérprete mediou a tradução ao português por meio de legendas (Figura 3).

É notório que a célula é um conceito-chave para o entendimento da organização e funcionamento dos sistemas bióticos unicelulares e multicelulares. Contudo, a compreensão conceitual da célula é um desafio para os alunos. De acordo com Manzke e colaboradores (2012), isso ocorre por se tratar de um tema abstrato, no qual frequentemente os professores sentem dificuldade em transformar tal conceito em material concreto. Logo, é necessário buscar e utilizar diferentes estratégias que tornem o ensino da célula mais atrativo, envolvente e concreto (CARVALHO; PEREZ 2003; ROGADO, 2004).

Figura 2. Participação da intérprete em Libras, para turma com aluno surdo.



Fonte: Elaborada pelos autores (2019).

Utilizar os TICs promove a inclusão social e resultados educacionais, promovendo um ensino para a vida inteira do aluno, cada um com sua necessidade e exigência individual na sociedade, deste modo Selwyn (2008, p.818) afirma que:

Na educação, espera-se que os indivíduos aprendam vários conhecimentos e competências em diferentes modos, em função das exigências de sua situação. Independentemente de sua idade ou nível de educação, espera-se que se tornem eternos alunos, desejosos e capazes de empreender um aprendizado como e quando apropriado, durante a sua vida inteira. Isso pode envolver aprendizados por meio de instituições formais de educação, aprendizado à distância ou em ambientes não formais e informais (Selwyn, 2008).

A educação no Brasil passa por frequentes mudanças, aumentando o uso das TICs e ampliando os recursos disponíveis empregados à educação. Para Selwyn (2008), os jovens já estão “conectados” as novas tecnologias, que naturalmente influenciam na mudança de comportamento e beneficiamento do uso de TICs para sua vida em sociedade.

Figura 3. Aluno surdo, participando ativamente na produção do vídeo (A; B), com auxílio de intérprete para mediação e tradução das legendas.



Fonte: Elaborada pelos autores (2019)

Figura 4. Apresentações em sala de aula (A; B; C; D), no formato *workshop*, dos protótipos e vídeos-aula desenvolvidos pelos grupos.



Fonte: Elaborada pelos autores (2019).

Algumas das vídeos-aula produzidas se encontram postados nos seguintes links de acesso:

<https://youtu.be/kQmSYJrdOZc> ; <https://youtu.be/TEkBWj5KKDY> ; <https://youtu.be/sMm7Ik7EZR8> ;
<https://youtu.be/68IHN7ulcWk> ; <https://youtu.be/DnM6ZSXdghY> ; <https://youtu.be/o3Wo2CfxPbM>

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Foi possível observar a competência, eficiência e preocupação dos alunos na qualidade de produção tanto dos protótipos, quanto dos vídeos. Alcançamos o objetivo inicial de promoção de um indivíduo pesquisador e autônomo. Baseado no formato de sala de aula invertida, onde o aluno estuda o assunto previamente e posteriormente compartilha suas dúvidas e aperfeiçoa a teoria, o projeto inovou ao acrescentar uma condição tecnológica e lúdica ao processo, tendo o professor como fomentador de questões.

Esse modelo de educação já foi discutido por alguns teóricos, como John Dewey, Vygotsky, Piaget e Paulo Freire, onde enfatizaram a importância do processo de integração da tecnologia e o conhecimento, transformando o ambiente escolar como integrativo e inovador.

Segundo Santaella (2013):

"A aprendizagem é, sem dúvida, um processo complexo que envolve fatores sensório-motores, neurológicos, afetivos,

emocionais, linguísticos, cognitivos, comportamentais, ambientais e interacionistas” (Santaella, 2013).

Diante essas pontuações, é notório que o modelo tradicionalista de ensinar está se tornando cada vez mais desestimulando, estando o professor, com a autonomia de possibilitar novas formas de aprendizagem. Os ambientes virtuais se tornaram espaços que podem possibilitar uma ampla interação entre professor e aluno, proporcionando uma aprendizagem colaborativa. A aprendizagem colaborativa exige um formador que possua um perfil diferente do professor que tem atuado há décadas. A sala de aula se torna um ambiente de troca, onde os professores aprendem conjuntamente aos alunos.

Nessa visão colaborativa, foi observado a comunhão entre os alunos, se ajudando nas pesquisas e produções. Houve apoio e integração ao aluno com surdez, onde tanto os colegas quanto o próprio discente desenvolveram uma forma conjunta de aprender, ocorrendo efetivamente uma integração não só social como tecnológica.

Logo, pode-se afirmar que os objetivos envolvidos nesse tipo de aprendizagem foram alcançados, sendo alguns eles:

1. Aprender através da interação por parte dos alunos, uma vez que se torna uma ferramenta poderosa para o ensino;
2. Desenvolver habilidades de comunicação escrita e oral;
3. Promover autonomia em trabalhar em grupo.

Portanto, a educação deve buscar meios de integração e difusão de tecnologias, buscando relações mais democráticas e substanciais. Proporcionando condições dos alunos se tornarem cada vez mais autônomos, críticos e engajados tecnologicamente, para contribuírem com o mundo em que vivem.

Considerações finais

O grande desafio deste projeto foi adicionar tecnologia na área educacional, em busca de propiciar novas concepções utilizando uma ferramenta inovadora como a sala de aula invertida, a proposta foi acrescentar o uso tecnológico à metodologia ativa. Os objetivos foram alcançados ao ver alunos integrados, compartilhando conhecimento e dividindo saberes tecnológicos.

A integração foi o ponto mais significativo do projeto, e o uso da tecnologia trouxe interesse e motivação para realização do trabalho. Logo, esse projeto possui saldo positivo em vários âmbitos; ensino-aprendizagem, metodologia ativa como recurso educacional, professor como mediador e questionador do saber e alunos independentes e conscientes tecnologicamente. Busca-se, portanto, que esse projeto seja um gatilho para novos trabalhos, sendo replicado e servindo de inspiração para os demais educadores.

Referências

Ausubel, D.; Novak, J. e Hanesian, H. (1980). *Psicologia Educacional*. Rio de Janeiro: Editora Interamericana.

- Ausubel, D. (2003). *Aquisição e retenção de conhecimentos: Uma perspectiva cognitiva*. Lisboa: Editora Plátano.
- BIZZO, Nélio. *Ciência: Fácil ou Difícil*. São Paulo. Ática, 2000.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versoafinal_site.pdf. Acesso em: 03 de Ago de 2020.
- _____. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 29 de mar de 2020.
- CARVALHO, A. M. P.; PEREZ, D. *Formação de professores de ciências: tendências e inovações*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- EDUCAUSE: Things you should know about flipped classrooms. 2012. Disponível em: <https://library.educase.edu/resources/2012/2/7-things-you-should-know-about-flipped-classrooms>. Acesso em: 03 ago 2020.
- MANZKE, G. R.; VARGAS, R. P.; MANZKE, V. H. B. *Concepção de célula por alunos egressos do ensino fundamental*: In: Encontro Nacional do Ensino de Biologia, Goiânia: SBenBio, 2012.
- ROGADO, J. A grandeza quantidade de matéria e a sua unidade, o mol: algumas considerações sobre dificuldades de ensino e aprendizagem. *Ciência & Educação*, v. 10, n. 1, p. 63-73, 2004
- SANTAELLA, Lúcia. *Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação*. São Paulo: Paulus, 2013.
- SCHNEIDERS, Luís A. *O método da sala de aula invertida (flipped classroom)*. Lajeado: ed. da UNIVATES, 2018.
- SELWYN, Neil. O uso das TIC na educação e a promoção de inclusão social: uma perspectiva crítica do Reino Unido. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 29, n. 104, p. 815-850, Oct. 2008. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302008000300009&lng=en&nrm=iso>. access on 30 Mar. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302008000300009>.
- TAVARES, Romero. *Aprendizagem significativa e o ensino de ciências*. *Ciências & cognição*, v. 13, n. 1, 2008.

DIVERSIDADE CULTURAL NA ESCOLA

CULTURAL DIVERSITY IN SCHOOL

Rafaela da Conceição Rodrigues¹

¹*Pedagoga pelo Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO).*

RESUMO

O projeto originou-se de uma situação comum na maior parte das escolas brasileiras, a imposição cultural. Nesta situação o aluno, ainda que indiretamente, é forçado a aceitar e fazer parte de uma cultura diferente da sua. Analisando a situação de imposição cultural, foi detectado a necessidade de uma conscientização por parte da professora, de que a escola é um ambiente que abraça diferentes culturas e que somos fruto das interações culturais. A identidade de um povo é fundamentada pela cultura, por isso, a importância do trabalho cultural na escola de modo integral e profissional. Para pôr em prática esse projeto foi pensado cuidadosamente o método a ser utilizado. Para este projeto fez-se o uso da formação continuada para o trabalho direto com a professora e o Projeto de Trabalho para a prática e interação da professora com as crianças.

Palavras-chave: Cultura; Identidade; Diversidade Cultural; Educação.

ABSTRACT

The project originated from a common situation in most Brazilian schools, the cultural imposition. In this situation the student, albeit indirectly, is forced to accept and be part of a different culture from his own. Analyzing the situation of cultural imposition, it was detected the need for an awareness on the part of the teacher, that the school is an environment that embraces different cultures and that we are the result of cultural interactions. The identity of a people is grounded in culture, so the importance of cultural work in school in an integral and professional manner. To put this project into practice, the method to be used was carefully considered. For this project, continuous training was used for direct work with the teacher and the Work Project for the practice and interaction of the teacher with the children.

Keywords: Culture; Identity; Cultural diversity; Education.

Introdução

O presente artigo visa compreender a diversidade étnica e cultural que compõe a sociedade brasileira e suas relações, marcadas por desigualdades socioeconômicas além de apontar transformações necessárias para uma mudança na escola de modo que abrace a pluralidade cultural.

Este artigo oferece elementos para a compreensão de que valorizar as diferenças étnicas e culturais não significa aderir aos valores do outro mas, respeita-los como expressão da diversidade, respeito que é, em si, devido a todo ser humano, por sua dignidade intrínseca, sem qualquer discriminação (BRASIL, 1998, p.120).

As culturas são produzidas pelos grupos sociais ao longo da sua história, na construção de suas formas de subsistência, na organização da vida social e política, nas relações com o meio e com outros grupos, na produção de conhecimentos, etc. A diferença entre culturas é fruto da singularidade desses processos em cada grupo social (BRASIL, 1998, p. 120)

As falas anteriores puderam ser analisadas e aprimoradas enquanto ainda participava do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência). Ao longo da trajetória como PIBID em diferentes escolas e ver como funciona a questão cultural de um grupo social e como a escola lida com isso.

Muitas vezes anulamos a cultura, a identidade e a bagagem cultural que o aluno traz, por acreditarmos que seja inferior quando na verdade, apenas não compreendemos e refletimos sobre nossa própria identidade cultural.

A identidade e a diferença: o eu, o nós e o(s) outro(s).

No senso comum, a escola é um ambiente capaz de unir diversas culturas. Mas como lidar com essas diferenças e/ou diversidades?

De acordo com estudos feitos no ambiente virtual de aprendizagem o UNIFESO (2018), Silva (2014) define identidade como o que faz referência ao eu, aquilo que sou, enquanto a diferença informa o que o outro é.

Ao longo do estudo sobre definições e concepções, foi apresentado Kathryn Woodward (2014). Ela diz que a identidade é relacional e que para existir depende de uma identidade exterior, diferente.

É preciso ter clareza, desde já que tanto a identidade quanto a diferença, não existem na natureza. Ambas são criações sociais e culturais, historicamente produzidas por meio da linguagem. Lembrando que a linguagem, com seus símbolos e significados da qual fazem parte. UNIFESO.Educação e estudos culturais 2018).

Todos os seres humanos vivem dentro de um contexto cultural. Pessoas de diversas localidades, transmitiam sua cultura por intermédio da oralidade ou de gravura. Com o passar do tempo, muitos conteúdos de diversas culturas foram perdidos por não haverem registros codificados (VIANA, 2015, p. 289).

A diversidade cultural no país

Segundo Cortella (2011) é comum nos livros de ensino de história em geral, haverem equívocos quanto ao período história e a vangloria da cultura X e depreciação da cultura Y.

Esse equívoco também ocorre no ensino sobre os povos nativos. A visão e o ensino equivocado da cultura dos povos nativos tem origem com os jesuítas, responsáveis pelos registros da época. O que compreendemos sobre os nativos vem do ponto de vista do povo jesuítico que não compreendia o real sentido da cultura, da vivência e do linguajar nativo (VIANA,2015,p.289)

No livro *Cultura: um conceito antropológico*, o autor Roque de Barros Laraia, fala sobre a cultura ser um tema existente há muito tempo. Em um trecho desta obra, afirma que o padre José de Anchieta (1534-1597) se surpreendeu com os costumes do povo Tupinambá e enviou uma carta a seus superiores sobre o comportamento dos homens da tribo Tupinambá ante as mulheres, das relações entre parentes e descrevendo-os como bárbaros e selvagens (LARAIA, 2011,p.12)

Em outro trecho da obra, Laraia traz Montaigner (1533-1572) dizendo que o que mais lhe chamou a atenção foi o fato de não usarem calças e quanto ao restante ele tentou não se espantar. Para ele, os Tupinambás não eram bárbaros como afirmou o padre José de Anchieta.

Apesar da miscigenação já ocorrente no Brasil até o século XIX, muitos imigrantes de diversos lugares da Europa (como, Portugal, Espanha, Holanda, Itália) e Ásia acrescentaram sua cultura nessa combinação já existente tornando-a mais rica e complexa.

No artigo *Plural, mas não caótico*, que se encontra no livro *CULTURA BRASILEIRA: temas e situações*, o autor Alfredo Bosi afirma que há quem tente definir a cultura nacional unificando e definindo por uma qualidade específica. Para o autor, em nosso país, não há espaço para uma cultura única, homogênea. (BOSI,2000,p.7)

Segundo Laraia (2003,p.17), referente a nosso país, ainda há quem diga que os brasileiros herdaram a preguiça dos negros, a imprevidência dos índios e a luxúria dos portugueses.

De acordo com Laraia (2003,p.16) a diferença de comportamento de povos não pode ser explicada pela somatologia ou pela mesologia. Na declaração redigida por biólogos, antropólogos entre outros especialistas com apoio da UNESCO em 1950, diz que esses estudos sobre cultura nos informam que essas diferenças se explicam antes de tudo pela história cultural de cada grupo social.

Anatomicamente e fisiologicamente nos diferenciamos por sexo, etnia, cor dos olhos, etc... mas é falso que as mudanças comportamentais e diferenças ocorrem devido a tal processo. Um menino e uma menina agem de maneira diferente por um único motivo, educação diferenciada. (LARAIA, 2013, p.20)

O homem (ser humano) dominou a natureza e se fez o mais temível predador, sem asas dominou o ar, sem garras, dominou os oceanos e tudo isso porque se difere dos outros animais bpor ser o único a ter cultura. Isso nos faz questionar junto ao autor o que é cultura. (LARAIA,2013,p.24)

Segundo Veiga-Neto (2003,p.11) os estudos sobre cultura surgem em meio a movimentações de alguns grupos que visam alcançar instrumentos conceituais que emergem de sua leitura de mundo,

repudiando e oprimindo aqueles que se interpõem. No Brasil e em diversos países, ganham forças os movimentos intelectuais oriundos ao panorama pós guerra (vale lembrar que esta guerra citada é a segunda guerra mundial) gerando uma revolução na teoria cultural.

Na década de 40 surgiu um movimento de jovens brancos que tinham acesso a cultura dominante. Na década de 50 surgiu Beat Generation, que lutava contra a cultura dominante. Em 60 surgiu o movimento Hippie onde intelectuais lutavam contra o trabalho intenso e diário, a ascensão social e a estética padrão.

No Brasil, nos anos 60, tínhamos o mesmo movimento, no entanto, o cenário aqui era o da ditadura milita. Esse movimento ganhou força com o apoio de artistas como Gilberto Gil, Caetano Veloso, entre outros.

Cultura e escola

O papel atribuído a escola mudou a mesma e a pedagogia, gerando um ambiente de embates entre teoria e prática, tendo como centro as questões culturais.

Há um crescente interesse quanto à cultura, tanto no âmbito acadêmico quanto na vida cotidiana. Nas últimas décadas temos a ascensão da cultura como forma de ser, pensar, agir e estar no mundo. (VEIGA-NETO,2003,p.10)

Veiga-Neto (2003,p.6) diz que com os frequentes estudos e debates sobre cultura surgiram algumas dificuldades no campo da educação principalmente com o surgimento e acompanhamento dos avanços multiculturais

Ao longo dos últimos três séculos as discussões sobre cultura abordavam questões superficiais preferindo alguns temas ao invés de abordar sobre a questão amplamente

Aceitou-se, sem maiores questionamentos que a cultura, se designava de tudo que a humanidade havia produzido de melhor (em todos os termos), ou seja, tudo que foi produzido pelos europeus.

De uma forma sintética a educação era vista como ferramenta para ensinar a cultura tendo como base as grandes conquistas alcançadas por um grupo mais educado considerados mais culto, a europeia.

A educação escolarizada serviu a um modelo de modernidade que deveria ser mais homogênea, porém a escola foi colocada para limpar o mundo de culturas para assim então haverá em sessão de Cultura.

Para Veiga-Neto (2013, p. 7) alguns pedagogos se apropriaram dessas definições quando a educação foi vista como um caminho natural para elevação Cultural de um povo então surgiu o elitismo que ocorre quando utilizamos a fala “fulano é culto. Ainda de acordo com Veiga Neto, a cultura não está acima de outras áreas sociais como, política e educação, porém ela está presente em todas por perpassar cada uma dessas áreas.

Ante a demanda e a importância que vieram surgindo com os debates sobre diversidade cultural e pluralidade, o Ministério da Educação elaborou o Parâmetro Curricular Nacional – Temas Transversais

que é um norteador do trabalho pedagógico, e nele encontramos orientações e alguns possíveis objetivos ao desenvolver o trabalho e estudo da diversidade e pluralidade.

Logo na apresentação encontramos a seguinte colocação da Secretaria do Ensino Fundamental

Para viver democraticamente em uma sociedade plural é preciso respeitar os diferentes grupos e culturas que a constituem. A sociedade brasileira é formada não só por diferentes etnias, como também por imigrantes de diferentes países. (BRASIL, 1998. P.117)

É necessário compreendermos e aceitarmos a pluralidade para darmos um grande passo no trabalho com as culturas dentro da escola. O trabalho com as culturas pode ser (e deve ser) feito para todas faixas de aprendizagem, obviamente, sob algumas adaptações a realidade de cada escola. O aluno tem que conhecer sua cultura e saber a história por trás das outras culturas para que seja significativo.

Como base dentro da educação, o Parâmetro Curricular Nacional – Temas Transversais Pluralidade Cultural aborda a problemática cultural no ambiente escolar.

O documento inicia afirmando que para vivermos democraticamente uma sociedade com sua pluralidade, temos que compreender cultura. Sabe-se que em nosso país a diversidade cultural é grande e que o encontro entre as culturas geralmente é marcado pelo preconceito e discriminação, ocasionado pela falta de conhecimento do(s) outro(s) e as relações assimétricas de poder.

Cada qual considera bárbaro o que não se pratica em sua terra. Desde a antiguidade é comum arrumarem argumentações para as diferenças culturais. (Montaigne, apud. Laraia, 2001, p.13)

Um dos diversos desafios da escola, é compreender e reconhecer que o ensino da diversidade cultural é fundamental para podermos nos reconhecer como cidadãos, assim, podemos superar preconceitos que ocorrem pela falta do conhecimento.

A compreensão da problemática cultural demanda do professor e da escola uma formação continuada, pois podem ocorrer situações em que o professor não saberá responder nem agir. Eis que surge então a importância do conhecimento teórico sobre cultura, identidade, etnia e raça, pois o professor como ser humano pode possuir e reproduzir alguns pensamentos não adequados.

De acordo com o Parâmetro Curricular Nacional – Temas Transversais Pluralidade Cultural (1998, p. 117), a escola deve ser o local de aprendizagem onde seus alunos compreendam que nos espaços públicos é permitida a coexistência. O grande desafio da escola é reconhecer a diversidade como parte inseparável da identidade nacional e dar a conhecer a riqueza representada por essa diversidade etnocultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, investindo na superação de qualquer tipo de discriminação e valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade.

Após uma breve apresentação da cultura brasileira, vamos delimitar a área e o caminho da atuação.

A escola parceira foi o Colégio das Flores em Teresópolis, A unidade conta com 6 (seis) turmas, sendo 3 (três) de pré I e 3 (três) de pré II.

Na turma do pré II, as crianças estranhavam o modo de falar de uma criança nordestina. Observando a situação foi observado que a professora nada fazia juntamente com a escola. Diante deste problema decidido ver o que a escola e a professora desenvolviam sobre Cultura.

Na escola, apenas comentavam o Dia do Índio e o Dia do Folclore. A festa junina, era única manifestação cultural de grande porte. Em um espaço com tantas culturas se abordava sobre tudo no dia a dia exceto, cultura.

A professora, mulher de 43 anos que atua há 23 anos no município como professora, é religiosa.

A questão religiosa, é para termos em mente que há coisas que ela não faz por sua religião julgar equivocado. A mesma não comemora natal, aniversário, entre outras datas festivas da cultura local e nacional.

Intervenção

O método selecionado para esta intervenção foi a Formação continuada. O método foi escolhido porque visa, primeiramente, conscientizar e capacitar a professora sobre a importância da pluralidade cultural existente em nosso país, para que ela possa plantar essa semente nos seus alunos e assim atingirmos uma cultura de paz...

Uma grande dificuldade na atualidade, é compreender que a formação continuada não pode ser dissociada do trabalho, pois o professor assim como o aluno precisa enxergar um sentido naquilo que está sendo aprendido.

Não podemos separar a formação do contexto de trabalho porque nos enganaríamos em nosso discurso. Ou seja, tudo o que se explica não serve para todos nem se aplica a todos os lugares [...] O contexto condiciona as práticas formadoras bem como sua repercussão nos professores e, sem dúvida na inovação e na mudança. (IMBERNÓN, 2010. p, 8)

A proposta da intervenção, foi apresentada para a direção em um encontro no dia 9 de julho de 2018.

Primeiramente, o projeto de intervenção foi apresentado para a direção da unidade escolar e para a professora (personagem principal). A proposta do projeto, visa promover e valorizar a diversidade cultural na escola, partindo da turma onde o problema foi identificado, sempre lembrando de nossas origens e permitindo nossos alunos o conhecimento, ainda que de uma pequena fração das culturas e costumes existentes em nosso país, sem ferir a identidade do aluno, do professor e da escola.

Após a apresentação do projeto de intervenção, foi a vez da direção juntamente com a professora decidirem se aceitariam a intervenção na escola já que, a intervenção vem para ampliar seus horizontes em relação a diversidade cultural e a importância da problemática na sala de aula.

❖ *Primeiro dia: Cultura, um conceito antigo.*

Com base nas respostas do questionário, no dia 03 de setembro, retornei à unidade escolar e juntamente com a professora relembrei a proposta e o objetivo do projeto de intervenção. Para auxiliar na recordação, relembrei o questionário respondido pela professora.

Perguntei a professora o que ela compreendia sobre o trabalho com diversas culturas em sala. Logo em seguida, respondeu-me que desenvolve o trabalho específico no dia do índio, no dia do livro, e na festa junina, quando faz referência as culturas em questão de modo que, para ela, seja correto e profundo. Seguiu dizendo que a cultura vem do meio em que a criança está inserida, da qual faz parte, e nem sempre é “boa”. Então a escola dar oportunidade para a criança crescer e ser alguém melhor, alguém minimamente “culto”

Ao término fala da professora, expliquei que a cultura faz parte da identidade do ser humano. É preciso ter clareza que tanto a identidade quanto a diferença não são criações da natureza, mas criações sociais, historicamente produzidas por meio da linguagem (escrita e oral). Sendo assim, não há uma cultura certa ou errada, melhor ou pior, há simplesmente diferentes culturas.

Para embasar nossa conversa sobre cultura, foi utilizado o livro de Roque de Barros Laraia, *Cultura, um conceito antropológico*. Mais precisamente o primeiro capítulo, “O determinismo biológico”, no qual o autor afirma que a cultura é um assunto que está presente em pautas de debates e pensamentos há muito tempo.

Com base na leitura, a professora relatou que a parte que mais chamou sua atenção foi a carta do padre José de Anchieta, que apresenta o povo Tupinambá como selvagens, bárbaros. Porém em seguida, Montaigner expressa sua surpresa por não utilizarem calças. E comentou que tudo é uma questão do ponto de vista a partir do que cada um traz consigo.

❖ *Segundo dia: Conceituação de cultura*

No dia seguinte, 04 de setembro de 2018, retornei à escola para continuar a atividade. Ao chegar fui recebida pela professora e caminhamos até a sala reservada para o projeto de intervenção. Durante o percurso ela comentou que até então, refletiu sobre o dia anterior e que pensou em alguns alunos que tem em sala. Que julgava não serem de uma cultura adequada (dentro dos padrões dela), mas vendo por outro ângulo, pôde compreender algumas atitudes e costumes.

Ao chegar no ambiente de estudo, retomamos o diálogo do dia anterior unindo ao comentário feito pela professora ao longo do trajeto. Iniciei indagando-a se há algum brasileiro de etnia “pura”? Rapidamente, a professora respondeu que não, que não há ninguém no Brasil com etnia “pura”. Em sequência, perguntei por que haveria então uma cultura pura?

Ao refletir sobre a questão, seguimos a leitura do capítulo 2, “O determinismo geográfico”, e discutimos o conceito de cultura apresentada pelo autor.

O termo *Kultur* veio para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade. Foi sintetizada por Edward Taylor e que no vocabulário inglês, cultura inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, etc.

A professora não fez comentários, porém afirmou que compreendeu o que é cultura. Em seguida discutimos identidade, diferença e diversidade.

❖ *Terceiro dia: Identidade*

No ambiente reservado pela unidade escolar para a realização da intervenção, retomamos nosso diálogo no dia 05 de setembro de 2018 dando sequência a formação continuada com a discussão que não concluímos no dia anterior.

O assunto do dia foi sobre identidade. Como recurso, utilizei a aula disponibilizada no ambiente virtual cujo título é O eu (nós) e os outros, pelo Centro Universitário Serra dos Órgãos.

Durante a leitura do material foi exposta a professora a “Contextualização” da aula e a leitura nos dizendo que alguns dos embates e debates existentes hoje têm como base comum a crise de identidade. Seja a identidade pessoal ou seja a identidade nacional.

Ao longo da leitura do material, também disponibilizado no ambiente virtual, a professora lançou uma reflexão sobre o tema dizendo que nunca havia parado para analisar a cultura das outras pessoas. Não somente de alunos.

❖ *Quarto dia: Miscigenação*

No dia 10 de setembro de 2018, novamente no ambiente reservado a nossos encontros, foi apresentado a professora o livro organizado por Alfredo Bosi, intitulado *Cultura: temas e situações* apresenta a nós, o artigo Plural, mas não caótico, que aborda a questão cultural e como são erroneamente, de modo proposital, transmitidas.

A atividade focou no artigo de autoria de Bosi. O primeiro artigo narra como a mídia influencia determinadas culturas e até mesmo modifica-las, em alguns casos, para serem aceitas ou não por quem não a conhece.

Um exemplo em relação é a África. Quando fechamos nossos olhos e falamos a palavra África, tendemos a pensar em desertificação, vegetação apropriada ao deserto, pessoas extremamente magras e morrendo de fome, porém a África não é apenas composta por essas questões.

A professora fez uma reflexão que me deixou muito animada, trouxe o exemplo dos cantores de favela, que quando ascendem ao sucesso, são obrigados a deixar a comunidade onde vivem, a tirar de seu nome artístico aquilo que faz referência ao local de origem e, até mesmo mudar seu ritmo e língua, de forma lenta, porém, frequente.

❖ *Quinto dia: Reflexão Cultural*

No dia 11 de setembro de 2018, houve pouco tempo para desenvolver o projeto com a professora devido a uma reunião pedagógica que ocorreu antes da entrada dos alunos. Porém, mesmo com a dificuldade do tempo o estudo foi realizado.

Foi estudado o capítulo, “O desenvolvimento do conceito de cultura” do livro *Cultura*, um conceito antropológico, de Roque de Barros Laraia.

A professora destacou o tópico que diz que o homem age de acordo com seus padrões culturais. Os seus instintos foram parcialmente anulados pelo longo processo evolutivo por que passou (LARAIA, p. 48)

O trecho foi destacado sob o argumento que não podemos falar que nosso aluno é X ou Y, porém devemos analisar todo seu contexto histórico e cultural. Como professores, ao invés de aprimorar e lapidar essa cultura, apenas anulamos e inserimos outra que não condiz com a realidade do estudante.

Através da fala da professora, foi possível identificar o quanto percebeu o que estava fazendo com seus alunos, inclusive na situação problema.

❖ *Sexto dia: Hegemonia Cultural*

No dia 12 de setembro de 2018, fizemos a leitura do segundo artigo dentro do livro de Alfredo Bosi. O artigo em questão tem por título *Cultura e desenraizamento*, é de autoria de Ecléa Bosi.

O texto afirma que quando duas culturas se defrontam, não como predador e presa, mas como diferentes formas de existir, uma é para a outra como uma revelação. Mas essa experiência raramente acontece fora dos pólos, submissão - domínio. A cultura dominada perde os meios materiais de expressar sua originalidade.

Ao discutir o trecho acima, a professora comentou que, até mesmo na escola, há essa submissão e domínio. O aluno é submisso ao professor que, muitas vezes, quer impor uma determinada cultura que não condiz com a do aluno e muito menos com sua realidade.

O capítulo também traz a situação do migrante, que quando condicionado a nova cultura, perde a sua cultura original e cai no desenraizamento. O migrante não procura o que foi perdido, mas o que pode nascer naquela terra de erosão que virou sua cultura e identidade.

A professora, em uma breve reflexão, lembrou-se da aluna que inspirou o projeto. Afirmou que não via por este lado do condicionamento a que ela estava acometida.

Com mais uma reflexão positiva, encerramos o dia.

❖ *Sétimo dia: Parâmetro Curricular Nacional*

O encontro do dia 17 de setembro de 2018, foi realizado com o material disponibilizado pelo governo federal de modo gratuito as unidades escolares, o Parâmetro Curricular Nacional – Tema transversal, Pluralidade.

Infelizmente, a unidade escolar não conta com esse material no pequeno acervo para professores. Ciente desta situação, foi impresso uma via e encadernado para utilizarmos na reta final dos estudos.

Durante a leitura da apresentação do PCN, foi lembrado e citado as leituras anteriores, de modo que os referenciais lidos dialogassem e a professora conseguisse compreender a importância do estudo sobre cultura na educação.

Em um trecho do PCN há uma fala sobre a sociedade brasileira ser formada não só por diferentes etnias, mas também por imigrantes de outros países, a professora recordou a leitura que fizemos do primeiro texto do livro de Alfredo Bosi, que diz plural, mas não caótico, feita no dia 10 de setembro.

Para completar a fala da professora, lembrei da leitura do segundo texto do livro de Bosi que aborda a questão da migração e do desenraizamento, algo comum e fácil de se observar nas escolas.

Na sequência da leitura, foi discutido o grande desafio da escola em reconhecer essa diversidade e valorizar a riqueza que tem.

Ao longo da leitura foi enfatizado trechos que remetem a realidade encontrada e a esperada pela escola, diante da pluralidade existente.

Deixei a ela uma reflexão sobre falar e ensinar a cultura do outro não significar que adotaremos costumes e não anularemos a nossa, é possível conciliar as duas.

❖ *Oitavo dia: Reflexões para o planejamento*

Dia 18 de setembro de 2018. Neste dia, mediante a todo material estudado até aqui e as declarações da professora, personagem principal desta intervenção, nos reunimos na elaboração do planejamento das atividades que abrangem a diversidade cultural.

Escolhemos três áreas da educação infantil para o planejamento já que não poderíamos anular nem passar por cima das atividades já planejadas do projeto que estava em andamento.

As áreas escolhidas foram: Linguagem Oral e Escrita, Artes e Música. Decidimos que planejaríamos três atividades para três dias da semana, pois não poderíamos ampliar mais devido ao andamento do projeto.

Antes de planejar efetivamente as atividades refletimos nos nossos objetivos que são:

- Ampliar o conhecimento da diversidade cultural no nosso país.
- Apresentar diferentes culturas, festejos e costumes
- Compreender que mesmo diferentes somos iguais, somos seres humanos.

❖ *Nono dia: Planejamento*

No dia 19 de setembro de 2018, continuamos com o planejamento das atividades, nesta parte pude notar nela uma empolgação e força de vontade que me chamaram a atenção já que ela é conhecida por planejar bem as atividades que fará com os alunos.

❖ *Décimo dia: Observação*

Neste dia, 24 de setembro de 2018, não houve encontro de formação continuada, apenas fui a sala de aula assistir o planejamento em ação e se o assunto seria desdobrado em outras atividades.

A professora fez a rotina com os alunos (música, dia da semana, janela do tempo e chamada). Permanecendo em roda, fez a contação da história do livro *Bumba meu Boi-Bumbá*, autoria de Roger de Mello.

Este livro conta a história do boi com estrela na testa que para seu dono, o patrão, era enviado do céu. Pai Francisco, melhor funcionário do patrão, atende o desejo de sua esposa, Catirina que estava grávida, de comer língua de boi.

Porém não poderia ser qualquer boi, tinha que ser um com estrela na testa. Pai Francisco então corta a língua do boi enviado do céu.

O livro vai mostrando a saga de Pai Francisco para ressuscitar o boi do patrão.

As crianças gostaram muito da história e indagaram sobre o boi perguntando como ele veio do céu, como ele comia, e onde acontecia a “festa”.

A professora, para sanar as dúvidas, respondeu que o boi era bem cuidado e seu dono tinha muito carinho por ele, por isso ficou triste quando o boi foi sacrificado. e sua alimentação era a melhor eu tinha, até porque era um boi vindo do céu.

Ao finalizar a história e a roda de conversa, a professora trouxe uma silhueta de boi, em um papel 40 quilos, tintas, lantejoulas e laço para montarem o boi e exporem no mural da sala.

Enquanto enfeitavam o boi, a professora colocou para tocar uma música dos dois grupos de Parintins, o caprichoso e o garantido.

Essas atividades foram pautadas no Parâmetro Curricular Nacional, Temas transversais – pluralidade que nos diz que, para viver democraticamente em uma sociedade plural é preciso respeitar os diferentes grupos e culturas que a constituem (BRASIL, 1998, p. 117).

❖ *Segundo dia: Continuação da observação*

Foi feita a leitura do livro: *Poeminhas da Terra* de Márcia Leite e Tatiana Mões.

As crianças ouviram a história atentamente, porém não questionaram nada. Após a leitura, a professora listou com eles alguns animais que aparecem na história e deu algumas imagens destes animais para que pudessem colorir juntos e exporem na parede da sala.

Enquanto pintavam, a professora colocou no rádio uma música indígena para que pudessem ter contato com algo da cultura nativa além da literatura. A música tocada foi o álbum completo: *Ñande Reko Arndu* cantado por crianças Guaranis.

As crianças ao longo da pintura dançavam espontaneamente ao som das músicas. Ao fim das pinturas, a professora contou aos alunos que essas músicas foram cantadas por crianças indígenas. Com esta informação uma criança perguntou se eles não falam português e se iam a escola igual a eles.

A professora respondeu que em algumas aldeias há uma escola bilíngue, que ensinam o português e a língua nativa deles, e que nós falamos o português devido a colonização portuguesa.

❖ *Terceiro dia: Observação final*

Após a rotina das crianças, a professora fez a leitura do livro, Bruna e a Galinha D'Angola.

As crianças gostaram da galinha Conquém, e da vovó Nanã. A professora fazer uso deste livro foi algo notório, já que, história é um conto africano sobre a criação trazendo citação de alguns Orixas, como Oxum, Oxala e Nana.

As crianças não perguntaram nada referente aos orixás citados, porém pode ser notado um certo desconforto dela em narrar a história, mas não desistiu nem reclamou.

A professora enfeitou uma caixa de sapatos como baú, e pediu para as crianças colorirem a galinha Conquem. Ao coletar os desenhos ela colou-os em um pedaço do tecido TNT para por dentro do baú, remetendo a parte do livro em que Oxum desenha uma linda galinha no tecido e o guarda no baú.

Após esta atividade findou-se a intervenção e os encontros para a formação continuada.

Análise crítica

Ao encontrar a situação problema, foi possível constatar a ausência do trabalho com a diversidade cultural. A diversidade não era algo que fazia parte do planejamento da professora, nem do planejamento dos projetos elaborados pela orientação pedagógica.

O discurso apresentado pela professora anteriormente, era de que atendia a diversidade cultural quando chegava o dia do índio, da consciência negra, do folclore e a tão esperada festa junina.

Ao iniciar a intervenção com a formação continuada, pode ser possibilitada a professora uma reflexão sobre identidade, cultura e sua diversidade. Foi proporcionado um momento de construção do conhecimento e auto análise com essa intervenção.

Com as reflexões e a auto análise, mediante a material oferecido a professora, ela pode chegar a situação que ocasionou essa intervenção sem que citassem ou explicitarem a ela.

Diante da situação problema, ela não tomou nenhuma atitude por julgar ser o correto e o melhor a se fazer, porém, ela pode ver com a formação continuada, que ela não só podia como deveria ter feito algo.

Essa intervenção foi além do esperado pelo fato da professora relacionar os estudos e reflexões a atitudes que toma mediante aos costumes de alguns alunos, acarretando até mesmo na anulação de sua cultura ou no desenraizamento (conceito trazido por Ecléa Bosi).

Ao chegar na parte do planejar as atividades, foi um pouco preocupante pois, era a hora de ver se a professora compreendeu e apreendeu os estudos e reflexões feitas ao longo dos encontros.

Me surpreendi, positivamente, ao ver as escolhas de livro que a professora aprontou, pois, um dos livros faz menção a Orixás o que para a professora, muito religiosa, seria negativo.

Durante a aplicação das atividades em sala, foi possível notar que a professora se maravilhou e embarcou juntamente com as crianças, na história Bumba meu boi-bumba, de autoria de Roger Mello, e nas atividades sobre a história.

No dia seguinte foi possível notar uma certa normalidade ao aplicar as atividades do livro Poeminhas da Terra, que traz poemas do meio nativo. Quanto as atividades, a professora mostrou empenho em esclarecer dúvidas e o cuidado ao guardar a atividade para expor na semana seguinte.

No terceiro e último dia da intervenção, foi possível sentir uma tensão e um certo desconforto na contação da história Bruna e a galinha D'angola por conta dos Orixas, porém não foi empecilho para ela que continuou a história e atendeu as atividades.

Considerações finais

O projeto de intervenção é uma metodologia que vêm para proporcionar uma mudança na realidade escolar. Por abranger desde a parte burocrática de uma escola até a sala de aula, é uma metodologia que, assim como o projeto de trabalho, deveria ser incutido dentro da escola.

Este projeto de intervenção, plantou a semente da importância de trabalharmos e respeitarmos a diversidade cultural.

Foram enfrentados alguns obstáculos para a conclusão deste trabalho como a falta de alguns materiais impressos sobre o assunto, o pouco tempo, e o receio da professora ao não autorizar o uso de sua imagem e de seu nome.

Foi possível observar a disponibilidade e motivação da professora em aceitar o conteúdo, e a disponibilidade em alterar seu planejamento para atender esta demanda da diversidade cultural existente na escola.

De um modo geral, este projeto conseguiu atender seus objetivos que eram, apresentar e auxiliar na compreensão diversidade étnica e cultural que compõe a sociedade brasileira e suas relações.

Referências

BOSI, Afredo. **Cultura Brasileira: Temas e situações**. São Paulo: Atica, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade cultural**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília. MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pluralidade.pdf>> Acesso em: 02 mar. 2018

COLENY, Fabricio. **Círio de Nazaré, em Belém**. 2015. Disponível em: <<http://cirios.com.br/cirio-de-nazare-em-belem/>>. Acesso em: 10 ago. 2018

CORTELLA, Mário Sérgio. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 14. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Trad. Juliana dos Santos Padilha. Porto Alegre: Artmed, 2010.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Cultura, culturas e educação.** 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a01.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

VIANA, Maria. **Sou educador:** ensino fundamental I. São Paulo: Eureka, 2015.

A UTILIZAÇÃO DO GRAFITE COMO INSTRUMENTO DIDÁTICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA REALIZADA NO MUNICÍPIO DE IRATI/PR

THE USE OF GRAPHITE AS AN IDENTIFICATION INSTRUMENT IN TEACHING GEOGRAPHY: A PEDAGOGICAL EXPERIENCE CARRIED OUT IN THE MUNICIPALITY OF IRATI / PR

Pablo Jonathan Prado¹, Daniel Luiz Stefenon²

¹ Licenciatura plena em Geografia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO). Professor de Geografia da Secretaria de Educação do Estado do Paraná (SEED/PR). ² Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e licenciatura plena em Geografia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO). Professor da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO).

RESUMO

O presente trabalho consiste em um relato de experiência pedagógica ocorrida no Colégio Estadual João de Mattos Pessoa no município de Irati-PR no âmbito das ações do programa Residência Pedagógica. Esta atividade foi parte da programação da “Semana da Consciência Negra” e objetivou, por meio da utilização da linguagem artística do grafite, realizar uma aproximação da disciplina de Geografia com elementos da realidade vivenciada por grande parte dos alunos da escola.

Palavras-chave: grafite, hip-hop, paisagem.

ABSTRACT

The present work consists of a report of a pedagogical experience that took place at the João de Mattos Pessoa State College in the municipality of Irati-PR through the Pedagogical Residency program. This activity was part of the programming of the “Black Awareness Week” and aimed, through the use of graphite artistic language, to bring geographic discipline closer to the reality of most students.

Keywords: graffiti, hip-hop, landscape.

Introdução

O presente trabalho consiste em uma análise acerca de uma experiência pedagógica realizada no Colégio Estadual João de Mattos Pessoa, no município de Irati-PR, no âmbito das ações do programa Residência Pedagógica, com alunos e alunas do 8º ano do Ensino Fundamental. Apesar de estar localizado em um dos maiores bairros da Cidade de Irati, o colégio recebe alunos de outras localidades próximas, que segundo a constatação de campo, são bastante carentes e marcadas por problemas de ordem social como a violência e o preconceito.

Entretanto, em meio a tantos problemas, existe uma imensa riqueza cultural entre os moradores desses bairros, sendo que boa parte deles frequenta a escola. Segundo a professora preceptora, nesse grupo, é possível perceber que há uma forte predominância no uso de acessórios, roupas e objetos ligados ao universo *hip-hop*, movimento com raízes afro¹. Nesse sentido, houve a ideia da realização de uma oficina de grafite, pois as constatações no campo de atuação no programa Residência Pedagógica indicaram que existe uma grande dificuldade, por parte desses alunos, em afirmar suas raízes e identidades devido, principalmente, ao preconceito.

A oficina foi integrada como parte das ações da “Semana da Consciência Negra” no colégio e teve como objetivo fomentar a afirmação dessas raízes suprimidas socialmente e até dentro do próprio ambiente escolar, sendo também uma forma de aproximação da disciplina geográfica com a realidade de grande parte dos alunos, buscando fazê-los compreender as transformações socioespaciais por meio dessas manifestações artísticas.

Cavalcanti (2012) traz a ideia de que a geografia escolar é uma forma de mediar o encontro de culturas, neste caso, a cultura escolar e a do aluno. Além disso, Alves (2016) complementa que quando os alunos sentem-se inseridos nas práticas, eles tendem a apresentar maior interesse e aprendizado. Portanto, a realização dessa atividade representa uma confluência de expectativas acerca das aprendizagens dos estudantes, colocando o universo cotidiano deles no centro da atividade de ensino.

A fim de socializar os resultados e reflexões gerados pela atividade, serão apresentados, primeiramente, os princípios teóricos que fundamentaram o trabalho. Depois disso, realiza-se apontamentos sobre os resultados obtidos, a fim de destacar as possibilidades e limites do uso desse tipo de prática em aulas de Geografia na educação básica.

Geografia, arte e grafitti

A Geografia e a Arte estão mais conectadas do que é possível imaginar. Ao considerar que a ciência geográfica busca analisar as interações do ser humano com os seus espaços de vivência, os saberes artísticos, ao focalizarem uma dimensão mais ligada à subjetividade humana, permitem identificar nessas interações a expressão de sentimentos e saberes que de nenhuma outra forma seria possível de se traduzir

¹ O movimento surge com uma estética muito própria, com o uso de acessórios e vestimentas muito característicos. Com o tempo, o mercado apropria-se desses estilos e passa a vendê-los como artefatos culturais do movimento.

com a mesma intensidade e nível de detalhe. Em outras palavras, como disse Da Vinci ainda no século XV, “a arte diz o indizível, exprime o inexprimível, traduz o intraduzível” (KRESS, 2000, p. 17).

Segundo Vygotsky (*apud* DUPRET, 2008), a arte é capaz de despertar paixões nos seres humanos, exprimindo seus sentimentos mais internalizados, dando maior vivacidade às práticas sociais. Em outras palavras:

A arte introduz cada vez mais a ação da paixão, rompe o equilíbrio interno, modifica a vontade em um sentido novo, formula para a mente e revive para o sentimento aquelas emoções, paixões e vícios que sem ela teriam permanecido em estado indefinido e imóvel. (DUPRET, 2008, p.416).

Nesse sentido, a arte cria movimentos tanto de quem produz as obras, quanto de quem tenta as decifrar e assim exercitar a sua interpretação. Essa inquietação, por sua vez, se manifesta e dinamiza a porção espacial na qual ela está inserida. Em outras palavras:

A obra de arte pode ser uma interrogação da vida e da história e, ao mesmo tempo, uma possibilidade de resposta. Mais do que um segredo da criação subjetiva ou pura expressão da sensibilidade humana é a arte capaz de apresentar um lado ignorado ou mesmo esquecido do mundo habitado pelos homens (BARBOSA, 2000, p. 70).

Diante disso, pode-se dizer que a arte é uma forma de simbolismo na qual uma sociedade exerce a sua comunicação no espaço, expressando a sua cultura. Cosgrove (1998) traz essa ideia com maior profundidade, acreditando que essas expressões simbólicas na paisagem lhe conferem um aspecto mais humanizado. Além disso, ele incorpora à sua visão um aspecto crítico no que diz respeito à análise da paisagem, uma vez que ela é produzida por indivíduos pertencentes a uma classe. Isto, por sua vez, pode representar o exercício do poder na construção de identidades espaciais.

Claval (1999) também faz apontamentos acerca desse campo da subjetividade humana, ressaltando a sua importância, principalmente nos estudos culturais. De acordo com o autor “a percepção do real, os meios para modificá-lo e os sonhos, que muitas vezes servem de modelos para a ação, são produtos originados da cultura: é esta a importância destes temas” (p. 29).

A partir do que foi visto neste tópico, assume-se uma perspectiva em que a arte é vista como possuidora de um caráter dinâmico e que mostra que a cultura e a sociedade sempre estão em constante movimento. Nessa perspectiva, a comunicação exercida pelas obras possui um caráter simbólico. Desta maneira, tem-se também a manifestação do grafite como uma forma de expressão artística que é alicerçada, dentro da perspectiva de Cosgrove (1998), como manifestação humanizada.

Pode-se dizer que os primeiros registros de uma arte impressa nas paredes advêm da pré-história, por meio das pinturas rupestres, como uma forma que o ser humano encontrava de registrar a sua vida e deixar suas marcas nos territórios habitados. Outros registros pertencem ao Império Romano, sendo inclusive de onde surge o termo *graffiti* (inscrição sobre as paredes), mais precisamente em Pompéia, onde este tipo de manifestação era uma forma dos cidadãos promoverem a comunicação entre si (MITTMAN, 2012).

A manifestação por meio de desenhos continuou no decorrer da história e na década de 1960 essas inscrições nas paredes voltam a ganhar força. Em maio de 1968, o grafite ressurgiu como um importante instrumento de comunicação nos muros da França. Nesse período, durante as revoltas dos movimentos estudantis franceses, essa expressão artística passa a reivindicar um caráter de cunho político bastante evidente, propagando diversas ideias libertárias, convocando para eleições públicas e também para manifestações e atos públicos (SHISHITO, 2017). Desse modo, pode-se perceber a gênese de um caráter mais transgressor dessa arte no espaço urbano.

No entanto, o grafite em sua forma mais conhecida e que ganhou proporções globais, ou seja, como parte do movimento hip-hop, surge em Nova Iorque no final da década de 1960, mais precisamente em bairros com predominância de negros e latinos, tais como o Bronx, Harlem e Brooklyn (idem, 2017). Neste sentido, ele surge como um dos quatro pilares que, segundo Sunega (*apud* GOMES, 2012), sustentam o movimento *hip-hop*, juntamente com o DJ (Disc Jockey)², MC (Mestre de Cerimônia)³ e o break⁴. Segundo Balbino e Motta (*apud* GOMES, 2012) “o grafite é uma arte sem limitações espaciais ou ideológicas e isso faz dela democrática. Qualquer um pode fazer parte. A arte consegue tirar o espectador da mera condição de consumidor que ele experimenta ao observar um outdoor” (2012, p. 14). A partir daí pode-se dizer que ele se configura socioespacialmente como uma forma que busca dar voz a esses sujeitos silenciados, sendo que a partir de sua manifestação são capazes de denunciar as condições de pobreza de seus locais, o preconceito que sofrem e demais problemas que os afetam.

Contemporaneamente a esse período, essa manifestação artística chega ao Brasil, tendo as ruas de São Paulo como palco desse movimento. Nessa mesma época, o país passava pelo doloroso período da ditadura civil-militar (1964 a 1985). Sendo assim, o grafite configurou-se como importante meio de contestação aos “anos de chumbo”, mostrando-se um importante instrumento de resistência.

A partir da década de 1970, quando essa expressão artística passa a fazer parte com mais força da paisagem urbana em cidades de diferentes regiões do mundo, emerge a discussão – especialmente em contextos ligados ao mundo das artes – acerca dos limites entre o grafite e o que se convencionou chamar de pichação. Ambas as manifestações são feitas, em geral, com o mesmo material, estão presentes em espaços públicos e privados, marcando presença em muros, igrejas, escolas, entre outros espaços. Contudo, embora essas duas formas de expressão possuam um caráter transgressor e crítico, existem diferenças entre elas quando são vistas a partir de sua dimensão estética. Segundo Ramos (*apud* COSTA; CRUZ, 2008):

[...] na pichação, não há qualquer gesto estético qualitativo obrigatório, nem quanto à forma e nem quanto ao conteúdo (...) o processo é aleatório e anárquico, permite

² DJ (Disk Jokey) é o artista que reproduz diferentes composições trabalhando um pouco o seu conteúdo para um determinado público alvo;

³ MC (Mestre de Cerimônia) pode ser o termo designado ao artista que compõe as letras de rap e canta para o público ou também, o apresentador de cerimônia, não estando necessariamente ligado à música;

⁴ *Break* ou *breakdance* se refere a uma dança de rua criada por afroamericanos e latinos na década de 1970 nos Estados Unidos, dançada ao som do hip-hop.

que qualquer um possa atuar utilizando (giz, carvão, caneta, corretivo, tinta) escrevendo, desenhando, pintando ou rabiscando (COSTA; CRUZ, 2008, p. 102)

Por outro lado, Dupret (2008), traz uma concepção um pouco destoante da apresentada por Ramos, uma vez que aponta em ambas as manifestações fundamentam-se em concepções muito parecidas acerca de aspectos mais relacionados às técnicas empregadas e as produções. No entanto, pichadores e grafiteiros possuem diferentes representações no imaginário coletivo e distintos acessos aos espaços de expressão, o que indica diferentes formas de legitimação dessas manifestações pela sociedade. Em suas palavras:

Cabe esclarecer, entretanto, que existem algumas diferenças entre a pichação e o grafite, dentre elas gostaríamos de destacar em relação aos pichadores, a inovação, ousadia e sofisticação em criar tags e a própria manutenção no lugar de discriminados, excluídos e à margem das sociedades, invadindo monumentos, pichando fachadas de edifícios e lugares quase inacessíveis. Quanto aos grafiteiros, embora mantenham as características de criativos, inovadores, ousados, espontâneos, sofisticando seus traços, formas e letras, se fazem cada vez mais presentes nos diversos contextos, marcando historicamente sua inserção social e participação no mercado de trabalho. (DUPRET, 2008, p.417)

Entretanto, na concepção de Mittmann (2012), no caso da pichação existe um caráter de não compreensão dos códigos gerados pelos emissores da mensagem, que se realiza em um contexto de comunicação em um circuito restrito a quem compartilha as regras de sua produção. Neste sentido, passa a ser mais difícil para o indivíduo que vê de fora internalizar a mensagem ali gerada. Shishito (2017) esclarece que:

Devido a seu caráter transgressor de ocupação do espaço público, a *pichação* é pouco compreendida até os dias atuais, pois, diferente das expressões urbanas que a antecedem, é um movimento de escrita direcionado aos próprios atores desse movimento. É um código-território fechado: o *pichador* marca, apropria-se de um espaço físico, entretanto, essa comunicação circula apenas entre os demais *pichadores* (SHISHITO, 2017, p. 20)

Nesse sentido, pode-se dizer que o grafite representa uma forma de diálogo e comunicação entre diferentes sujeitos que habitam o espaço das relações cotidianas, por meio de um complexo conjunto de artefatos simbólicos. Em outras palavras, e em concordância com Cosgrove (1998), os sujeitos se comunicam e imprimem suas marcas no espaço por meio desse repertório de símbolos, apropriando-se desses espaços e criando neles territorialidades que são internalizadas pelos sujeitos que os vivenciam.

Portanto, tem-se no grafite uma forma de imprimir territorialidades e produzir identidades no espaço. Sendo assim, é possível afirmar que existem diferentes aspectos que ligam essa expressão artística e a Geografia, uma vez que esta é a ciência que analisa as manifestações do ser humano no espaço. Sendo assim, pode-se considerar também a potencialidade de uso deste tipo de manifestação enquanto recurso para o ensino de Geografia, tópico que será tratado a seguir com o objetivo de propor alternativas significativas para a aprendizagem geográfica referenciada nos saberes da ciência e também no contexto de vida dos estudantes.

A oficina: procedimentos

A oficina de grafite se constituiu como uma parte da programação da Semana da Consciência Negra que ocorreu no Colégio Estadual João de Mattos Pessoa, localizado no Município de Irati/PR. A organização deste evento partiu da iniciativa da professora preceptora do programa Residência Pedagógica vinculada ao subprojeto do Curso de Geografia da Unicentro - Campus de Irati, juntamente com alguns outros professores que atuavam no colégio e os bolsistas-residentes que ali desenvolviam suas atividades.

Uma das principais justificativas trazidas pela professora é que diversos elementos da cultura *hip-hop*, como o *rap* estavam presentes na vida desses jovens, os quais eram compartilhados diariamente entre eles na escola. Além disso, segundo o que ela relatou, a grande maioria deles vivia em bairros com condições de vida bastante precárias, marcados diariamente pela alta criminalidade, a violência, preconceito (grande parte sendo de cunho racial) e descaso do poder público. Não bastando isso, ao chegarem ao colégio, eles não se sentiam pertencentes ao ambiente, uma vez que até mesmo a estrutura física não favorecia a manifestação livre desses grupos. Isso acaba indo ao encontro do que seria um conflito cultural estabelecido na escola. Segundo Cavalcanti (2012, p. 45), “a escola lida com culturas, seja no interior da sala de aula, seja nos demais espaços escolares, e a geografia escolar é uma das mediações pelas quais o encontro e o confronto entre culturas acontecem.”

Nesse sentido, havia um afastamento cada vez maior dos alunos com o colégio, devido uma grande divergência entre as normas estabelecidas e as identidades dos sujeitos que frequentam a escola. Isso, por sua vez, vai ao encontro da ideia em que:

[...] o ambiente pedagógico tem de ser lugar de fascinação e inventividade. Não inibir, mas propiciar uma dose de entusiasmo requerida para que o processo de aprender aconteça como uma mistura de todos os sentidos. Uma reviravolta dos sentidos (significados e potenciamento de todos os sentidos com os quais sensoriamos corporalmente o mundo), porque aprendizagem é, antes de mais nada, um processo corporal. Todo o conhecimento tem uma inscrição corporal e, por isso, deve ser acompanhada pela sensação de prazer (ASSMAN, 1998, apud SANTOS e SCHIAPETTI, 2011, p. 168)

Baseado nesta busca em proporcionar um melhor aprendizado, buscou-se fazer do ambiente pedagógico um lugar que gerasse fascinação por parte do aluno a partir da aproximação com elementos presentes na sua realidade a fim de trazer maior sentido à prática de ensino e um resultado mais efetivo na aprendizagem desse sujeito. Isto também corrobora com a ideia de Alves (2016) no que diz respeito ao rendimento dos alunos nas atividades, pois eles, ao se sentirem parte da escola e incluídos na prática do professor possuem maior interesse e aproveitamento.

Baseado em todas essas ideias, foi seguida uma linha de ação para a realização da atividade. Devido à questão do tempo e em decorrência de diversas oficinas realizadas concomitantemente a esta, os alunos tiveram apenas 2 horas/aulas para realizá-la. Eles foram divididos em dois grupos de acordo

com a escolha da equipe pedagógica da escola. Sendo assim, um era composto apenas por meninos e o outro apenas por meninas, ambos da turma de 8º ano do colégio.

A oficina seguiu a seguinte configuração, dividida basicamente em quatro etapas:

1. **Explicação teórica:** nesta etapa, foram trazidos aspectos históricos acerca do grafite, seu caráter urbano ligado à cultura *hip-hop*, uma discussão acerca da diferença entre grafite e pichação e a apresentação de algumas imagens referentes a esta prática.
2. **Prática:** após a explicação, os alunos foram para a prática. Nesta etapa, por questões de dificuldades quanto à estrutura física da escola, a equipe pedagógica do colégio disponibilizou dois painéis de madeira com cerca de 1,5x2m para a realização desta atividade, sendo que um deles foi utilizado com os meninos e o outro com as meninas. De posse dos painéis, foram distribuídas luvas e latas de tinta spray aos alunos. Como vários teriam dificuldades com relação à produção de desenhos, foram também disponibilizados alguns moldes feitos com placas de material plástico a fim de incluir o máximo de estudantes na prática, de modo que, se sentissem motivados para participar.
3. **Exposição:** finalizada a etapa 1 e 2, os painéis foram postos em exposição no colégio durante toda a Semana da Consciência Negra.
4. **Aplicação dos questionários:** após a finalização das etapas acima descritas, foi aplicado um questionário de avaliação da atividade onde buscou-se explorar seus impactos na vida e na aprendizagem dos alunos.

Findados os procedimentos acima listados, promoveu-se uma discussão com um grupo focal, formado pelos estudantes participantes da oficina acerca das impressões sobre a realização da atividade, trazendo os pontos positivos e negativos de sua realização. Estes apontamentos, por sua vez, serão trazidos com maiores detalhes no próximo tópico, onde serão destacados os resultados obtidos.

Resultados e discussão: para além do azul e rosa

A realização desta oficina trouxe uma série de diferentes resultados, os quais foram trazidos ao debate e podem ser vistos no presente tópico. Para melhor avaliá-los, foram distribuídos questionários com cinco questões⁵ referentes à aplicação da atividade para que os estudantes participantes da oficina respondessem.

Em linhas gerais, é possível destacar, que não houve qualquer resposta negativa com relação ao fato de aprovarem a participação na atividade. Dentre esses alunos que assim se manifestaram, todos marcaram que a parte que mais se sentiram realizados foi justamente a atividade prática com a tinta spray.

⁵ As questões, de modo geral, buscaram explorar se a atividade despertou o interesse nos estudantes, qual a parte de toda a oficina que eles mais gostaram (teórica ou prática), se eles se sentiram inseridos na prática educativa ocorrida, a compreensão sobre como a Geografia e a Arte se juntam na produção do conhecimento e o papel crítico da manifestação do grafite.

Isso se deve ao fato de que se tratou de uma atividade de cunho diferenciado, utilizando-se de uma linguagem pouco habitual nas aulas da disciplina de Geografia, fugindo da rotina. Além disso, é possível afirmar, por meio das respostas, que foi uma experiência nova para muitos deles, já que tiveram acesso ao spray e puderam exercitar o movimento de impressão de sua marca na paisagem por intermédio dos símbolos por eles desenhados no painel, chamando-os a refletir sobre o papel da arte na transformação das paisagens.

Uma das preocupações da professora preceptora do programa de Residência Pedagógica, era que a atividade envolvesse os estudantes a partir de elementos que fossem próximos do seu cotidiano de vivência, a fim de que ela fizesse sentido para eles. Levando em conta as respostas dos estudantes no questionário de avaliação, onde a maioria afirmou que “gostou” de participar da atividade, pode-se dizer que o uso do grafite permitiu esse engajamento da maioria dos estudantes nas diferentes etapas do projeto didático.

Sendo assim, pode-se dizer que houve o envolvimento dos estudantes na atividade e a participação efetiva dos sujeitos no processo de ensino aprendizagem, corroborando com Assman (1998 apud SANTOS; SCHIAPETTI 2011) que destaca o fato de que quando há a atuação do corpo nesse processo, a aprendizagem tende a ser mais significativa. Nesse caso, pode-se dizer que eles puderam compreender o seu papel como sujeitos atuantes e transformadores da paisagem por meio da simbologia da arte.

Como a atividade foi realizada em dois momentos diferentes, em grupos que reuniram meninos e meninas alternadamente, os quais possuem corpos e percepções da realidade distintos, há uma significativa diferença nos resultados da realização da atividade.

Na primeira prática, ocorrida com os meninos, é possível fazer algumas ponderações. A primeira delas é que, apesar de utilizarem os moldes como uma forma de testar as diferentes cores de spray no painel, houve uma maior predominância da cor vermelha, seguido pelo verde e o preto em suas produções. A diversidade de cores utilizadas foi menor.

Outro aspecto, diz respeito a algo mais ligado à estética das produções, uma vez que houve menor preocupação com a plasticidade de desenhos, havendo mais grifos com assinaturas de nomes, tendendo para uma forma que seria considerada mais pichação do que do grafite. Esses detalhes podem ser vistos conforme consta na Figura 1:

Figura 1: Produção realizada pelos meninos em processo de construção



Fonte: Autores, 2019.

Pode-se dizer que na produção dos meninos houve uma postura transgressora mais evidente, que foi manifestada por meio spray. Do ponto de vista estético, o trabalho deles se aproximou mais do que poderia ser considerado como “pichação”, podendo ser interpretado como um aspecto desafiador das regras de sua produção, considerando que havia sido discutido em sala de aula as diferenças entre *grafite* e *pichação*. Todavia, registrou-se uma manifestação que claramente tinha a intenção de “sabotar” a proposta da atividade, posto que um dos meninos utilizou do spray para fazer uma inscrição de cunho político-partidário de extrema-direita sobre a placa. O período no qual ocorreu a atividade foi muito próximo ao término das eleições de 2018 e o político homenageado em questão foi o candidato vencedor na corrida eleitoral.

Segundo relatos da própria professora, o aluno responsável por essa manifestação possui um perfil bastante problemático e transgressor de regras dentro do ambiente escolar. Além disso, promovia mensagens de ódio aos seus professores e manifestava constante apoio às ideias de cunho radical promovidas por esse político. Desse modo, ele viu na oficina uma oportunidade de realizar tal ato, configurando algo de cunho provocativo completamente desafiador ao contexto da atividade, como também, ao mesmo tempo, foi uma maneira que ele encontrou para reivindicar maior visibilidade diante de seus colegas.

Toda essa situação, por sua vez, trouxe uma discussão interna entre os realizadores da oficina acerca da definição de princípios, critérios e procedimentos de orientação nas produções e o que seria interessante trazer para as próximas atividades a fim de melhor organizar o processo de aprendizagem. Desse modo, acredita-se que, embora tivesse havido problemas na realização da oficina, os princípios que regem uma educação de qualidade e que seja, de fato, libertadora, devem considerar uma metodologia mais propositiva e menos proibitiva. Partindo desse pressuposto, ao orientar melhor os estudantes, buscase fazer com que a realização da atividade ocorra de maneira mais satisfatória, uma vez que existem

objetivos a serem cumpridos e estes, por sua vez, devem estar de acordo com o projeto curricular da escola e com os princípios que fundamentam os direitos de acesso à escola e ao conhecimento. Desse modo, sabendo que a escola tem um papel de formação para a cidadania, sugere-se que as expressões dos estudantes e as atividades conduzidas pelos docentes estejam referenciadas em projetos claros e explícitos de aprendizagem, que possam dar conta das diferentes expectativas dos sujeitos e do conjunto de direitos que orientam a atividade escolar.

Após a primeira oficina, chegou a vez das meninas, que imprimiram diferenças significativas em relação à realização da sessão anterior com os meninos. Desta vez, pode-se notar que houve uma maior utilização de cores na produção em relação à primeira, havendo desenhos com maior vivacidade, com predominância do azul claro, vermelho, verde e amarelo. Nesse caso, houve uma menor utilização da cor preta e praticamente não houve a inscrição de grifos sobre as placas. Ademais, vale destacar a maior atenção delas com a plasticidade dos desenhos e a preocupação em tentar elaborar formas e cores diversas utilizando o spray. Sendo assim, houve uma maior aproximação do que seria considerado o “grafite”, conforme pode ser visto na Figura 2:

Figura 2: Produção realizada pelas meninas em processo de construção



Fonte: Autores, 2019.

Além do que foi dito, pode-se perceber uma manifestação com caráter bem menos transgressor do que a primeira sessão da atividade, bem como um diferente entendimento do que era a proposta. É possível destacar que houve inclusive o desenho simbólico de um arco-íris, que abre margem para diversas interpretações, relacionadas inclusive a fatores pessoais, como sentimentos, questões afetivas ou até a alguns problemas sociais existentes.

Assim como na primeira oficina, nessa também houve uma tentativa de manifestação de cunho político-partidário a um presidenciável do ano de 2018. Todavia não era o mesmo mencionado anteriormente. Nesse caso, tratava-se de um candidato de centro-esquerda, de orientação política completamente diferente do anterior. Isso, por sua vez, mostra certo contraste de visões entre os diferentes estudantes. Pode-se também imaginar que a tentativa de manifestação desta estudante tem a ver como

uma possível forma de resistência à que foi feita pelo seu colega de orientação conservadora, o que só confirma as potencialidades de uso do grafitti e da pichação como meios de expressão dos estudantes.

Na figura 3, podem ser vistas as produções lado a lado:

Figura 3: Produção final dos meninos e meninas do colégio



Fonte: Autores, 2019.

A realização da oficina traz interessantes pontos para a discussão, bem como mostra um pouco sobre como diferentes corpos são capazes de perceber o espaço vivido e de nele se manifestar. Nesse recorte específico, pôde-se perceber um pouco das diferenças de visões de mundo dos estudantes e como eles compreendem o papel da arte e de suas manifestações na construção das paisagens e das referências de identidade.

Apesar das dificuldades, pode-se dizer que houve uma aproximação entre a teoria e a prática pedagógica, conforme sugere Alves (2016), uma vez que ao analisar processo percebe-se que, de maneira geral, a oficina foi significativa aos alunos. Nesse sentido, consideramos que foi uma prática que cumpriu com o objetivo proposto de provocar o debate e a produção de novas representações sobre o tema.

Considerações finais

Pode-se concluir, por meio da realização desse trabalho, que o grafite é um importante instrumento utilizado pelo ser humano para se expressar. Trata-se de uma importante manifestação artística que se liga com o campo da Geografia, pois ao mesmo tempo em que exprime sentimentos de um indivíduo ou grupo, é também uma forma de exercer territorialidades em determinadas porções do espaço, e também de afirmação de identidades ligadas a esses territórios.

Todas essas importantes questões estão presentes na vida de muitos jovens, principalmente aqueles que vivem em localidades mais marginalizadas pela sociedade. Devido a isso, faz-se importante trazer o grafite como um importante instrumento didático da Geografia Escolar a fim de mediar o confronto entre culturas, conforme sugerido por Cavalcanti (2012). Além disso, a experiência realizada demonstrou ser uma forma de despertar o interesse do aluno, o que é muito importante para ele e para o

professor, especialmente no que se refere à elaboração de novas propostas didáticas a fim da obtenção resultados consistentes e pertinentes à vida de quem frequenta a escola.

Embora haja pontos negativos, que servem como forma de aprendizado no aperfeiçoamento para a realização de outras atividades, é possível afirmar que a oficina fez com que os alunos compreendessem um pouco mais desse universo que os circunda, aplicando conceitos na prática de uma forma mais lúdica e significativa. Além disso, a oficina mostrou também que, ao não serem tratados como meros expectadores, os estudantes sentem-se motivados e tendem a mais facilmente compreender o seu papel na transformação do mundo.

Contudo, cabe ressaltar também que as inovações metodológicas tendem ao vazio quando não possuem clareza acerca do que elas pretendem transportar, enquanto conhecimento a ser ensinado e aprendido. O potencial de atividades como essa depende diretamente da definição de objetivos claros e explícitos dos saberes conceituais, atitudinais e procedimentais envolvidos em sua elaboração.

As potencialidades do grafite como meio de expressão dos alunos são gigantescas, uma vez que permite a eles uma vivência diferente da arte, dentro da qual ele estará participando como sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem, refletindo também sobre questões socioespaciais e suas relações com o cotidiano. Além disso, permite também que eles possam compreender o caráter transgressor da arte de rua e seu papel na definição dos rumos da sociedade.

Por fim, espera-se por meio deste trabalho contribuir na produção de conhecimento científico que objetive elaborar novas práticas que aproximem cada vez mais a Geografia do universo vivido do aluno, de modo que, desperte seu interesse pela escola e pelo conhecimento. Além disso, é inegável a contribuição que a atividade promoveu na formação docente dos bolsistas-residentes e demais envolvidos no processo, demonstrando que programas que promovem a interação entre universidade e escola – como são o de Residência Pedagógica e o PIBID –, são importantes instrumentos contextualizados e significativos para o desenvolvimento profissional docente.

Referências

- ALVES, C. C. E. Ensino de Geografia e suas diferentes linguagens no processo de ensino e aprendizagem: perspectivas para a educação básica e geográfica. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 6, número especial (3), fev. 2016, p. 27-34.
- BARBOSA, J. L. A arte de representar como reconhecimento do mundo: o espaço geográfico, o cinema e o imaginário social. **GEOgraphia**. Ano II, n. 3. Rio de Janeiro: UFF, 2000.
- CAVALCANTI, L. S. A “geografia do aluno” como referência do conhecimento geográfico construído em sala de aula. In: **O ensino de geografia na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012. p. 45–47.
- CHIAPETTI, R. J. N.; SANTOS, R. C. E. Uma investigação sobre o uso das diversas linguagens no ensino de Geografia: uma interface teoria e prática. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 15, n.3, set./dez. 2011, p.167-184.
- CLAVAL, P. *A geografia cultural: o estado da arte*. In: Manifestações da Cultura no Espaço. (Org.) R.L. Corrêa et al. Rio de Janeiro, EdUERJ, 1999b, p. 59-97.

- COSGROVE, D. **A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas**. In: CORRÊA, R. L.; ROZENDAHL, Z. (Orgs.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. p. 222-236.
- COSTA, M. T.; CRUZ, D. M. Grafite e pichação – que comunicação é esta?. **LINHAS**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 95–112, jul./dez. 2008.
- DUPRET, L. Subjetividade e arte de rua: 100% graffit. **Psicologia Escolar e Educacional**, v.12, n. 2, p.413-421, 2008.
- GALO, F; SHISHITO, A. A.A resistência do lugar e o grafite: identidade, cidadania e meio ambiente no distrito de Grajaú em São Paulo-SP. In: **XVII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional**, 2017, São Paulo. Anais XVII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 2017.
- GOMES, R. L. **Território usado e movimento hip hop: cada canto um rap, cada rap um canto**. 2012. 159 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
- KRESS, R. C. C. **Consciência**. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 200. v. 1000. 248p.
- MITTMANN, D. **O sujeito-pixador: tensões acerca da prática da pichação paulista**. 2012. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2012.
- SHISHITO, A. A. A Nova Geografia Cultural de Cosgrove e o grafite como proposta de entendimento da paisagem. **Revista Geografia e Pesquisa**, Ourinhos, v. 11, n. 2, p. 16-24, 2017

BACICH, LILIAN; MORAN, JOSÉ. METODOLOGIAS ATIVAS PARA UMA EDUCAÇÃO INOVADORA: UMA ABORDAGEM TEÓRICO- PRÁTICA. PORTO ALEGRE: PENSO, 2018.

*ACTIVE METHODOLOGIES FOR INNOVATIVE EDUCATION: A THEORETICAL-PRACTICAL
APPROACH*

Lucas Baffi Ferreira Pinto¹

¹Mestre e bacharel em Direito pela Universidade Católica de Petrópolis (UCP). Coordenador e professor do curso de Direito do Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO) e professor das Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA).

As transformações ocorridas nas áreas da educação e da prática docente não foram exclusivas de tais áreas. As referidas transformações ocorreram dentro de um contexto mais amplo e envolveram outras áreas como a ciência, a tecnologia, a comunicação, a economia etc.

A criatividade passou a ser um diferencial na formação do profissional moderno, sendo cada vez mais valorizadas as habilidades de empreender, criar e ser protagonista em sua atuação.

As metodologias ativas, aliadas às tecnologias digitais, são poderosos instrumentos para buscarmos tais objetivos transformadores na formação do profissional atual. A obra analisada propõe uma reflexão, a partir de uma abordagem teórico-prática, “sobre como ensinar e aprender com metodologias ativas, envolvendo contribuições de abordagens que utilizam resolução de problemas, projetos, programação, ensino híbrido, *design thinking* e jogos, entre outros” (BACICH; MORAN, 2018, p. 22)

O processo de implementação das metodologias ativas, as estratégias a serem utilizadas e as consequências de sua utilização estão entre os desafios do texto. Tal processo analisa o envolvimento das instituições de ensino, professores e demais profissionais da área da educação, sendo a proposta da presente obra refletir sobre a incorporação das tecnologias digitais na implementação de metodologias ativas no ensino-aprendizagem.

Paralelamente, não se pode negar o papel das pesquisas em educação, psicologia e neurociência¹, que demonstram que cada ser humano tem o seu processo de aprendizagem próprio, que varia a partir de conexões cognitivas e emocionais.

¹ Neurociência estuda como o sistema nervoso (que coordena as ações do nosso organismo) se desenvolve e o que ele faz. Os neurocientistas tentam decifrar os comandos do cérebro e todas as suas funções. Isso é importante porque o cérebro controla tudo o que fazemos, como nossa memória e nossos sentidos, por exemplo. Em relação ao tema do presente texto, interessa o estudo das funções e comandos do cérebro relacionados a aprendizagem.

Nesse sentido, a fim de garantirmos a participação efetiva do aluno no processo de ensino-aprendizagem, é necessário assumirmos a necessidade de utilização de estratégias metodológicas que desenvolvam o potencial cognitivo para tanto.

Assumir a necessidade de estratégias metodológicas que garantam o desenvolvimento do potencial cognitivo de cada aluno é uma condição para assegurarmos a participação efetiva do mesmo na sociedade. Nesse contexto, surge o questionamento:

se a sociedade está em constante transformação e se a educação, nela inserida, também passa por mudanças, como o professor, ponto extremo da realização dessas alterações no meio educacional, está enfrentando a complexidade dos novos saberes necessários ao aprimoramento do ensinar? (CARVALHO, 2010)

As metodologias ativas transformaram a relação ensino-aprendizagem, criando um ambiente em que o estudante passa a ter um papel efetivo e participativo na sua formação. A utilização das referidas metodologias implica em uma mudança no papel dos atores no processo de aprendizagem.

Um fator importante nesse ambiente é a variedade de estratégias metodológicas, que vão desde o planejamento das aulas até a efetiva implementação na sala de aula. Considerando que as pessoas não aprendem da mesma forma, no mesmo ritmo e ao mesmo tempo, a inserção de metodologias ativas se torna um aliado no aumento do engajamento dos estudantes.

A doutrina discute diversas formas de atuação dos novos atores, sendo tratado no livro, dentre outras coisas, um rol de metodologias ativas que possibilitam o protagonismo do estudante, em maior ou menor grau. Sobretudo no mundo atual, marcado transitoriedade e aceleração das informações, o sujeito que aprende passa a ser o centro das atenções:

Os estudantes do século XXI, inseridos em uma sociedade do conhecimento, demandam um olhar do educador focado na compreensão dos processos de aprendizagem e na promoção desses processos por meio de uma nova concepção de como eles ocorrem. (BACICH; MORAN, 2018, p. 77)

Após a reflexão sobre o tema em sentido amplo, destaca-se a estrutura da obra analisada na presente resenha. O livro é dividido em duas partes, sendo a primeira composta de seis capítulos, destinados à reflexão do cenário atual, com multiplicidade de pessoas, tecnologias e situações. Além disso, aborda o ensino híbrido, as tecnologias e as metodologias ativas na educação *on-line*.

Na segunda parte, composta de quatro capítulos (7 ao 10), o foco é a reflexão acerca da formação dos professores para a implementação de metodologias ativas em sala de aula, com foco na discussão de estratégias para o uso de tecnologias digitais nessa formação. A discussão da segunda parte envolve também a análise de experiências bem sucedidas no uso de metodologias ativas por meio de tecnologias digitais, tanto no âmbito nacional, quanto internacional.

A principal contribuição do presente estudo é apresentar que existem possibilidades e caminhos para a implementação de metodologias ativas no processo de ensino e aprendizagem. O pano de fundo da presente reflexão é o aprimoramento do desenvolvimento de competências e habilidades a partir da

construção do conhecimento, possibilitando que os sujeitos interpretem e analisem criticamente a realidade na qual está inserida.

Cada vez mais a sociedade e o mercado exigem profissionais com autonomia intelectual e criatividade, sendo certo que tais habilidades e competências devem ser estimuladas em todos os níveis de ensino.